

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO**

**GIOVANNA VIROLI BUDIN**

**EU ESTAVA ALI, JUNTO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE BIBLIOTECÁRIOS  
ESCOLARES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS NO USO DAS  
TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DURANTE O  
ENSINO REMOTO EMERGENCIAL (2020-2021)**

**FLORIANÓPOLIS**

**2024**

**GIOVANNA VIROLI BUDIN**

**EU ESTAVA ALI, JUNTO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE BIBLIOTECÁRIOS  
ESCOLARES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS NO USO DAS  
TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DURANTE O  
ENSINO REMOTO EMERGENCIAL (2020-2021)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Gestão da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda de Sales

Coorientadora: Profa. Dra. Tania Regina da Rocha Unglaub

Linha de pesquisa: Informação, Memória e Sociedade

**FLORIANÓPOLIS**

**2024**

**GIOVANNA VIROLI BUDIN**

**EU ESTAVA ALI, JUNTO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE BIBLIOTECÁRIOS  
ESCOLARES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS NO USO DAS  
TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DURANTE O  
ENSINO REMOTO EMERGENCIAL (2020-2021)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Gestão da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda de Sales

Coorientadora: Profa. Dra. Tania Regina da Rocha Unglaub

Linha de pesquisa: Informação, Memória e Sociedade

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Fernanda de Sales, Dra.

Universidade do Estado de Santa Catarina

Membros:

Profa. Eliane Fioravante, Dra.

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Prof. Eduardo Valadares da Silva, Dr.

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Florianópolis, 30 de julho de 2024

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar estes agradecimentos a todas as mulheres que fizeram e fazem parte da minha vida: minha mãe Adriana, minha avó Vera, minha irmã Gabriella, minhas tias Andréia e Edilene, minha prima Carol, minhas amigas Amanda e Julia e minhas maravilhosas orientadoras. Eu não poderia ser a mulher e a pesquisadora que sou hoje, sem essas mulheres incríveis ao meu redor que me ensinam e me inspiram. Em especial, preciso mencionar minha mãe Adriana, que me ensinou nos quatorze anos em que estive ao meu lado, tudo o que preciso saber sobre amor e resiliência nesta vida. Obrigada!

Desejo mencionar ainda a minha orientadora Profa. Dra. Fernanda de Sales, por abraçar meu projeto e acender a fagulha que precisava para transformá-lo nesta dissertação. Desde a graduação, seus ensinamentos foram essenciais para minha formação como pesquisadora. Agradeço pelas orientações, pelas conversas, pelo incentivo e por estar ao meu lado nesta jornada. Acredito que somos tão parecidas quanto duas pessoas tão diferentes podem ser e isso é incrível, eu a admiro muito.

À minha coorientadora Profa. Dra. Tânia Regina da Rocha Unglaub, agradeço por me receber inicialmente no mestrado e dar todo o apoio e incentivo para que eu pudesse perseverar. Você ouviu minha história e me acolheu, obrigada!

Obrigada aos bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis que contribuíram com suas experiências para a escrita desta dissertação. Espero que considerem os resultados desta pesquisa positivos para a merecida valorização do seu trabalho.

Ao meu parceiro, Bruno, agradeço por ser minha companhia nesta vida, por me conhecer tão bem e acreditar no meu caminho todas as vezes que penso em desistir.

Não posso deixar de agradecer também aos meus colegas do mestrado. Estar entre vocês foi uma experiência muito boa, me senti verdadeiramente abraçada por este polvo de tentáculos infinitos. Foi incrível, obrigada!

Ao corpo docente do PPGInfo, por ensinarem com maestria e conduzirem suas aulas em espaços de diálogo e socialização constantes e à Universidade do Estado de Santa Catarina, a todos os funcionários que contribuem para o funcionamento desta instituição, onde pude cursar minha graduação e pós-graduação por meio do ensino público.

Por fim, obrigada a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que minha jornada no mestrado fosse possível. Espero que este seja mais um passo em direção a uma caminhada de sucesso, repleta de encontros e parcerias positivas. Obrigada a todos!

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo conhecer as representações construídas por bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis acerca do uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no contexto do ensino remoto emergencial nos anos de 2020 e 2021, período da pandemia de COVID-19. Trata-se de uma pesquisa com objetivos exploratórios e descritivos e abordagem qualitativa. Para tal, utilizou-se o método de levantamento, através de entrevistas semiestruturadas. O universo da pesquisa foi a Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, tendo como sujeitos bibliotecários escolares que atuaram durante o período do ensino remoto emergencial. Os dados coletados foram processados e analisados através da construção e interpretação do Discurso do Sujeito Coletivo, com base nos depoimentos coletados. Por meio dos discursos e das representações resgatadas com o Discurso do Sujeito Coletivo foi possível compreender que os bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis precisaram, inicialmente, capacitarem-se de forma individual para atender a demanda por biblioteca escolar durante o Ensino Remoto Emergencial, sem apoio governamental na adaptação de suas atividades. As formações oferecidas tardiamente não abrangiam a área de trabalho dos bibliotecários. Material impresso e livros físicos foram disponibilizados para alcançar alunos que não possuíam acesso às tecnologias para acessar as atividades online. As atividades realizadas durante o Ensino Remoto Emergencial contribuíram para o trabalho de parte dos profissionais no retorno às aulas presenciais, mudando sua relação de trabalho e a conexão da biblioteca escolar com as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, embora o foco na literatura e no contato dos estudantes com a biblioteca e com os livros tenha se mantido.

**Palavras-chave:** ensino remoto emergencial; bibliotecário escolar; Rede Municipal de Ensino de Florianópolis; Representações Sociais; Discurso do Sujeito Coletivo.

## ABSTRACT

This research aims to understand the representations constructed by librarians of the Municipal Education Network of Florianópolis regarding the use of Digital Information and Communication Technologies in the context of emergency remote teaching in the years 2020 and 2021, during the COVID-19 pandemic. It is an exploratory and descriptive research with a qualitative approach. To this end, the survey method was used, through semi-structured interviews. The research universe was the Municipal Education Network of Florianópolis, having as subjects school librarians who worked during the period of emergency remote teaching. The collected data were processed and analyzed through the construction and interpretation of the Collective Subject Discourse, based on the collected statements. Through the discourses and representations retrieved with the Collective Subject Discourse, it was possible to understand that the librarians of the Municipal Education Network of Florianópolis initially needed to train individually to meet the demand for school libraries during Emergency Remote Teaching, without government support in adapting their activities. The training offered later did not cover the librarians' area of work. Printed materials and physical books were made available to reach students who did not have access to technologies to access online activities. The activities carried out during Emergency Remote Teaching contributed to the work of some professionals upon returning to face-to-face classes, changing their work relationship and the connection of the school library with Digital Information and Communication Technologies, although the focus on literature and students contact with the library and books was maintained.

**Key-words:** emergency remote teaching; school librarian; Municipal Education Network of Florianópolis; Social Representations; Discourse of the Collective Subject.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Bibliotecas escolares no ERE.....	20
Quadro 2 - Atividades realizadas por bibliotecários da RMEF.....	42

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Ancoragens
ACB	Associação Catarinense de Bibliotecários
ALA	American Library Association
APP	Associação de Pais e Professores
AVAs	Ambientes Virtuais de Aprendizagem
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEP	Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
DBI	Departamento de Biblioteconomia
DIBEC	Divisão de Bibliotecas Escolares e Comunitárias
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
EaD	Ensino a distância
EBM	Escolas Básicas Municipais
EC	Expressões-chave
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ERE	Ensino Remoto Emergencial
FAED	Centro de Ciências Humanas e da Educação
GFC	Gerência de Formação Continuada
IA	Inteligência Artificial
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Ideias Centrais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
NEIM	Núcleos de Educação Infantil Municipais
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCNS	Parâmetros Curriculares Nacionais
PMF	Prefeitura Municipal de Florianópolis
PNE	Plano Nacional de Educação
PPGInfo	Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação
RMEF	Rede Municipal de Ensino de Florianópolis



SC	Santa Catarina
SME	Secretaria Municipal de Educação
SNBE	Sistema Nacional de Bibliotecas
STF	Supremo Tribunal Federal
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDICs	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UNICEF	Fundação das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>3</b>
<b>2</b>	<b>BIBLIOTECA ESCOLAR.....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>ENSINO E BIBLIOTECA ESCOLAR NO CONTEXTO PANDÊMICO .....</b>	<b>17</b>
<b>4</b>	<b>ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....</b>	<b>25</b>
4.1	UNIVERSO DE PESQUISA .....	26
4.2	TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS .....	27
4.3	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC).....	29
<b>4.3.1</b>	<b>Figuras metodológicas do DSC e suas funções .....</b>	<b>30</b>
<b>4.3.2</b>	<b>Etapas para a construção do DSC .....</b>	<b>31</b>
4.4	RESPONSABILIDADE ÉTICA.....	33
<b>5</b>	<b>O SUJEITO COLETIVO: BIBLIOTECÁRIOS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS DURANTE O ENSINO REMOTO.....</b>	<b>35</b>
5.1	O MEU PRIMEIRO PASSO FOI EU E EU: O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO .....	37
5.2	ALCANÇAR OS MEUS ALUNOS: AÇÕES REALIZADAS DURANTE O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL .....	41
5.3	O COMEÇO FOI DIFÍCIL, NÃO FOI FÁCIL NÃO: TRABALHO E ENSINO NO HOME OFFICE .....	43
<b>6</b>	<b>BUSCANDO CONEXÕES: BIBLIOTECA ESCOLAR NO ERE.....</b>	<b>46</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>49</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>
	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>62</b>
	<b>APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>63</b>
	<b>APÊNDICE C – DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: EXPRESSÕES CHAVE E IDEIAS CENTRAIS .....</b>	<b>97</b>
	<b>APÊNDICE D – SÍNTESE DAS IDEIAS CENTRAIS E DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO .....</b>	<b>130</b>
	<b>APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>137</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Foi com grandes esperanças que a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2023) declarou, em maio de 2023, o fim da pandemia de coronavírus, período que durou aproximadamente três anos e entrará para os livros de história como uma época de instabilidade social e política e um desafio de humanidade para toda a sociedade. Quatro anos após os eventos iniciais deste marco histórico, discutir este acontecimento e sua repercussão é uma tarefa delicada que pode ser árdua para aqueles mais impactados e, no entanto, se faz necessária para a compreensão destas repercussões. Tendo início em 2019, em Wuhan, causada por um recém-descoberto coronavírus (SARS-CoV-2), a doença Covid-19 é transmitida pelo ar através de gotículas expelidas da boca ou do nariz ao tossir ou espirrar, facilitando sua rápida propagação entre pessoas no mesmo ambiente. Uma semana após o alerta de risco pandêmico emitido pela OMS, em 6 de fevereiro de 2020 foi publicada a Lei Nº 13.979 (BRASIL, 2020), dispondo sobre medidas de enfrentamento à emergência em saúde de nível internacional causada pelo Covid-19. Em 26 de fevereiro foi confirmado o primeiro caso da doença em território nacional, alastrando-se pelos estados no início do mês seguinte. Em 11 de março, com 120 mil casos mundiais e 52 casos no Brasil, a OMS decretou a Covid-19 como pandemia (WHO, 2020).

Munido de autoridade conferida pelo Supremo Tribunal Federal (STF), o governo do Estado de Santa Catarina (SC) declarou situação emergencial em todo o território e dentre outras medidas de segurança, instaurou um regime de atividades remotas emergenciais para todas as atividades de ensino presenciais, desde o ensino infantil até o superior. Neste contexto de inevitáveis mudanças e medidas emergenciais, caiu sobre a educação o desafio de garantir o ensino remoto a crianças e adolescentes, de forma a não atrasar seu aprendizado e evitar a evasão de estudantes vulneráveis (UNICEF, 2020a). Tendo em vista a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que permite que o ensino a distância seja aplicada no ensino fundamental apenas como complementação de aprendizagem ou em situações emergenciais, instituições de ensino básico públicas e privadas migraram suas aulas para os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), implementando um ensino remoto emergencial (ERE), que fez uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) para conectar alunos e educadores, mas não se caracteriza como Ensino a Distância (EaD), devido a diversos fatores como a falta de uma estrutura organizacional no desenvolvimento curricular, divergências de perfil do corpo docente e discente, assim como aporte teórico e fundamentação legal.

Sendo assim, neste período de distanciamento social, todo suporte foi necessário para que os educadores pudessem oferecer às crianças que estavam em casa apoio e conteúdo pedagógico que os mantivesse ligados à escola. A migração do ambiente físico para o virtual gerou a necessidade de adaptação do planejamento pedagógico dos educadores, além de exigir aptidões para uso das TDICs, essenciais para produção de conteúdo virtual. Cada sujeito possui diferentes níveis de afinidade com a tecnologia, porém o ensino remoto exigiu de todos a utilização frequente destas ferramentas e o que se encontrou foi forte descaso do poder público no que diz respeito a oferta de formações, cursos e treinamentos que auxiliassem os educadores, levando-os a buscar alternativas para desenvolver as habilidades exigidas nesta transição.

Além do conhecimento necessário para utilização das TDICs, o acesso a estas ferramentas se mostra limitado para partes da população, principalmente quando se trata dos alunos de escolas públicas, como levantado pela nota técnica do Todos Pela Educação (2021). Para participar das atividades remotas, além da conexão com a *internet*, se fez necessário aparelhos como celulares e computadores. A carência de acesso à tecnologia por parcelas da população brasileira já existente foi evidenciada com maiores consequências durante a pandemia, quando, no segundo semestre de 2020, a Fundação das Nações Unidas pela Infância (UNICEF) apontou que mais de 5 milhões de crianças e adolescentes não tiveram acesso à educação, um valor exorbitante equivalente ao cenário do Brasil no início dos anos 2000. A falta de apoio aos educadores e o descumprimento dos direitos da criança e do adolescente no acesso ao ensino básico, destacaram, neste período pandêmico, o cenário de descaso do poder público brasileiro para com a educação do país, realidade exposta ao observarmos que enquanto o percentual de abandono escolar no ensino médio de 2019 a 2021 sofreu um aumento de 10,6% (INESC, 2023), das 35 iniciativas legislativas prioritárias para o governo apresentadas pelo presidente da república aos presidentes da Câmara dos Deputados e Senado em fevereiro de 2021, apenas uma era voltada para a educação: a regulamentação do Homeschooling, em detrimento ao apoio necessário para as redes de ensino em meio ao ensino remoto.

A biblioteca escolar é um instrumento essencial nos processos educacionais que fortalecem os currículos escolares e deve oferecer aos alunos acesso à informação de forma a contribuir para a formação integral deles (CORTE; BANDEIRA, 2011, p.6). Campello *et al.* (2008, p.15) enfatiza a necessidade de projetos educacionais abrangentes em momentos de crises e incertezas. No ensino remoto, necessário em vista do distanciamento social, observa-se que a biblioteca escolar possui espaço para oferecer suporte educacional e complementar as

atividades disponibilizadas aos alunos, auxiliando os educadores na missão de manter as crianças integradas ao sistema de ensino.

O bibliotecário escolar é o profissional que gerencia esta unidade de informação e sua presença é indispensável para a construção de uma biblioteca integrada à comunidade escolar e preparada para oferecer suporte aos alunos e professores neste período emergencial. Assim como outros educadores, o bibliotecário escolar precisou adaptar suas metodologias de forma a continuar ofertando seus serviços durante o ensino remoto. Para tal, TDICs foram essenciais, tanto para a participação em aulas síncronas quanto para a produção de conteúdo a ser compartilhado com alunos e familiares. Conforme descrito anteriormente, a familiaridade de cada sujeito com as TDICs é diferente, de forma que muitos precisaram desenvolver rapidamente novas competências nos usos destas ferramentas para então poderem dar continuidade ao seu trabalho como bibliotecário escolar. Produção e compartilhamento de conteúdo digital, curadoria de *sites*, contações de histórias através dos AVAs, atendimento *online* e separação de materiais físicos de acordo com os protocolos de segurança foram atividades em que estes profissionais investiram, dentre outros exemplos, para contribuir na educação de crianças e adolescentes durante o ensino remoto.

Diante deste cenário, a Prefeitura (PMF) a Secretaria Municipal de Educação (SME) de Florianópolis desenvolveram o Portal Educacional da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, página da *web* que reúne sugestões de temas, atividades pedagógicas e jogos educativos a fim de apoiar, durante o ensino remoto, o ensino e aprendizagem dos componentes fundamentais do currículo escolar. Além de divulgar diversos projetos e eventos e fornecer acesso à conteúdos e ferramentas educacionais, o Portal Educacional conta com uma página específica para as unidades escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF), onde são dispostas as informações e os conteúdos oferecidos pelas próprias instituições, bem como uma aba para a biblioteca escolar ou sala de leitura delas. Estas abas foram alimentadas pelos bibliotecários escolares com livros digitais, contação de histórias, vídeos e atividades educacionais, sugestões de *sites*, dentre outros tópicos que buscaram, através da literatura e da *internet*, dar todo o apoio possível para que os professores, alunos e familiares – que precisaram assumir a responsabilidade de prover a educação escolar das crianças em suas próprias casas, de modo repentino e contando apenas com os recursos que estavam ao seu alcance – pudessem enfrentar juntos o desafio imposto pelo distanciamento social.

Diversas outras ações foram realizadas pelas escolas da RMEF de forma a garantir o essencial acesso ao aprendizado, como a entrega de materiais impressos, distribuição de *kits* de

jogos, *tablets* e outros recursos auxiliares para os alunos. Como parte integrante do processo educacional, os bibliotecários destas escolas movimentaram-se igualmente a fim de proporcionar apoio e desenvolver suas próprias ações educativas. Sendo membros de um mesmo grupo ocupacional e da mesma rede de ensino, sugere-se que através deste movimento, desta experiência conjunta vivenciada no contexto do ensino remoto, estes bibliotecários tiveram a oportunidade de compor *percepções* acerca do uso das TDICs, tão presentes em suas atuações profissionais neste período. Nesta pesquisa, denominamos estas percepções de Representações Sociais. De acordo com Moscovici (2015), estas representações dão forma, categorizam e convencionalizam acontecimentos, que assumem gradualmente a forma de um modelo, um padrão de pensamentos, ideias, compartilhado por um grupo de pessoas – nesta pesquisa, os bibliotecários da RMEF.

Desta forma, esta pesquisa possui a seguinte pergunta norteadora: quais as representações construídas por bibliotecários escolares das Rede Municipal de Ensino de Florianópolis acerca do uso das TDICs, durante o ensino remoto emergencial?

A partir desta questão, foi elaborado o objetivo geral da pesquisa, que pretende conhecer as representações construídas pelos bibliotecários da RMEF acerca do uso das TDICs a partir do ensino remoto emergencial nos anos de 2020 e 2021. Os objetivos específicos foram assim constituídos:

- a) Identificar adaptações e atividades desenvolvidas por bibliotecários da rede de ensino municipal supracitada durante o ensino remoto emergencial;
- b) Explorar a relação dos bibliotecários escolares com as TDICs à partir do ensino remoto emergencial;
- c) Conhecer a partir dos discursos dos bibliotecários a continuidade dos projetos realizados após o retorno às aulas presenciais;
- d) Propor a realização de um evento em parceria com bibliotecários da RMEF para a discussão das ações desenvolvidas durante o ensino remoto junto à comunidade acadêmica da UDESC.

De escala nunca vivenciada para a maioria das pessoas vivas hoje, a pandemia de COVID-19 afetou todos os segmentos da sociedade. No âmbito da educação, escolas foram fechadas e o ensino remoto foi instaurado. Instituições de ensino presencial de todos os níveis e setores se adaptaram para oferecer aulas remotas aos alunos, de forma a dar continuidade ao ano letivo.

Escolas básicas que não possuíam estrutura para essa nova realidade sofreram adaptações mais difíceis, tanto no sentido tecnológico como profissional. Educadores e gestores buscaram capacitação na utilização das TDICs de forma repentina e, em muitos casos, sem apoio institucional, gerando pressões e cargas horárias exaustivas. A crise também afetou a vida escolar dos alunos, gerando dificuldades para o estudo e interação, além da carência no que se trata ao acesso às TDICs enfrentada por diversas famílias de escolas públicas. Esta transição foi uma característica inerente ao período pandêmico, que deve ser revisitada e estudada de diversos pontos de vista para compreender seus processos e efeitos na sociedade. Além da investigação, este trabalho se mostra relevante pela preservação da história e da memória dos sujeitos e instituições envolvidas nesta transição, cruciais para o registro deste marco temporal.

Tendo em vista este quadro no sistema educacional mundial, as bibliotecas escolares também precisaram se adaptar e passaram a desenvolver projetos para alcançar os alunos em casa por meio da literatura. Em um sistema educacional como o brasileiro, onde a importância da biblioteca escolar possui baixa relevância, é um desafio para os bibliotecários receber apoio no desenvolvimento dos seus projetos. No ensino remoto essa dificuldade aumentou, pois o bibliotecário passou a contar apenas com os seus conhecimentos, já que estava sem o espaço físico da biblioteca escolar que é onde desenvolvia atividades educacionais. Explicitar as ações que estes bibliotecários realizaram no período do ensino remoto é uma forma de reforçar a relevância deste profissional, viabilizando que seus trabalhos sejam conhecidos e apreciados pela comunidade.

Diante de tal episódio, estudos científicos de todas as áreas da ciência buscam retratar, analisar e compreender os aspectos deste momento experienciado pela humanidade. Este trabalho, que buscou expor o cenário das bibliotecas escolares da RMEF durante a pandemia de COVID-19, possui relevância histórica e técnica para a comunidade acadêmica e científica. De acordo com Boschi (2007, p.15) “quando somos capazes de perceber nosso passado histórico, temos condições de agir sobre a realidade”. Assim, ao retratar as situações vivenciadas por essas bibliotecas e seus gestores, esta pesquisa é um registro de uma perspectiva a ser salvaguardada e revisitada para compreensão futura do momento citado.

Segundo Le Goff (1990, p. 423) “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas”. Sendo assim, a memória a ser registrada permite que tenhamos acesso às informações do passado, para que possamos revê-las sob nova perspectiva, a fim de compreender suas nuances com maior precisão. Este trabalho,

portanto, poderá conservar e estruturar a memória destas pessoas e instituições escolares neste período de adaptações e desafios enfrentados pela humanidade, desempenhando um relevante papel histórico para a comunidade acadêmica.

No que se refere aos estudos voltados à biblioteca escolar no Brasil, é ampla a discussão voltada à importância desse espaço no processo educacional. A valorização da biblioteca com a presença de um bibliotecário na escola é pauta recorrente, assim como o desenvolvimento de práticas educacionais e promoção da leitura. No entanto, visto o progresso lento desse quadro, temáticas adjacentes e comuns em estudos relacionados a outros tipos de biblioteca (universitárias, públicas etc.), como o uso da tecnologia no dia a dia para disseminação do conhecimento e da informação, permanecem como baixa prioridade. Porém, como visto anteriormente, o ensino remoto pressionou o uso das TDICs em todas as instituições e desta forma o bibliotecário escolar passou a utilizá-las para promoção dos conteúdos desenvolvidos e em sua prática cotidiana. Ao apresentar este processo, o presente trabalho contribuirá como registro do que foi feito e panorama do que pode ser realizado com o uso das TDICs nas bibliotecas escolares, contribuindo assim para o avanço dos estudos na área.

O interesse para o tema desta pesquisa surgiu ainda da atuação da autora no âmbito da biblioteca escolar de uma instituição privada de ensino infantil, fundamental e médio durante o período de distanciamento social no ano de 2020 e a produção do trabalho de conclusão de curso da mesma a respeito desta experiência. Ao trabalhar em primeira mão com as ações realizadas pela biblioteca escolar de tal instituição, surgiu o questionamento de como as bibliotecas de escolas públicas estariam se adaptando, visto a necessidade tecnológica imposta naquele momento. Sabemos que para bibliotecas escolares de instituições públicas a carência de recursos é uma dificuldade recorrente e embora esta seja uma realidade, também reforça um estereótipo, visto que profissionais gestores destas unidades de informação trabalham para construir ambientes produtivos de transmissão do conhecimento. Além disso, as condições da comunidade a ser atendida também difere em aspectos sociais e econômicos, ressaltando a situação de carência e falta de acesso às tecnologias enfrentadas por estas famílias. Assim, após realizar um estudo acerca da atuação da biblioteca escolar na citada instituição de ensino privada, formou-se interesse por continuar esta pesquisa no contexto das escolas públicas municipais de Florianópolis.

Espera-se que este trabalho possa contribuir para ampliar a conexão do bibliotecário escolar com o uso das TDICs em suas unidades de informação. Construir a relação dos alunos com o livro e a literatura segue sendo um dos principais papéis do bibliotecário escolar, mas as



potencialidades inerentes ao uso das TDICs neste ambiente informacional não devem ser negligenciadas. Perante as diferenças de familiaridade com a tecnologia inerentes a cada sujeito, se faz necessário elucidar as maiores dificuldades enfrentadas por este grupo de profissionais no aproveitamento destas potencialidades, buscando assim um panorama daquilo que pode ser trabalhado em prol da formação do bibliotecário escolar qualificado para atuar como mediador entre alunos e tecnologia.

## 2 BIBLIOTECA ESCOLAR

Esta seção irá apresentar a fundamentação teórica que dará suporte a esta pesquisa, acerca dos objetivos da biblioteca escolar em uma instituição de ensino, assim como suas bases na educação brasileira e potencialidades como aparato educacional. Discutirá ainda sobre o bibliotecário escolar como profissional responsável pela gestão desta unidade de informação, seu papel, formação e capacitação para atuar na educação de crianças e adolescentes.

A sociedade atual é movimentada pelo uso das tecnologias em todos os setores, acelerando os processos de produção e comunicação, exigindo constante aprendizado dos sujeitos que fazem parte dela, seja para interagir e se integrar aos meios sociais ou para manter-se no mercado de trabalho. Os anos escolares da educação básica brasileira buscam promover o aprendizado de um conjunto de competências gerais baseadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dentre as quais encontra-se a capacidade de utilizar as tecnologias digitais de informação e comunicação nas diversas práticas sociais de forma consciente e crítica, compreendendo seus potenciais e riscos (BRASIL, 2018). Atualmente, as crianças em fase escolar que possuem acesso<sup>1</sup> à estas ferramentas desenvolveram familiaridade com as mesmas devido ao uso diário de aparelhos como *smartphones*, computadores e *tablets*, comum aos nativos digitais. No entanto, percebe-se que este uso nem sempre é supervisionado ou orientado por responsáveis, de forma que o aprendizado dos potenciais e riscos das TDICs para estas crianças ocorre através da própria experiência que elas vivenciam ao navegarem nas redes. Assim, a escola pode atuar de forma a orientar alunos para que, além de navegar de forma segura na *internet*, possam utilizá-la para potencializar o seu desenvolvimento educacional.

Neste contexto, a biblioteca escolar se mostra como ambiente propício à esta socialização. Podendo ser considerada como o centro informacional da unidade escolar (DURBAN ROCA, 2012), a biblioteca tem o potencial de orientar seus usuários no uso das fontes de informação encontradas na *internet*. É essencial que as crianças sejam conscientizadas acerca dos riscos da navegação na *internet*, sem perder de vista o potencial educativo e informacional que ela possui. Campello (2009) aponta que o letramento informacional surgiu

---

<sup>1</sup>De acordo com módulo temático sobre Tecnologia da Informação e Comunicação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD – Contínua) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 10,6% dos estudantes da **rede pública** não acessaram a internet no ano de 2022. Este percentual equivale aos 93,7% dos estudantes, de ambas as redes de ensino, que não acessaram a internet, sendo que para 19,9% o motivo foi o serviço de acesso à internet ser caro e 14,8% foi o equipamento eletrônico necessário ser caro (IBGE, 2023b). O cumprimento dos objetivos elencados na BNCC poderia estar atrelado à esforços voltados para a democratização do acesso à internet a estudantes da rede pública, principalmente após o período da pandemia, que evidenciou a carência tecnológica vivenciada por estas famílias brasileiras.

da ampliação do papel do bibliotecário escolar, necessário em vista da necessidade de preparar os estudantes para lidar com o volume informacional com o qual nos confrontamos diariamente na sociedade atual. De acordo com a autora, a noção de tecnologia da informação perpassa o letramento informacional, direcionando esta possibilidade de atuação bibliotecária ao letramento digital.

Um assunto emergente no que tange as tecnologias é o uso da Inteligência Artificial (IA), apontada pela *American Library Association* (ALA) no relatório *Library of the Future*<sup>2</sup> como uma tendência para bibliotecas do futuro e definida pela ALA (2019) como uma tecnologia que busca criar “máquinas inteligentes” que agem de forma parecida com humanos, cumprindo tarefas com base no processamento e reconhecimento de padrões em uma imensa quantidade de dados. A *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) lançou o documento *IFLA Statement on Libraries and Artificial Intelligence*, que discorre sobre IA e bibliotecas. O documento sugere ações e recomendações para que bibliotecas abordem e utilizem a IA, seja educando seus usuários sobre o uso seguro, ético e legal desta tecnologia, como na aplicação dela e na promoção da pesquisa científica acerca da temática. Muitas ferramentas de IA estão disponíveis na rede e são de fácil acesso e gratuitas, de forma que a biblioteca escolar pode atuar na conscientização de crianças e adolescentes no uso desta tecnologia.

*Smartphones*, *tablets* e computadores contam com diversas ferramentas que podem complementar e facilitar o aprendizado, como *softwares* e aplicativos de escrita, desenho, edição de imagens e vídeos. Além disso, podem propiciar interações que não seriam possíveis sem estes aparelhos, como chamadas de vídeo com convidados especiais: autores de livros, artistas, professores e figuras que possam complementar as aulas.

A biblioteca escolar procura ainda ser um local de descanso e lazer, onde os membros da comunidade podem buscar um ambiente acolhedor e leituras agradáveis. Ao fazer uso das tecnologias, é possível potencializar esta identidade, oferecendo por exemplo, competições e oficinas de jogos digitais, exibição e discussão de filmes, séries e música, galerias e fóruns *online* para postagem e discussão de artes, textos e outras obras produzidas por alunos e demais membros da comunidade, construindo assim um local de interação e produção de conhecimento.

Estabelecendo regulamentações para os sistemas de ensino brasileiros, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) constituem referências curriculares exigidas pelo governo a fim

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.ala.org/tools/future/trends>

de garantir educação básica de qualidade para jovens e crianças do país. Segundo Campello (2008, p.17) as PCNS reconhecem a biblioteca escolar como um espaço para influenciar nos alunos o gosto pela leitura, como um local de aprendizagem permanente, com potencial para desenvolver a cidadania das crianças e jovens como indivíduos que reconhecem e respeitam ambientes públicos e que zelem pelos acervos culturais e centros de informação da sociedade.

Por outro lado, a BNCC é um documento normativo que deve nortear a elaboração dos currículos de todas as instituições de ensino básico do Brasil, contendo os conhecimentos, competências e habilidades que se espera que os estudantes desenvolvam ao longo de sua formação básica. Embora este documento preveja uma educação multifacetada através do uso de tecnologias, leituras, atividades práticas e contextualizadas e valorize as experiências dos alunos em atividades extraclasse, a BNCC não se compromete em evidenciar a inserção da biblioteca e do bibliotecário escolar no processo educativo formal (PEREIRA *et al.*, 2021), fragilizando os esforços da classe na luta pela visibilidade do potencial da biblioteca escolar e na construção de uma educação que incentive a leitura e a busca pelo conhecimento.

Ainda no que se refere à presença da biblioteca escolar nas normativas brasileiras, a Lei nº 12.244/2010, conhecida como Lei da universalização das bibliotecas escolares, teve o seu prazo de efetivação vencido em 2020, sendo que de acordo com o Censo Escolar de 2020, apenas 31,6% das escolas de educação infantil municipais brasileiras contavam com uma biblioteca escolar, contra 54,8% das escolas estaduais e 64,9% das escolas privadas. Já 95,5% das escolas de educação infantil a nível federal contavam com este aparato educacional em 2020, apresentando uma divergência significativa comparado aos outros sistemas. Em abril de 2024 o governo federal aprovou a Lei nº 14.837/2024 (BRASIL, 2024), instituindo o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE) e definindo a biblioteca escolar como equipamento cultural obrigatório. A nova lei dispõe ainda sobre o prazo da universalização da biblioteca escolar, atribuindo o mesmo prazo de vigência do Plano Nacional de Educação (PNE), ou seja, até o fim de 2024. Embora o novo prazo estabelecido esteja próximo do seu vencimento, espera-se que o estabelecimento do SNBE possa contribuir para o cumprimento deste, assim como para a valorização e crescimento da biblioteca e do bibliotecário escolar na educação brasileira.

Com relação a este espaço educacional, Corte e Bandeira (2011, p.6) ressaltam que “a biblioteca escolar exerce, com suas atividades, um papel político, educativo, cultural e social”. Como um centro de informações na escola, a biblioteca escolar tem o poder de atuar na formação de crianças e adolescentes hábeis e conscientes no uso da informação em seus variados formatos, auxiliando na tomada de consciência dos alunos como cidadãos com direitos

e deveres perante a democracia. A dimensão educativa diz respeito à sua integração ao currículo escolar, desenvolvendo projetos e ações voltadas a apoiar o professor em suas atividades pedagógicas, conversando com os conteúdos estudados em sala de aula de forma a promover uma educação multidisciplinar. Em sua função cultural, a biblioteca escolar é um espaço de uso da imaginação e da criatividade, onde a arte é compartilhada e produzida em suas mais variadas formas como história, poesia, música e desenho. Pode existir ainda como um local acolhedor, buscando integrar todos os membros da sua comunidade sem distinção, desempenhando papel social na inclusão e acesso à informação.

No que diz respeito ao ambiente informacional da sociedade, Campello (2008, p.11) enfatiza que a biblioteca escolar pode reproduzir esta realidade de forma a aproximar os alunos de um mundo que ele enfrentará no dia a dia, como cidadão e como profissional, ou seja, ela é o espaço ideal para que o aluno possa compreender o volume informacional com que lidamos no cotidiano, assim como aprender a navegar por esta realidade e absorver o melhor que ela tem a oferecer. Milanesi (2002, p.57) descreve que ao entrar na biblioteca escolar, as crianças são indivíduos em formação, que irão moldar-se de acordo com os estímulos recebidos. Este é o momento de ação do bibliotecário, onde ele deve buscar que a criança não só absorva o conteúdo, mas se manifeste sobre ele, reflita sobre sua leitura e desenvolva um senso crítico e social.

Desta forma, podemos observar que o papel da biblioteca escolar vai muito além de sua básica imagem de espaço de organização e manutenção de livros (SILVA; BORTOLIN, 2018, p. 36) ou a estereotipada visão de punição de castigo, isto quando não passa de um armário trancado na sala de aula ou um ambiente que nunca está aberto para o público: recluso, fechado (SILVA, 1999, p. 15). Para alcançar o seu público e cumprir seu objetivo como formadora de alunos críticos, conscientes da sociedade em que vivem, com gosto pela leitura e competência informacional, a biblioteca escolar precisa inovar-se perante a comunidade escolar, tornando-se essencial e imprescindível no processo educacional.

Segundo Blattmann e Vianna (2016, p. 219) inovar significa “pensar, observar e implantar possibilidades de melhorar o fazer e o saber”. Ao inovar na biblioteca escolar, pode-se realizar ações e projetos criativos e interessantes, desmascarar a biblioteca como ambiente maçante e abrir espaço para jogos e lazer, que estimulam a criatividade e a liberdade de expressão. Neste contexto, a tecnologia não deve ser ignorada. Enquanto observamos entre leitores a eterna discussão dos que se deleitam com livros impressos contra os que panfletam o uso dos *kindles* e *e-books*, levamos em consideração que a realidade ideal é aquela em que

ambos estejam disponíveis para quem desejar. Moran, Maseto e Behrens (2000) trazem o computador como um meio de comunicação com alto poder de ensino e aprendizagem. Dentre a atual geração de estudantes, aqueles que dispõem de acesso às TDICs, possuem competência no que diz respeito ao uso de computadores e celulares, tendo conhecimento de funcionalidades, aplicações e limitações. Esta habilidade que desenvolveram através do uso destes aparelhos desde a idade mais tenra (NOBRE *et al.*, 2021) deve ser redirecionada a um proveito consciente e educativo.

Para complementar, a *internet* age como uma representação da sociedade informacional (CAMPELLO *et al.*, 2008), repleta de informações variadas e dispersas, reconhecida como local de estudo e entretenimento entre jovens e adolescentes. De acordo com Moran, Maseto e Behrens (2000), ao utilizar a *internet* como fonte de informação, diante de tantas possibilidades na navegação, os alunos tendem a dispersar-se do objetivo inicial, sem filtrarem ou interpretarem as imagens, textos, ideias e endereços visitados. Os autores afirmam que cabe ao professor atuar como motivador e incentivador do processo de pesquisa na *internet*, ajudando a “contextualizar, a ampliar o universo alcançado pelos alunos, a problematizar, a descobrir novos significados do conjunto das informações trazidas” (MORAN; MASETO; BEHRENS, 2000, p. 49). O bibliotecário escolar também possui espaço para esta atuação, orientando alunos a identificar *sites* promissores para pesquisa escolar, alertando-os sobre fatores necessários ao uso seguro e proteção de dados. Em algum momento do seu dia a dia, alunos tendem a fazer uso da *internet* de forma não supervisionada, portanto, o bibliotecário escolar pode contribuir para que, nestas situações, as crianças se exponham a menos riscos a sua integridade física, mental e emocional.

Ao inserir o uso do computador e da *internet* no contexto da biblioteca escolar, Carvalho (2008) atribui o papel de mediador entre o aluno e a informação ao bibliotecário, que deve transferir para o mundo virtual as competências desenvolvidas no ambiente físico e impresso, de forma a auxiliar as crianças a desfrutar da vastidão informacional que é a *internet*. Campello *et al.* (2008) ressalta a importância de um critério de avaliação e seleção de *sites* que podem ser acessados pelos alunos durante o uso da rede. É vital evitar *sites* com *softwares* maliciosos, conteúdos impróprios para a idade dos estudantes e informações duvidosas. Porém, atualmente, além de bloquear o acesso a tais endereços através das diversas tecnologias disponíveis é também essencial conscientizar os alunos sobre a existência destas possibilidades e os riscos e danos que o acesso irrestrito pode causar aos mesmos, de forma que tenham conhecimento e preparo para lidar com estas situações ao navegarem na *internet* em suas casas.

Assim sendo, observamos que a biblioteca escolar possui potencial como mediadora entre a *internet* e o aluno, de forma a orientá-lo no uso e interpretação da imensidão de informações dispersas que a rede apresenta, além de prepará-los para exposições pelas quais passará, tais quais *softwares* maliciosos, *sites* inadequados, roubo de informações pessoais dentre outros fatores inerentes ao uso da *internet*. Durante o ERE, os estudantes que dispuseram do uso da *internet*, principalmente aqueles que possuíam mais tempo e liberdade nas telas, ficaram mais expostos a estes riscos, propensos a utilizar as mídias sociais, por exemplo, para além do necessário às aulas e atividades propostas. Assim, a biblioteca escolar pôde atuar para oferecer a estes estudantes uma gama de *sites* e atividades que pudessem ser visitadas de forma segura, mantendo o contato com os estudantes e cumprindo, na medida do possível, seu papel educacional no contexto do ERE.

Uma biblioteca escolar carece de um profissional apto a gerenciá-la de forma a alcançar o seu potencial como aparato educacional. Ao responder à pergunta de uma leitora que se identificou como bibliotecária, em um evento de leitura beneficente em 2006, autora da saga Harry Potter<sup>3</sup> – pensou que seria repreendida pela criação de Madame Prince, bibliotecária de Hogwarts. A autora ainda se desculpou para com sua fã e outros possíveis bibliotecários presentes, declarando que se Hogwarts tivesse uma boa bibliotecária, todos os problemas dos seus protagonistas teriam sido facilmente resolvidos, visto que respostas sempre podem ser encontradas em um livro.

O motivo para este pedido de desculpas se encontra no fato de que Madame Prince é descrita ao longo da série de sete livros como uma bibliotecária severa e estrita, detestada pelos alunos, capaz de lançar feitiços de proteção ferozes nos livros e ameaçar estudantes que os danificassem. Extremamente protetora *com o acervo*, seria Madame Prince uma representação fiel da figura do bibliotecário escolar no imaginário popular?

O bibliotecário escolar é um profissional habilitado para gerenciar a biblioteca de uma instituição escolar. Além de viabilizar a composição de um acervo rico, pode contribuir para alcance dos objetivos curriculares em parceria com educadores e com a administração da unidade escolar. As Diretrizes da IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar recomendam que além de estar treinado e capacitado para a função, o bibliotecário escolar deve possuir conhecimentos adicionais em teoria da educação e metodologias do ensino, pois devem

---

<sup>3</sup> A autora desta pesquisa tem conhecimento acerca do posicionamento trans excludente da escritora citada e utiliza sua fala com o único objetivo de ilustrar uma situação de interesse a fundamentação teórica deste trabalho, sem pretensão de afirmar, dignificar ou compactuar com quaisquer atos de discriminação e segregação de pessoas transsexuais e demais grupos em vulnerabilidade social.

contribuir para o cumprimento da missão e dos objetivos escolares, envolvendo-se em todo o processo educacional (IFLA; UNESCO, 2005).

Para este propósito, é essencial que o bibliotecário escolar forme parcerias com a equipe pedagógica e administrativa da instituição. Silva, Santos e Furtado (2019) ressaltam que estas parcerias se estabelecem em todo o processo de planejamento e implementação de ações conjuntas e dependem de que professores e bibliotecários compreendam a função uns dos outros e o potencial da sintonia entre biblioteca escolar e sala de aula. Oferecer um acervo coerente com as necessidades da comunidade e desenvolver atividades que conversem com os conteúdos ministrados em sala requerem que este profissional conheça o público que atende e dialogue com os educadores.

A biblioteca escolar é um ambiente multidisciplinar e o bibliotecário incorpora essa característica através das suas interações. Em sua pesquisa em uma instituição escolar que carecia de recursos e espaço para a implementação de uma biblioteca, Pereira (2016) observou que os professores consideram a atuação do bibliotecário muito relevante no processo educacional e essencial para que uma biblioteca escolar contribua para a comunidade com ações que desenvolvam a prática de leitura, pesquisa, estudo, dentre outros benefícios. Todos afirmaram que caso esse espaço existisse, seria utilizado em suas aulas.

Com relação à equipe administrativa, o bibliotecário escolar deve conhecer os objetivos e a missão da instituição de forma a contribuir para o cumprimento deles. Participar das reuniões administrativas, mesmo quando não possui espaço para induzir alterações significativas, é uma forma de se aproximar dos responsáveis por estas mudanças e ter espaço para divulgar o papel da biblioteca escolar e a sua importância para a instituição, buscando uma modificação de paradigmas. Campello (2012) traz a pesquisa do estadunidense Gary Hartzell, que evidenciou que os diretores de escolas estadunidenses percebem os bibliotecários escolares apenas como membro de uma equipe de apoio aos professores e coordenadores, sem compreenderem o potencial do bibliotecário como educador no processo de formação de leitores e usuários da informação. Cabe ao bibliotecário, através de ações concretas, demonstrar à equipe administrativa e pedagógica seu papel e potencial como mediador da informação no ambiente escolar, recebendo assim mais espaço para desenvolvimento da biblioteca escolar.



### 3 ENSINO E BIBLIOTECA ESCOLAR NO CONTEXTO PANDÊMICO

O termo Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi utilizado no contexto do distanciamento social devido ao seu caráter improvisado e provisório, sendo uma medida de mitigação dos possíveis danos causados pelo afastamento escolar na educação básica. Esta seção apresenta as características e contexto do uso do termo e apresenta um breve levantamento em notícias de *sites* governamentais, artigos e eventos científicos da área sobre a adaptação de algumas bibliotecas escolares naquele período.

Em meio a uma crise sanitária de escala global devido a pandemia de COVID-19 que acometeu a população mundial no início de 2020, com o intuito de conter a propagação do vírus, o governo brasileiro estabeleceu medidas de proteção, entre as quais o distanciamento social, que implicou na paralisação de todas as atividades presenciais não essenciais. A educação foi amplamente impactada por esta medida, com alunos e professores adaptando-se repentinamente a uma metodologia de ensino que exigiu rápida absorção de novos conhecimentos e aptidões.

Em Santa Catarina, o Conselho Estadual de Educação publicou a Resolução CEE/SC Nº 009, de 19 de março de 2020, determinando um regime especial de atividades escolares não presenciais. Exigências como a flexibilização das avaliações e ampla divulgação dos planejamentos a toda a comunidade escolar foram estabelecidas para as instituições que ofertassem as atividades não presenciais. Estas obrigações buscavam garantir amparo aos alunos e familiares, agora encarregados da educação escolar dentro de suas casas, mantendo-os conectados ao processo de ensino-aprendizagem mesmo com o distanciamento social.

A educação a distância (EaD) é prevista na legislação brasileira através do artigo 80 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), regulamentada pelo Decreto Nº 9.057, de 25 de maio de 2017 que a define como

modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos.

Além de amplo aporte legal, a EaD conta com arcabouço teórico fundamentado em estudos e experimentações científicas que sustentam sua prática e desenvolvimento. Sendo assim, a ausência de presença física nas práticas educacionais não caracteriza uma modalidade como EaD, visto que ela conta com uma regulamentação detalhada e específica e vasta

construção teórico-científica acumulada para caracterizá-la com precisão (SANTANA; SALES, 2020). Apesar desta distinção, o ensino remoto durante a pandemia foi aplicado, dentre outras bases, com fundamento no Decreto N° 9.057, que prevê a oferta da EaD na educação básica apenas em situações emergenciais.

Dentre os termos adotados para nomear e compreender esta nova realidade, aderiu-se neste trabalho ao Ensino Remoto Emergencial, apontado por Behar (2020, não paginado) como

(...) uma modalidade de ensino que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos e foi adotada de forma temporária nos diferentes níveis de ensino por instituições educacionais do mundo inteiro para que as atividades escolares não sejam interrompidas.

Por tratar-se de uma medida de mitigação, no início da sua prática, o ERE funcionou através de rápidas adaptações do conteúdo a ser ministrado presencialmente para socializações *online*, nas salas de aula virtuais dos diversos tipos de AVAs adotados por cada instituição. Este fator difere essencialmente estas duas modalidades de ensino, visto que o EaD conta com um planejamento pedagógico completamente amparado e preparado para um processo educacional que ocorre à distância, que se vale das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação para intermediar as relações interpessoais entre os atores do processo de ensino-aprendizagem. Os AVAs englobam todo um arcabouço tecnológico que disponibiliza conteúdos e propicia interatividade entre professor e aluno, enquanto o processo de internalização é resultado da reflexão crítica do estudante sobre o que é aprendido (UNGLAUB; LOPES, 2021). Portanto, o Ensino Remoto não é sinônimo de Ensino na modalidade a Distância.

Por outro lado, o ERE foi gerado pela suspensão das atividades letivas presenciais, obrigando professores e estudantes a migrarem para o método *online*, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem para os recursos virtuais (UNGLAUB; LOPES, 2021). Mesmo após um longo período da educação sob o ERE, os professores que planejaram novas aulas a serem ministradas durante o distanciamento social não contavam com as especificidades inerentes ao desenvolvimento curricular pedagógico do EaD, como a cooperação com uma equipe preparada para prestar auxílio e desenvolver conteúdo, gerando um regime exaustivo de trabalho contínuo. Além de planejar e ministrar aulas *online* contando com escasso apoio governamental no que diz respeito às ferramentas metodológicas e tecnológicas, conforme apontado por Saraiva, Traversini e Lockmann (2020), os professores atuaram em plantão para atendimento via *Whatsapp*, sanando dúvidas e auxiliando nas atividades individuais, de grupos de alunos e responsáveis, recebendo

e corrigindo tarefas, preenchendo planilhas, *e-mails* e diários de classe, dentre outras atribuições imbuídas ao quadro docente durante a pandemia, que acentuadas pela desconsideração estatal, geraram exaustão, ansiedade e preocupação na docência neste período.

Alunos também foram fortemente impactados pelo ERE. O processo educacional vivenciado por eles durante a sua formação é enriquecido pelas interações com colegas e professores, assim como com o ambiente escolar. Através destas interações, aprendem a expressar seus pensamentos e ideias, assim como ouvir ao próximo, além de reconhecer e respeitar espaços públicos. O ERE privou os alunos desta dinâmica, reduzindo seus espaços educacionais a telas e suas interações a videoconferências, isto quando estas ferramentas estavam disponíveis, pois devido à realidade socioeconômica das famílias, muitos alunos sequer tiveram acesso à parte virtual do ERE. Consequente, evidencia-se outra diferença essencial entre o ERE e a EaD: o perfil do estudante. O discente de um curso EaD opta por esta modalidade, tendo liberdade para planejar seus métodos e horários de estudo, tendo perfil autônomo. De acordo com Guimarães e Silva (2022), no EaD, “compromisso, autodisciplina e concentração para o desenvolvimento das atividades são algumas das atitudes esperadas dos alunos”. Já no ERE, Joye, Moreira e Rocha (2020) apontam que os alunos são crianças em fases de desenvolvimento que foram retiradas de suas rotinas escolares para estudar em casa, distante do enriquecimento educacional proporcionado pelas interações.

A exclusão digital presente na sociedade brasileira foi evidenciada durante o período pandêmico, visto que todos os setores migraram ou fizeram forte uso de ferramentas tecnológicas para dar continuidade as suas atividades. A educação foi amplamente afetada por esta adaptação, conforme o estudo de Neri e Osorio (2022) para a Fundação Getúlio Vargas que mostrou que, em setembro de 2020, 17,1% e 13,9% dos alunos matriculados na rede pública, de 15 a 17 anos e 6 a 15 anos respectivamente, não receberam atividades escolares para estudar em casa, contra uma porcentagem de 3,7% e 4,1% de alunos da rede privada que sofreram a falta de atividades escolares, respectivamente. O estudo ressalta ainda, ao analisar pelo ponto de vista da renda familiar dos estudantes, que os alunos com menor poder aquisitivo foram significativamente mais afetados pela falta de atividades escolares no período, do que os alunos com maior poder aquisitivo, em ambas as faixas etárias analisadas. Atribuindo esta realidade à dificuldade de acesso as tecnologias, gerada pelas condições financeiras destas famílias, Guimarães e Silva (2022) ressaltam que para que ocorra a inclusão digital de fato, são necessários três fatores: o acesso a um dispositivo eletrônico (computador, *tablet*, *smartphone*, por exemplo), acesso à *internet* e conhecimento para utilizar estas ferramentas, enquanto que a

população brasileira carece principalmente do terceiro elemento, de forma que àqueles que não possuem o domínio das tecnologias, ainda são considerados à margem da inclusão digital.

Sendo assim, embora governos estaduais e federais tenham lançado programas de inclusão digital que distribuíram aparelhos com acesso à *internet* para alunos do sistema público de ensino (IFPR, 2020); (FLORIANÓPOLIS, 2021b); (BAURU, 2021), estes programas não incluem de fato àqueles que estão à margem do conhecimento e discernimento necessário para utilizar a *internet* com consciência, interpretando e refletindo acerca do conteúdo que consomem. Deste modo, o ERE foi uma medida de contingência que excluiu milhares de estudantes, privando-os do direito à educação previsto na Constituição Federal e gerando uma evasão escolar que deve ser combatida com vigor, considerando o anunciado fim da pandemia.

As bibliotecas escolares que ofereceram serviços à comunidade escolar durante o ensino remoto assumiram diferentes metodologias, de acordo com a realidade de cada instituição e do seu público-alvo. Para esta pesquisa realizou-se um breve levantamento em notícias de *sites* governamentais, artigos científicos da área e eventos acadêmicos realizados de forma *online* para identificar estas ações e de que forma elas ocorreram. O quadro a seguir elenca um resumo das ações que foram encontradas.

Quadro 1 - Bibliotecas escolares no ERE

ESCOLA	RESPONSÁVEL	AÇÕES	INFORMAÇÕES ADICIONAIS
Colégio Bandeirantes (São Paulo)	Elvira Pescarollo	Adequação de materiais e compra de materiais para forma digital conforme demanda. Agendamento de atendimento presencial. Saraus literários (livros, leituras, desenhos, músicas, dança).	Identificaram as necessidades e estreitaram as relações com o usuário. Colaboração com professores. Biblioteca escolar como facilitadora durante o ensino remoto. Estar mais próximo e aberto a demandas do que nunca. Acompanhar o calendário da escola.
Escola Da Vila (São Paulo)	Lucas Meirelles	Atendimento às demandas de professores. Gravação de leitura de histórias. Oficinas. Clube de leitura Vilalê <i>online</i> . Triagem informacional de conteúdos da <i>internet</i> para auxiliar professores e alunos. Plantão após as aulas (conversa com alunos sobre pesquisa etc.).	Não há informações adicionais.
Escola Social Marista (Ribeirão Preto)	Gabriela Pedrão	Canal de comunicação do <i>facebook</i> . Divulgação interna e externa. Envio de atividades impressas. Divulgação de plataformas de acesso livre.	A escola realizou uma pausa na aplicação de novos conteúdos para facilitar o estudo aos alunos.

SESC Pernambuco (Recife)	Marcia Rodrigues	Contação de histórias via MEET. Produção de conteúdo <i>online</i> . Semana Geek de bibliotecas. Webnário sobre protocolos de atendimento e atuação profissional	Respeitar as habilidades de cada um no manuseio das TDICs.
Escola Sérgio Lopes (Santa Maria)	Não identificado	Separação de materiais para empréstimo domiciliar em bolsas de pano personalizadas.	Não há informações adicionais.
Escola Estadual de Ensino Integral Professora Márcia Helena Barbosa Lino (São Paulo)	Cristiane Scarpeto	<i>Site</i> da Sala de Leitura Cora Coralina. Livros em formatos digitais. Materiais de estudo para vestibulares e ENEM.	A criação e manutenção do <i>site</i> foi uma iniciativa dos alunos.
EBM Professora Herondina Medeiros Zeferino (Florianópolis)	Não identificado	Criação de um <i>site</i> que permite que os estudantes acessem vídeos com contação de histórias e livros que podem ser baixados e lidos pelos aparelhos eletrônicos.	<i>Site</i> disponibilizado no Portal Educacional da unidade educativa.
EBM Escola do Futuro Tapera (Florianópolis)	Tatiana Quadra	Podcasts de contações de histórias e abordagem de assuntos relacionados aos demais componentes curriculares, como música, educação física, matemática etc.	Podcasts e demais atividades desenvolvidas pela biblioteca foram disponibilizadas no Portal Educacional da unidade educativa.

Fonte: Biblio (2020); X Encontro (2020); Escola (2020); São Paulo (2020); Florianópolis (2020e), (2020f).

As bibliotecas escolares identificadas são vinculadas tanto a instituições privadas como a instituições públicas. Levando em consideração o contexto em que estão inseridas, observa-se que nas escolas com recursos que possibilitaram o uso das TDICs, os bibliotecários realizaram ações que permitiam o contato com os alunos e professores durante o ensino remoto, disponibilizando conteúdos digitais, realizando curadoria de materiais *online* e até mesmo atendimentos via chamada de vídeo. As instituições que não contavam com o apoio tecnológico, optaram pela entrega de material físico, para que os alunos não ficassem desamparados no período que permaneciam em casa. Nem todas as bibliotecas contavam com um bibliotecário escolar, no entanto ainda foram capazes de contribuir com ações neste momento emergencial

através da iniciativa de alunos, professores e responsáveis pela biblioteca, como mostrado no Quadro 1, porém, o potencial destas ações poderia ser expandido com a participação de um bibliotecário escolar em parceria com os demais envolvidos.

O Quadro 1 elencou também ações realizadas por bibliotecários escolares da RMEF noticiadas no portal da SME. A RMEF lançou durante a pandemia o Portal Educacional, um *site* desenvolvido na plataforma *Google Sites*, que reúne sugestões de temas, atividades pedagógicas e jogos educativos voltados ao ensino e aprendizagem dos componentes curriculares da educação básica. O portal surgiu como complementação do processo de ensino-aprendizagem durante a pandemia e continua acessível até o momento. Cada unidade educativa desenvolveu o seu próprio portal, utilizando a mesma plataforma, que estão disponibilizados no Portal Educacional da prefeitura. As unidades educativas utilizaram este espaço para propor atividades e divulgar informações à comunidade escolar, com um espaço reservado para biblioteca escolar ou sala de leitura da unidade, onde bibliotecários da RMEF postaram vídeos de contações de histórias gravados por eles ou encontrados na *internet*, livros digitais de acesso aberto, *sites*, atividades, *podcasts* e demais ações que foram abordadas em maiores detalhes nas entrevistas realizadas para esta pesquisa. A SME relatou também a participação com gravação de vídeos de oito bibliotecários da RMEF para a edição virtual da Semana Municipal do Livro Infantil realizada em abril de 2020, demonstrando a ampla participação dos bibliotecários da rede nos esforços de manter os estudantes conectados ao processo educacional durante o ensino remoto.

O levantamento realizado por Gasque e Santos (2022) apontou ainda que, no período da pandemia, houve preocupação por parte das bibliotecas escolares em estimular a leitura, a formação científica dos estudantes e a busca pelo conhecimento. Atividades que foram identificadas na pesquisa envolvem a aquisição de materiais em formato digital, atendimento virtual para professores e alunos e diferentes eventos e oficinas sobre arte e leitura. As autoras buscaram ainda identificar as preocupações das bibliotecas escolares no que se refere ao retorno às aulas presenciais, constatando que os protocolos, equipamentos e infraestrutura voltados à segurança e saúde eram as preocupações principais no retorno ao trabalho presencial. Ainda no que diz respeito à atuação do bibliotecário durante o ERE, Rodrigues *et. al.* (2022) investigaram profissionais atuantes no estado do Espírito Santo, identificando que além da adaptação das atividades da biblioteca escolar para o meio digital, bibliotecários exerceram tarefas secundárias, para auxiliar nas demandas exigidas pelas unidades escolares ou por falta de recursos para prover ações voltadas ao cargo de bibliotecário.

A pandemia de Covid-19 acarretou perdas e sofrimentos que inevitavelmente ocasionaram diversas mudanças no modo de viver e pensar das pessoas, portanto torna-se importante investigar também a situação pós-pandemia nos meios educacionais. Neste sentido, Prado (2022, p.24) sugere a abordagem do acolhimento no contexto da mediação de leitura, instituindo-o “como fator afetivo de respeito às subjetividades humanas na escola do pós-Covid-19”. De acordo com Prado (2022, p.25), a biblioteca escolar, sob o comando profissional do bibliotecário, tem o poder de abordar a mediação de leitura embasada no acolhimento como forma de reconstruir as relações sociais escolares, “incluindo os valores fundamentais da ética e do respeito às diversidades humanas, abrangendo noções de cidadania, afetividades fraternas e o espírito de solidariedade”.

Deste modo, os exemplos apresentados nesta seção, contribuem para demonstrar de que forma bibliotecários escolares exerceram sua profissão no período da pandemia: buscando adaptar as atividades que pudessem ser oferecidas para o meio digital, desenvolvendo ações voltadas para as novas demandas educacionais, auxiliando estudantes, professores e demais membros da comunidade escolar com seus conhecimentos em levantamento informacional, direitos autorais, utilização das TDICs, organização, elaboração de projetos, além de procurar garantir o acesso às atividades escolares para estudantes sem acesso a *internet*, por meio da disponibilização e entrega de material impresso.

O retorno as aulas presenciais também foi uma inquietação comentada pelos bibliotecários, que na época se preocupavam com os protocolos de segurança a serem seguidos, assim como a necessidade de equipamentos para garantir a integridade da saúde de todos os sujeitos presentes na unidade escolar. Embora voltar a ter acesso ao acervo da biblioteca fosse um ponto positivo, o Covid-19 ainda era uma ameaça presente, o que gerou insegurança quando o ensino híbrido começou a ser instaurado.

O Comitê Estratégico de Retorno às Aulas Presenciais no Município de Florianópolis, estabelecido pela PMF, elaborou um Protocolo para Retorno das Aulas Presenciais, o qual estabeleceu que espaços de convívio comum como ginásios, pátios e bibliotecas deveriam possuir um horário organizado de intervalos, proibindo a aglomeração de alunos e trabalhadores. Além disso, materiais de sala, como livros, deveriam ser restringidos apenas ao número necessário, evitando compartilhamento de objetos. Os livros devolvidos deveriam ser mantidos em local arejado por 3 dias, podendo ser utilizados novamente após este período. O protocolo reforçou ainda que a vacinação era obrigatória a todos os trabalhadores da educação no estado, mediante apresentação do comprovante de vacina (FLORIANÓPOLIS, 2021a).

Com o fim da pandemia e a estabilização do ensino presencial, a preocupação se torna lidar com todas as transformações sofridas durante este delicado período de perdas e sofrimentos. No tocante a isso, Amaral Ferreira *et. al.* (2021, p.) ressaltam que estas transformações são dignas de investigação científica e consideram que “cabe aos profissionais atuantes na escola desenvolverem um olhar sensível e capaz de analisar alterações comportamentais e ressignificar suas práticas acompanhando as mudanças sociais vigentes”. Por fim, vale ressaltar que os educadores também foram impactados pela pandemia, o que deve impulsionar estudos acadêmicos sobre as mudanças ocorridas nas práticas educativas destes profissionais. Esta pesquisa, que buscou identificar as representações dos bibliotecários da RMEF acerca do uso das TDICs ao exercerem sua profissão e papel educativo durante a pandemia, pretende contribuir para estes estudos e preservar a memória da atuação destes profissionais.



#### 4 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O conhecimento científico é uma ruptura com o senso comum na busca pela veracidade das coisas. Para tal se faz necessário um método científico, ou seja, um conjunto de procedimentos e caminhos a serem adotados para a construção deste conhecimento, de forma que ele possa ser registrado e reproduzido, possibilitando sua verificação (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Desta forma, no que se refere aos seus aspectos metodológicos, esta pesquisa que tem como base a Teoria das Representações Sociais, tem sua natureza básica e abordagem qualitativa. Segundo Deslandes (2008) a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos fenômenos humanos realizados pelos membros da realidade social ao agirem, pensarem e interpretarem suas ações em vivências compartilhadas com semelhantes. Quanto aos seus objetivos esta pesquisa é exploratória e descritiva, visando uma investigação de forma a definir e delinear o tema proposto, investigar e descrever um fenômeno sem interferir no mesmo (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Tratando-se dos procedimentos técnicos utilizados, para a coleta de dados referentes as percepções dos bibliotecários durante o ensino remoto, essa pesquisa fez uso do método de levantamento, tendo como sujeito os bibliotecários das escolas selecionadas. Os instrumentos utilizados neste levantamento foram entrevistas presenciais com um roteiro estruturado de 10 questões (APÊNDICE A) tendo em vista o cumprimento dos objetivos propostos pela pesquisa. Questões adicionais foram levantadas durante a entrevista, quando a pesquisadora julgou necessário para a obtenção dos discursos que contribuíssem para a pesquisa, evitando o emprego de palavras que pudessem enviesar a resposta do participante. Na transcrição das entrevistas (APÊNDICE B), estas questões não foram numeradas e encontram-se destacadas em negrito.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial, nas unidades escolares nas quais as pessoas entrevistadas trabalhavam, entre Maio e Abril de 2024, em data e horário oportuno de acordo com a disponibilidade dos participantes. As falas foram registradas através do aplicativo gravador do celular da pesquisadora, que realizou cópias de segurança dos arquivos após a conclusão das gravações. As gravações foram transcritas de forma automática através da plataforma Google Colaboratory e as transcrições foram verificadas manualmente pela pesquisadora, enquanto escutava as gravações das entrevistas, para a garantir fidelidade dos discursos das pessoas entrevistadas. Na transcrição das entrevistas (APÊNDICE B), utilizou-se

o uso de colchetes e reticências “[...]” para suprimir trechos sensíveis à identidade dos participantes, garantindo o anonimato das informações, conforme estabelecido pelo Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos (CEP) da UDESC.

#### 4.1 UNIVERSO DE PESQUISA

A RMEF contava em 2023 com 85 Núcleos de Educação Infantil Municipais (NEIM), 39 Escolas Básicas Municipais (EBM) e 27 unidades de Educação de Jovens, Adultos (EJA). Os NEIM e as unidades de EJA não possuem bibliotecas escolares estabelecidas com bibliotecários, de forma que para esta pesquisa serão utilizadas as EBMs da rede. A SME conta ainda com Divisão de Bibliotecas Escolares e Comunitárias (DIBEC), setor que tem como função planejar e organizar ações relativas à rede de bibliotecas municipal, oferecer formação continuada a bibliotecários e auxiliares de biblioteca, dentre outras práticas que envolvem a promoção da leitura em nível municipal no âmbito educacional. De acordo com o DIBEC<sup>4</sup>, a rede de bibliotecas escolares da SME conta com um quadro de 30 bibliotecários concursados que atendem as 29 bibliotecas da rede. O cargo de bibliotecário passou a fazer parte do quadro funcional da RMEF de Florianópolis em 1988, com a Lei Nº 2897/88 (FLORIANÓPOLIS, 1988), como resultado da mobilização da categoria bibliotecária (SOUZA, 2011).

O universo da pesquisa é a Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, tendo os bibliotecários da rede como sujeitos. O critério de seleção dos bibliotecários foi a disponibilidade em participar da pesquisa e a atuação do profissional na RMEF durante os anos de 2020 e 2021, período da pandemia, podendo ter atuado durante todo o período ou parte dele. A escolha dos anos se justifica pelo fato de que em 2020 o ERE foi estabelecido e cumprido durante a maior parte do ano e, em 2021, iniciou-se o processo de retorno gradual às aulas presenciais.

Inicialmente foi feito contato com a Gerência de Formação Continuada (GFC), setor da PMF responsável pela avaliação de projetos de pesquisa a serem realizados na rede. O projeto foi encaminhado para avaliação, junto à Declaração de Ciência e Concordância das Instituições envolvidas, documento requerido pelo Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da UDESC (CEP). A GFC avaliou e aprovou o projeto, encaminhando a Declaração assinada pela gerente do setor. A Declaração foi posteriormente encaminhada à Diretoria Geral da FAED, de forma a obter a ciência do Diretor Geral, conforme requerido pelo CEP. Com a

---

<sup>4</sup> <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=dibec&menu=14&submenuid=253>

ciência de todas as instituições envolvidas na pesquisa, o projeto foi submetido ao CEP, junto à Declaração e demais documentos necessários, conforme esclarecido em maiores detalhes na subseção 4.4 desta dissertação.

Foi realizado então o contato com a DIBEC para identificar os bibliotecários que atendiam aos critérios de seleção e oficializar os convites através do *e-mail* profissional fornecido pelo setor. Após obter o aceite dos sujeitos, foi encaminhado à GFC quais unidades escolares estariam participando da pesquisa, de forma a receber um ofício de encaminhamento de pesquisa que foi devidamente assinado pelos diretores das unidades escolares e encaminhado novamente à GFC, conforme estabelecido pelas normas do setor. Foram selecionados um bibliotecário por região da ilha de Florianópolis: Norte, Leste, Centro e Sul, com exceção da região Leste, na qual houve participação de dois bibliotecários, para compensar pela região continental, que conta com apenas uma bibliotecária que estava de licença e em processo de aposentadoria e, portanto, não participou da pesquisa.

## 4.2 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Ao selecionar os bibliotecários da RMEF como sujeitos desta pesquisa, tendo como base para investigação a utilização das TDICs no exercício da profissão destes bibliotecários durante o período do ensino remoto, este trabalho busca identificar os “modos de pensar” (LEFÈVRE, 2017) deste grupo social a respeito do episódio mencionado e vivenciado por eles. Estes modos de pensar, compartilhados por este grupo, podem ser resgatados e investigados através de diferentes recursos metodológicos, dentre as quais, para esta pesquisa, foi selecionado o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). O DSC, como técnica que possibilita o resgate destes modos de pensar, está fundamentada em uma teoria sobre o pensar humano: A Teoria das Representações Sociais (LEFÈVRE, 2017).

A Teoria das Representações Sociais tem sua origem na Europa, no ano de 1961 com o estudo *La Psychanalyse: son image et son public* publicado pelo romeno naturalizado francês Serge Moscovici. Seu advento renovou a Psicologia Social, área em que está baseada, como uma disciplina mista, aprofundando os laços entre as ciências psicológicas e as ciências sociais ao buscar observar os fenômenos psicológicos sob a ótica da vida social e cultural. Além de balancear a relação entre os estudos de fenômenos individuais com os fenômenos sociais, Moscovici se preocupou ainda com a maneira pela qual os sujeitos de uma realidade podem agir para modificá-la e transformá-la.

As representações sociais se configuram em linhas de pensamentos compartilhadas e construídas pelos sujeitos ao interagirem entre si e com a sociedade e podem explicar determinadas ações que por eles são tomadas. De acordo com Guareschi e Jovchelovitch (1995, p. 20) “é quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando elas estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e às heranças histórico-culturais de suas sociedades que as representações sociais são formadas.” Moscovici se interessou ainda em compreender a produção do conhecimento individual e coletivo na construção destas representações e de que forma elas poderiam impactar a realidade.

O primeiro teórico a falar em “representação coletiva” foi Émile Durkheim, que propôs uma distinção no estudo das representações individuais – a cargo da psicologia – e representações coletivas – a cargo da sociologia. Nas palavras do autor (2003, p.21) “os estados da consciência coletiva são de uma natureza diferente da dos estados da consciência individual; são representações de outro tipo”. Para ele, o indivíduo não possui poder transformativo sobre a sociedade, visto que os conceitos e princípios dela já existiam antes do seu nascimento e são impostos sobre ele com poder coercitivo. Este poder coercitivo das representações coletivas sobre o sujeito, são para Durkheim uma força que integra e conserva a sociedade. Para Durkheim (2003, p. 52), os fenômenos sociais deviam ser considerados em si mesmos, destacados dos sujeitos que constroem representações sobre eles, visto que são sempre externos, produzidos pela sociedade e incorporados pelo sujeito.

Por outro lado, a compreensão da força transformativa que o coletivo encontra nas dinâmicas sociais difere o estudo de Moscovici do estudo de Durkheim. Moscovici considera o estudo de representações coletivas mais adequado a um modelo de sociedade menos complexo. A modernidade exige um estudo de representações sociais, visto que a sociedade moderna se caracteriza por seu pluralismo e a rapidez em que ocorrem mudanças econômicas, políticas e culturais. Diferentes sistemas de conhecimento estão competindo, gerando mais crítica, argumento e debate, de forma que o conhecimento e a comunicação estão em instabilidade. (HOWARTH, 2017). Representações sociais são condutores de transformação, pois através delas comunicamos e incorporamos novos conhecimentos. Ao colocar as representações sociais da ciência em foco, substituindo religião, costumes, mitos e fenômenos semelhantes que eram do interesse de Durkheim, Moscovici impulsiona a ciência social à modernidade (FARR, 1995)

Outra característica fundamental da teoria de Moscovici é o papel que ele atribui aos processos de comunicação. De acordo com o autor, a comunicação é responsável pela criação coletiva que é organizada e estruturada em representações, assim como é através das

representações que a comunicação se estabelece. Conforme Duveen (2015), as representações estão em nossas vidas, quase como objetos palpáveis, transitando e se construindo entre palavras, gestos ou encontros no mundo cotidiano, sustentadas pelas influências sociais da comunicação e permitindo que os sujeitos estabeleçam as associações que os ligam uns aos outros. A construção de representações é um processo coletivo e relacional que realizamos para compreender os locais em que estamos inseridos, convertendo conhecimentos através da comunicação e da compreensão em uma realidade social para nós e para aqueles ao nosso redor. (HOWARTH, 2017). Para explicar o processo de formação de uma representação, Moscovici formulou dois processos fundamentais: a ancoragem e a objetivação. A ancoragem é o ato de transformar uma novidade em algo familiar, é buscar integrar um novo conceito a uma categoria, associando-o ao que pode ser encontrado em nossa memória e avaliando-o de forma negativa ou positiva, reduzindo a resistência gerada pelo estranhamento e facilitando a internalização. Por outro lado, a objetivação é o processo de tornar o abstrato em algo concreto, aliando um conceito a uma imagem. É retirar uma ideia do seu contexto original, para associá-la ao familiar (MOSCOVICI, 2015).

Sendo assim, o sujeito sobrevive por meio de sua inserção na sociedade, construindo o seu ser social ao interagir com sujeitos semelhantes ao seu redor. Através destas interações o sujeito contribui para a construção deste ambiente, ao mesmo tempo que sofre suas influências. Conforme Moscovici (2015), estas influências construídas em representações se estabelecem na mente do sujeito e são por ele processadas em pensamentos e ideias compartilhadas com o grupo em que ele está inserido. Este grupo está, assim, sujeito a um comportamento coletivo que quase inconscientemente move suas condutas, levando os sujeitos a reproduzirem pensamentos, ideias e ações semelhantes em seu cotidiano. Este sujeito coletivo, encontra-se desta forma, sob representações que construiu por meio da interação entre aqueles que o compõem. Para esta pesquisa, a fim de resgatar as representações sociais dos sujeitos – bibliotecários da RMEF que atuaram durante o período do ERE – adotou-se o Discurso do Sujeito Coletivo, que apresenta as ideias e opiniões semelhantes do grupo estudado em textos em primeira pessoa que representam esta coletividade.

#### 4.3 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)

O instrumento utilizado para a organização dos dados desta pesquisa foi o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), técnica desenvolvida no fim da década de 1990 por Fernando Lefèvre

e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre, que viabiliza o resgate dos modos sociais do pensar humano em pesquisas qualitativas com foco em depoimentos verbais, escritos ou proferidos pelos sujeitos investigados. Sua base teórica está na Teoria das Representações Sociais, uma vez que seus resultados buscam explicitar representações sociais de um público-alvo em determinado espaço-tempo, ou seja, o modo de pensar, interagir e interpretar a realidade compartilhados pelo grupo social investigado. Estes resultados foram apresentados no formato de um discurso em primeira pessoa redigido através de uma conexão lógica entre os conteúdos e argumentos agrupados após as etapas de processamento dos dados coletados (LEFÈVRE, 2017).

A justificativa para a seleção deste instrumento se encontra nos sujeitos que foram investigados nesta pesquisa, que possuem a formação e experiência como bibliotecários. Além disso, são profissionais que trabalham em escolas de diferentes regiões que compõem a RMEF, tendo atuado no período pandêmico a ser estudado. Suas vivências e percepções contribuirão de forma significativa para a reconstituição do pensamento social sobre o tema pesquisado.

A proposta do DSC é trazer categorias de um pensamento coletivo, como comumente feito em pesquisas qualitativas, porém associar a elas os conteúdos das opiniões individuais obtidas na pesquisa, construindo assim um depoimento síntese em primeira pessoa que representa a coletividade dos sujeitos investigados. Desta forma, o DSC se diferencia de pesquisas com categorização tradicional ao atribuir valor ao discurso e construir significados através dele. (LEFÈVRE; LEFÈVRE; TEIXEIRA, 2000).

#### **4.3.1 Figuras metodológicas do DSC e suas funções**

Para isto, a técnica faz uso de quatro figuras metodológicas, para organizar os depoimentos obtidos de forma a melhor compreendê-los: expressões-chave (EC), ideias centrais (IC), ancoragens (AC) e discurso do sujeito coletivo (DSC).

As EC são transcrições literais de trechos dos discursos obtidos dos participantes que representam o essencial do seu conteúdo e que geralmente respondem às questões da pesquisa. Para extrair as EC se faz necessária a análise de cada caso, tendo como base as perguntas formuladas ao(a) entrevistado(a) e o que se pretende obter com ela. Através da comparação das EC com o discurso integral e a IC e AC o leitor que estudar a pesquisa é capaz de julgar adequado ou não a interpretação dos depoimentos no DSC (LEFÈVRE, 2017), (LEFÈVRE; LEFÈVRE; TEIXEIRA, 2000).

A IC é uma síntese obtida das EC com o objetivo de identificar e centralizar os seus sentidos. Enquanto as EC dizem respeito ao conteúdo do discurso, as IC correspondem aos sentidos (LEFÈVRE, 2017).

Por sua vez, a AC se traduz como os conceitos, teorias, ideologias ou crenças arraigadas por trás do discurso do entrevistado, identificadas pelo pesquisador como bases para ideias ou comportamentos. A AC possibilita ao investigador identificar de forma mais rigorosa e sistemática os sentidos implícitos ou pressupostos em depoimentos (LEFÈVRE, 2017).

Positivamente entende-se, inspirado na teoria da Representação Social, que um discurso está **ancorado** quando é possível encontrar nele traços linguísticos explícitos de teorias, hipóteses, conceitos, ideologias existentes na sociedade e na cultura e que estes estejam internalizados no indivíduo (LEFÈVRE; LEFÈVRE; TEIXEIRA, 2000).

A construção do DSC é a última etapa de processamento dos dados deste recurso metodológico e consiste em um texto redigido pelo pesquisador em primeira pessoa, que represente o pensamento coletivo dos sujeitos da pesquisa através da conexão dos depoimentos categorizados com IC e AC semelhantes, buscando respeitar a integridade das EC selecionadas. A aplicação de cada figura metodológica ficará mais evidente nas etapas de processamento do DSC.

#### **4.3.2 Etapas para a construção do DSC**

A primeira etapa é a obtenção dos depoimentos, sendo que para a construção de um DSC bem-sucedido é essencial que sejam construtivos, espontâneos e verdadeiros. Lefèvre (2017, p.23) elenca regras para a elaboração de perguntas que obtenham depoimentos autênticos:

- Uma pergunta deve sempre responder a um objetivo.
- Evitar questões que contenham respostas induzidas.
- Não elaborar questões que contenham mais do que um objetivo.
- Não elaborar perguntas cujo objetivo é produzir reações emocionais.
- Não fazer perguntas que exijam conhecimentos ou informações que não façam parte do repertório do entrevistado;

- Toda pergunta precisa ser pré-testada com uma pequena amostra composta pelo mesmo tipo de população a ser pesquisada.

Para esta pesquisa foi adotada a entrevista individual com cada bibliotecário (APÊNDICE A), a qual segundo Lefèvre (2017), é vantajosa para a obtenção do resgate de opiniões individuais livres das interferências geradas pela participação de um grupo, permitindo um discurso espontâneo e legítimo por parte do(a) entrevistado(a). O roteiro da entrevista foi pré-testado com uma bibliotecária que atuou em uma rede de ensino municipal durante o período da pandemia, mantendo o princípio do tipo de população a ser pesquisado.

A segunda etapa é a redução do discurso, que consiste na extração das EC através da análise minuciosa de cada depoimento coletado. Seleciona-se os estratos mais significativos de cada depoimento transcrito, tendo como base a pergunta formulada. O pesquisador deve estar preparado para lidar com diferentes tipos de depoimentos: curtos e sucintos, longos e mais dispersos ao tema central, depoimentos repetitivos nos quais será necessária maior síntese, dentre outros fatores que devem ser identificados para uma extração precisa das EC, fator fundamental na técnica do DSC para a construção de um pensamento coletivo (LEFÈVRE, 2017).

A terceira etapa descrita por Lefèvre (2017) é a busca dos sentidos, na qual identifica-se os posicionamentos presentes na fala do depoente acerca do problema apresentado, designando IC para destacá-los. A IC se difere da EC, pois podem, ou não, utilizar palavras que estão no texto, à escolha do pesquisador. É essencial identificar dentre a IC aquelas que são AC, ou seja, sentidos implícitos nos depoimentos que revelam crenças ou representações fortes que sustentam a fala do entrevistado (LEFÈVRE, 2017).

A quarta etapa para processamento do DSC é a categorização, em que identificamos os depoimentos com IC e AC de sentidos semelhantes, reunindo-os em categorias. Para isso, é essencial que o pesquisador possua conhecimento prévio e prática na temática pesquisada, buscando constituir categorias que respeitem a integridade e textualidade inerente aos depoimentos (LEFÈVRE, 2017).

Por fim, os discursos do sujeito coletivo consistem na reunião dos conjuntos de argumentos que foram categorizados com sentidos semelhantes, elaborando um texto em primeira pessoa através de conectivos, agrupando os depoimentos de forma que se obtenha uma narrativa com começo e fim e ideias conectadas. Elabora-se um DSC para cada pergunta do roteiro, que serão conectados para construir o DSC final. O uso da primeira pessoa do singular se faz imprescindível para marcar explicitamente que o DSC expressa as representações sociais



de sujeitos diversificados, mas “conectadas por um mesmo fio ideativo”, ou seja, o pensamento do eu/coletivo (LEFÈVRE, 2017, p.39).

#### 4.4 RESPONSABILIDADE ÉTICA

O Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da UDESC (CEP) é um órgão da reitoria da universidade que integra o sistema CEP/Conep, instância máxima de avaliação ética em protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos. O sistema é formado com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e vinculado ao Conselho Nacional de Saúde (CNS) e ao Ministério da Saúde (MS).

De acordo com os regimentos do sistema CEP/Conep, a segurança dos participantes da pesquisa é garantida pela Resolução 466/2012/CNS/MS, fundamentada nos princípios básicos da bioética, tais quais a **autonomia** do sujeito em participar da pesquisa de acordo com sua vontade própria; a **não maleficência**, ou seja, resguardo contra quaisquer prejuízos envolvidos; a **beneficência** que a pesquisa pode oferecer ao público envolvido, **justiça e equidade**, dentre outros conceitos referenciais que visam assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2012).

Reconhecendo a necessidade de uma normativa que abarcasse pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, desenvolveu-se a Resolução 510/2016/CNS/MS, que define os princípios éticos para pesquisas nessa área, tais quais o reconhecimento da liberdade e autonomia de todos os envolvidos no processo de pesquisa, defesa dos direitos humanos e respeito às diversidades individuais e de grupo dos participantes das pesquisas, garantia de confidencialidade e privacidade dos participantes, dentre outras princípios que buscam garantir a segurança e apoio necessário aos envolvidos, com evidência na proteção de pessoas e grupos em situação de vulnerabilidade social (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2016).

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é um documento (TCLE) essencial na submissão do trabalho à avaliação do CEP e consta como estabelecimento de relação de confiança entre o pesquisador e o participante, sendo continuamente aberto ao diálogo e questionamento, podendo ser obtido, registrado e retirado em qualquer uma das fases da pesquisa, sem qualquer prejuízo ao participante. Para esta pesquisa, o TCLE (APÊNDICE D) foi registrado na forma de um documento escrito assinado pelos bibliotecários que consentiram na participação da pesquisa, após encontro presencial com o pesquisador que foi combinado de

acordo com as preferências do candidato a participante, respeitando suas características individuais e contexto social, no qual foram informados sobre os seus direitos como participantes e tiveram a oportunidade de esclarecer quaisquer dúvidas e dispor do tempo necessário para sua tomada de decisão. Uma via do TCLE assinada pelo pesquisador e pelo participante, foi entregue ao participante conforme estabelecido pelo Conselho Nacional de Saúde (2016).

## **5 O SUJEITO COLETIVO: BIBLIOTECÁRIOS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS DURANTE O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL**

Conforme os aspectos teórico-metodológicos estabelecidos para esta pesquisa, desenvolveu-se o Discurso do Sujeito Coletivo deste estudo, tendo como base as respostas proferidas por bibliotecários da RMEF acerca do uso das TDICs e das ações realizadas durante o ERE. Conforme Lefèvre e Lefèvre (2000, p.20), para que seja possível extrair por meio do DSC, as representações construídas por este grupo, os entrevistados “deixam de ser indivíduos para se transmutarem, se dissolverem e se incorporarem num ou em vários discursos coletivos que os expressam e à dita representação”. Construído através da conexão do DSC de cada questão da entrevista, o DSC final deste trabalho se apresenta da seguinte forma:

*Antes da pandemia de covid-19, tinha afinidade com o uso das tecnologias. Porém, na biblioteca escolar, utilizava apenas para fazer o básico, como o sistema Pergamum. Algumas vezes não utilizava por não ter acesso ao computador ou outras ferramentas, além de não ter pensado em usar para trabalho, fazia apenas uso pessoal.*

*Meu trabalho durante o ensino remoto mudou minha relação com as tecnologias, pois tive que estudar e pesquisar para aprender a utilizá-las. Mudou bastante a minha relação e mudou completamente o meu trabalho, visto que comecei a utilizar de forma mais profissional. Senti que foi muito trabalhoso, porém vi a necessidade e o potencial de usar as TDICs e acredito que elas agregaram ao meu trabalho, foi um aprendizado muito grande.*

*Durante no ensino remoto, desenvolvi um site da biblioteca escolar, com divulgação de livros digitais de acesso público e vídeos de contação de história encontrados na internet, além de postar podcasts que gravamos de poesia, contação de história e com professores de cada disciplina, assim como divulgações de sites educacionais. Quase sempre encaminhava atividades impressas para alunos sem acesso à internet, com textos ou poesias e atividades. Ocasionalmente, entrei em aulas síncronas para fazer contação de histórias com as turmas, onde a leitura era um momento de prazer; nem sempre era necessário fazer atividades sobre, para que o momento fosse aproveitado. Às vezes realizava empréstimo ou doação de livros físicos e, com menos frequência, fiz a gravação de contações de histórias para postar no YouTube e enviar aos alunos, abri redes sociais para a biblioteca, como Facebook e Instagram com indicações de filmes que foram adaptados de livros; criei um YouTube literário, onde postava as histórias e indicações de leitura. Também postei no site da biblioteca, PDFs com*

*informações literárias e científicas e curiosidades. Raramente, realizava a informatização da biblioteca no Pergamum.*

*Um dos maiores desafios para exercer minha profissão neste período foi a dificuldade de encontrar recursos informacionais online e obras de acesso aberto, assim como a necessidade de comprar e arrumar o aparelho celular, ou conseguir computador da escola para fazer as atividades. Algumas vezes precisei pagar com minha própria renda por aplicativos de edição de vídeo e plataformas de criação de site e arcar com todas as despesas envolvidas. A comunicação com crianças e famílias sem acesso à internet também foi uma dificuldade e a falta de feedback do alcance das atividades que desenvolvi. Sentia que era muito importante manter o vínculo com os alunos, manter a conexão com o objeto-livro, pois acredito que a biblioteca precisa de contato humano, por isso foi muito difícil. Penso que foi assustador, pois não sabia como trabalhar de forma remota e conciliar o trabalho com a vida doméstica e o cuidado com a família foi um desafio. Ocasionalmente sofri com a necessidade de pesquisar e aprender tudo sozinho, sem apoio e informações sobre como trabalhar, além da não aceitação dos colegas pelo esforço extra com as horas e volume de trabalho muito maiores que executei.*

*No início, precisei aprender a utilizar as tecnologias por minha conta. A prefeitura ofereceu capacitações para nos adaptarmos às mudanças, mas foram tardias e não abrangiam a biblioteconomia, sendo apenas sobre as plataformas do Google, como Google Sala de Aula e Google Meet. Raramente a prefeitura ofereceu suporte rapidamente ou não tive capacitação nenhuma. Fiz, ainda, cursos oferecidos por editoras e livrarias e pelo Conselho de Biblioteconomia.*

*Fiz parcerias para conseguir atender as demandas, com os professores da escola ou da rede, valendo citar o professor de tecnologia educacional que foi um suporte tecnológico da escola. Os bibliotecários da rede também se apoiaram. Eventualmente tive parcerias com auxiliares de biblioteca e a direção da escola. Algumas vezes recebi apoio de amigos, estagiários e do DIBEC.*

*Sinto que trabalhar em home office foi muito difícil, ruim e assustador. Me acostumei depois, mas penso que, não, o ERE não foi adequado para o trabalho na biblioteca escolar. Sofremos com a falta de suporte e precisamos aprender tudo sozinhos. Sinto que foi exaustivo e prejudicou minha saúde e o meu relacionamento familiar. Por fim, aprendi bastante neste período e poucas vezes considero que foi tranquilo e não tive dificuldades.*

*O que aprendi com as tecnologias durante o ensino remoto contribuiu para o meu trabalho e me capacitou mais ainda como bibliotecário, melhorou a conexão da biblioteca com as tecnologias e mantive algumas das atividades que foram realizadas. Algumas histórias gravadas se tornaram um acervo e continuaram sendo usadas em sala com o fim da pandemia. Sinto que mudou completamente meu trabalho e me fez ver as mídias sociais como uma ferramenta de trabalho e campo de atuação. Foi um alívio o retorno para o ensino presencial. Raramente não afetou meu trabalho.*

*O curso de biblioteconomia contribuiu ao me preparar para o uso de aplicativos e plataformas, assim como para a criação de sites. Outras contribuições do curso que me auxiliaram foram o foco na investigação científica, a importância do uso de fontes confiáveis, a questão do cumprimento de direitos autorais e a importância da literatura na formação de leitores. Algumas vezes, o uso das mídias sociais e a classificação abordadas no curso também me ajudaram nesse período. Raramente senti que não houve contribuição do curso, devido a ter uma graduação antiga.*

*Por fim, gostaria de falar que considero que cada um fez o que o pôde durante a pandemia. Sinto que o mais difícil foi para os alunos, por ficarem em casa, muitos sem acesso às tecnologias e com dificuldades financeiras. Embora tenha feito muitas atividades durante o ERE, não foi o ideal, houve alunos que não foram alcançados. Considero que a pesquisa é interessante e penso que a biblioteca escolar conquistou muitos espaços, mas é uma luta contínua e apesar de as tecnologias ajudarem, ainda existem muitas pautas a serem discutidas. Senti que o retorno que recebi pelo meu trabalho foi gratificante e alguns trabalhos foram aproveitados após o ERE. Acredito que o trabalho no ensino remoto abriu possibilidades para a atuação do bibliotecário escolar e que com isso percebi que o trabalho do bibliotecário vai além do objeto-livro; está na formação de leitores que compreendem o mundo e a si mesmos como indivíduos. Por fim, acho que o ponto positivo do trabalho home office foi que permitiu avançar muito na catalogação do acervo.*

## 5.1 O MEU PRIMEIRO PASSO FOI EU E EU: O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

O início da pandemia e estabelecimento do ERE foi um período de muitas dúvidas perante uma realidade nova e repentina, dentre as quais se encontrava a incerteza acerca do tempo que este período iria durar. O Estado de Santa Catarina (2020), por exemplo, decretou

inicialmente pouco mais de um mês de suspensão das aulas presenciais. Conforme a pandemia perdurou e o ERE se estabeleceu com maiores certezas, os profissionais da educação passaram a depender cada vez mais das TDICs para dar continuidade ao seu trabalho. Na biblioteca escolar, para os entrevistados desta pesquisa, isso significou a necessidade de reinventar seu trabalho, transformando-o em atividades que coubessem ao ERE. Desta forma, o uso das TDICs se tornou indispensável e até mesmo quem não as utilizava com frequência, precisou se adaptar. O discurso apresentado, demonstra que o sujeito coletivo expressou ter afinidade com as tecnologias antes da pandemia de covid-19, embora não tenha utilizado à trabalho na biblioteca escolar exceto pelo uso mais básico:

*Antes da pandemia de covid-19, tinha afinidade com o uso das tecnologias. Porém, na biblioteca escolar, utilizava apenas para fazer o básico, como o sistema Pergamum. Algumas vezes não utilizava por não ter acesso ao computador ou outras ferramentas, além de não ter pensado em usar para trabalho, fazia apenas uso pessoal. (trecho do DSC)*

O Sistema Pergamum começou a ser implementado na RMEF em 2005, conforme Silva, Alves e Viapiana (2008). Por se tratar de um sistema informatizado, seu uso requer conhecimentos básicos de informática, o que justifica o uso prévio do sujeito coletivo no trabalho apenas nas questões mais simples da biblioteca escolar, como a catalogação no sistema. Por outro lado, não ter acesso a um computador e outras ferramentas, conseqüentemente levaram ao desuso destas tecnologias na prática profissional. O fato de o sujeito coletivo não ter pensado em usar as tecnologias na biblioteca escolar anteriormente, pode ser atrelado à sua noção de que a biblioteca escolar é um ambiente de contato físico, de estabelecer conexões com o objeto-livro na construção do saber, conforme o trecho a seguir: “[...] *sentia que era muito importante manter o vínculo com os alunos, manter a conexão com o objeto-livro, pois acredito que a biblioteca precisa de contato humano*” (trecho do DSC).

Uma das grandes dificuldades vivenciadas na pandemia para profissionais de todas as áreas, foi a necessidade de aprender a utilizar novas tecnologias de forma abrupta. Até mesmo aqueles com maior afinidade tecnológica podem ter precisado, em algum momento, utilizar uma ferramenta que requereu a apropriação de novos conhecimentos e práticas. O sujeito coletivo expressa isso ao refletir sobre as mudanças que o ensino remoto causou em sua relação com as tecnologias:

*Meu trabalho durante o ensino remoto mudou minha relação com as tecnologias, pois tive que estudar e pesquisar para aprender a utilizá-las. Mudou bastante a minha relação e completamente o meu trabalho, visto que comecei a utilizar de forma mais profissional. (trecho do DSC)*

Anteriormente, o sujeito coletivo tinha uma relação de uso pessoal com as tecnologias, porém com o ERE precisou aprender a utilizá-las de forma profissional. Este aprendizado foi, primeiramente, uma busca individual do sujeito coletivo para se adequar as novas demandas que o ERE determinou: “*No início, precisei aprender a utilizar as tecnologias por minha conta. A prefeitura ofereceu capacitações para nos adaptarmos às mudanças, mas foram tardias e não abrangiam a biblioteconomia*” (trecho do DSC). O sujeito coletivo aponta ainda, que as capacitações oferecidas pela prefeitura contemplavam o uso das ferramentas do *Google* adotadas pela rede durante o ERE, como o *Google Sala de Aula* e o *Google Meet*. Além de tardias, pois no ponto em que foram oferecidas as aulas, o sujeito coletivo já havia buscado capacitar-se para uso destas e outras ferramentas, o trabalho bibliotecário não foi contemplado nos cursos oferecidos. O sujeito aponta o estudo por meio de cursos oferecidos por editoras, livrarias e pelo Conselho de Biblioteconomia como alternativas de capacitação durante o ERE.

Em contrapartida, o ERE foi um momento de estabelecer parcerias para dar conta das demandas extenuantes de trabalho que surgiram. A biblioteca escolar é um espaço que possibilita a construção de parcerias frutíferas que, conforme Santos Neto e Bortolin (2021), podem transpassar o ambiente escolar e promover colaborações com atores da comunidade. O sujeito coletivo expressou que dentre as parcerias que o auxiliaram no período do ERE, como professores, bibliotecários da RMEF e direção escolar, pôde contar ainda com amigos e com o DIBEC para receber apoio no exercício de sua profissão, “*valendo citar o professor de tecnologia educacional que foi um suporte tecnológico da escola*” (trecho do DSC). Desta forma, percebemos que o sujeito coletivo contou com apoio dos profissionais da área e da educação, assim como agentes externos que ofereceram formações e suporte na época da pandemia. O DIBEC, que oferece formação continuada aos bibliotecários da RMEF, também foi citado pelo sujeito coletivo, demonstrando sua importância para a classe como divisão da SME.

O sujeito coletivo mencionou ainda, que em determinada situação, precisou pagar pelo uso de plataformas para criação de *sites*, em detrimento do uso da plataforma oferecida pela RMEF. Isso pode se dar por diversos fatores, como a dificuldade de aprendizado com a plataforma anterior ou dificuldades técnicas em acessá-la. A relação de diferentes dispositivos com servidores *online* se difere uma das outras, podendo gerar diversos tipos de dificuldades de acesso ao usuário. A compra de licença de aplicativos de edição de vídeo também foi uma realidade relatada. Tais aquisições foram feitas com a renda própria, o que traz à tona um dos

desafios enfrentados durante o ERE: o sujeito coletivo menciona que arcou com todas as despesas envolvidas em seu trabalho remoto, como aquisição ou reparo de dispositivos, uso de *internet* e gasolina para buscar obras e aparelhos. Após um esforço, foi conseguido um computador da escola para realizar as atividades, porém nem sempre esta possibilidade estava disponível.

O retorno ao trabalho presencial ocorreu com a adesão de diversos protocolos de segurança. Os bibliotecários da RMEF retornaram ao presencial antes dos professores e alunos, que ainda permaneceram em um método híbrido por um período. No que se refere ao uso das tecnologias após o fim do ERE, o sujeito coletivo diz que elas contribuíram para o seu trabalho, capacitando-o mais ainda como bibliotecário e melhorando a conexão da biblioteca com as tecnologias.

*Algumas histórias gravadas se tornaram um acervo e continuaram sendo usadas em sala com o fim da pandemia. Sinto que mudou completamente meu trabalho e me fez ver as mídias sociais como uma ferramenta de trabalho e campo de atuação.* (trecho do DSC)

Ver as mídias sociais como uma ferramenta de trabalho e possível campo de atuação para o bibliotecário foi um pensamento desenvolvido pelo sujeito coletivo devido ao uso destas mídias em seu trabalho durante o ERE. Buscar alcançar os alunos por meio de contações de histórias gravadas, postadas no *YouTube* e enviadas no *WhatsApp*, e por meio do *Instagram* ou *Facebook* da biblioteca, abriram possibilidades de ações e trabalhos a serem desenvolvidos na biblioteca escolar: “*Senti que foi muito trabalhoso, porém vi a necessidade e o potencial de usar as TDICs e acredito que elas agregaram ao meu trabalho, foi um aprendizado muito grande.*” (trecho do DSC). Sendo assim, tendo conhecimento de que “*não foi o ideal, houve alunos que não foram alcançados*” (trecho do DSC), o sujeito coletivo foi capaz de extrair durante o ERE, conhecimentos que serão utilizados posteriormente em sua prática profissional, mudando completamente sua relação com as TDICs.

A formação acadêmica é um momento de construir saberes que serão utilizados no exercício da profissão. Com relação ao curso de biblioteconomia, o sujeito coletivo considera que o conteúdo estudado contribuiu significativamente para prepará-lo para o uso de aplicativos e plataformas e a criação de *sites*, tão essenciais durante o ERE. O uso das mídias sociais também foi um preparo que o curso ofertou. Ter uma formação não atual, que não abarcou assuntos tecnológicos devido ao currículo da época, foi um problema de menor ocorrência relatado pelo sujeito coletivo.



Mesmo com uma formação ampla e o uso prévio das tecnologias em sua vida pessoal, assim como a utilização mais básica destas dentro da biblioteca escolar, o sujeito coletivo expressou ainda assim a necessidade de buscar por novos conhecimentos durante o ERE, de forma a dar continuidade ao seu trabalho, porém afirma que sofreu “[...] *com a necessidade de pesquisar e aprender tudo sozinho, sem apoio e informações sobre como trabalhar*” (trecho do DSC). Autonomia e criatividade foram apenas alguns dos aspectos necessários para que o sujeito coletivo pudesse se adaptar e exercer sua profissão em meio ao ERE, buscando soluções tecnológicas simples, mas que demandaram tempo de aprendizado e execução. O que podemos observar do uso das TDICs por parte do sujeito coletivo durante o ERE, é que existiu a vontade e terreno fértil necessários para fazer fluir a adaptação, porém houve falta de apoio governamental no desenvolvimento de capacitações e soluções não necessariamente padronizadas, mas que oferecessem um norte para o profissional seguir ao criar as atividades da biblioteca escolar. O sujeito coletivo expressa que em sua compreensão, durante o ERE, cada um fez que pôde de acordo com sua realidade, contribuindo da forma que fosse possível para que os alunos não ficassem desamparados em meio à pandemia de Covid-19.

## 5.2 ALCANÇAR OS MEUS ALUNOS: AÇÕES REALIZADAS DURANTE O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Compreendendo como se deu a relação do sujeito coletivo com a tecnologia, podemos analisar as ações que foram realizadas por meio destas ferramentas durante o ERE. O *site* da biblioteca, conectado ao Portal Educacional da SME, foi a principal atividade desenvolvida. Criado por meio da plataforma *Google Sites*, o *site* da biblioteca escolar contava com diferentes atrações como a divulgação de livros digitais de acesso aberto, vídeos de contação de histórias encontrados na *internet*, *sites* interessantes e educacionais que pudessem ser acessados pelas crianças, dentre outras abas como curiosidades e mural de recados.

A participação em aulas síncronas – aulas a distância em tempo real – com contações de história também foi uma atividade realizada: “[...] *entrei em aulas síncronas para fazer contação de histórias com as turmas, onde a leitura era um momento de prazer; nem sempre era necessário fazer atividades sobre, para que o momento fosse aproveitado*” (trecho do DSC). Manter o contato com a literatura como um momento de lazer, mesmo que conectado ao assunto estudado em sala, poderia ser uma forma de tornar as aulas ao vivo mais tranquilas, permitindo um descanso em meio ao grande volume de atividades e aulas a serem assistidas em frente as

telas. Além de participar em aulas síncronas, o sujeito coletivo mencionou a criação de um *YouTube*, onde postava os vídeos de contações de história que gravava. A este respeito, comentou que “[...] o processo de pesquisa, gravação e edição dos vídeos foi muito trabalhoso e minucioso” (trecho do DSC), situação que ocorreu pela necessidade de buscar obras cujos direitos autorais permitissem sua reprodução, além dos diversos fatores como áudio, imagem e câmera envolvidos na gravação. O acervo criado nestes canais *online* foi um dos legados deixado pelo ERE, sendo que seus vídeos são utilizados até hoje por professores e até mesmo membros exteriores do ambiente escolar. O quadro a seguir apresenta as atividades que foram desenvolvidas no período do ERE, tais como o site da biblioteca, participação em aulas síncronas, gravação de histórias e demais ações realizadas com o intuito de alcançar os alunos que estavam em suas casas, desamparados.

Quadro 2 - Atividades realizadas por bibliotecários da RMEF

Portal Educacional	Participação em aulas síncronas	Gravação de contação de histórias	Redes sociais da biblioteca
Apoio informacional	Disponibilização de atividades impressas	Empréstimo e doação de livros físicos	Informatização da biblioteca
YouTube literário	PDFs semanais com literatura, curiosidades e informações	Busca por sites e materiais de acesso aberto	Podcasts de poesias e contação de histórias

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Por outro lado, o acesso a estes canais e outras atividades *online* que foram oferecidas pela biblioteca, não puderam ser aproveitadas por todos os alunos. Estudantes sem acesso à dispositivos com *internet* ficaram à margem, com dificuldade de acessar materiais e manter uma comunicação ativa com a escola. Para atender esta demanda, o sujeito coletivo participou no desenvolvimento de atividades impressas com textos, poesias e atividades relacionadas, para serem pegadas na escola por alunos sem acesso as tecnologias. A doação ou empréstimo de livros físicos a estudantes nessa realidade também foi feita, reforçando a importância de alcançar os alunos que não tinham acesso tecnológico e o valor que o sujeito coletivo deu ao contato dos

alunos com o livro como objeto-físico. Vale elencar ainda, o *podcast* gravado com poesias, contação de histórias e demais professores de outras disciplinas, que era postado também no *site* da biblioteca para alunos ouvirem e interagirem. Outro material disponibilizado no *site* eram PDFs com informações literárias e científicas e curiosidades. Além disso, foram criadas também mídias sociais da biblioteca, como *Facebook* e *Instagram* com indicações de filmes que foram adaptados de livros.

### 5.3 O COMEÇO FOI DIFÍCIL, NÃO FOI FÁCIL NÃO: TRABALHO E ENSINO NO HOME OFFICE

Tantos exemplos de atividades que foram desenvolvidas durante o ERE demonstram a criatividade que o sujeito coletivo exerceu em seu trabalho, assim como a disposição em passar muitas horas além do proposto em seu cargo funcional na tarefa de oferecer aos alunos o contato com a literatura e com a informação tão necessário a formação escolar, principalmente em tempos de distanciamento social, quando alunos foram afastados do meio escolar, do convívio com colegas e professores que contribui tanto para seu crescimento pessoal e educacional. Este trabalho realizado em *home office*, de acordo com o sujeito coletivo, foi “[...] *assustador, pois não sabia como trabalhar de forma remota e conciliar o trabalho com a vida doméstica e o cuidado com a família foi um desafio*” (trecho do DSC). O trabalho remoto é uma modalidade de atuação buscada por aqueles com perfil profissional para tal, portanto na abrupta mudança de realidade, o trabalho não foi o único afetado. A vida pessoal do sujeito coletivo sofreu com o ERE:

*Sinto que trabalhar em home office foi muito difícil, ruim e assustador. Me acostumei depois, mas penso que não o ERE não foi adequado para o trabalho na biblioteca escolar. [...] Foi exaustivo e prejudicou minha saúde e o meu relacionamento familiar.* (trecho do DSC)

Além de não ser adequado para a biblioteca escolar, o ERE prejudicou o relacionamento familiar e a saúde do sujeito coletivo, o que evidencia novamente a falta de suporte que foi sofrida, neste caso de suporte psicológico. Conciliar trabalho, família e atividades domésticas em meio a pandemia, um momento que a insegurança gerou todos os tipos de cuidados e protocolos, foi uma tarefa desafiadora e exaustiva.

Expondo seus pensamentos finais, o sujeito coletivo demonstra sua preocupação com os alunos, expressando que considera que para eles este momento foi mais difícil, muitos em casa sem acesso às tecnologias e com dificuldades financeiras. Conforme comentado

anteriormente, os impactos que esta desigualdade no acesso às tecnologias gerou na educação e na vida destes indivíduos precisa ser investigada, para compreendê-la e buscar formas de mitigar os danos causados. Sabemos que aqueles que tiveram maior contato com as tecnologias, sofreram um distanciamento escolar menos intenso, mas a defasagem de aprendizagem se aplica para ambos os casos. De Freitas (2023) aponta desafios que professores de escolas públicas acreditam que serão enfrentados no ensino pós-pandemia, tanto em aspectos educacionais, como comportamentais por parte dos alunos, como dificuldades de leitura, escrita, interpretação, convivência, socialização, entre outros. Porém, visto que o ERE durou aproximadamente dois anos, muitos alunos terminaram a educação básica neste período, de forma que as pesquisas nessa área podem investigar a vida dos estudantes que retornaram ao ERE e daqueles que saíram do ERE para a vida adulta. De que forma isso impactou em seu desenvolvimento pessoal, na continuidade dos seus estudos ou na entrada no mercado de trabalho?

Apesar dos desafios e dificuldades enfrentados, o sujeito coletivo considera que o retorno recebido pelo trabalho foi gratificante:

*Acredito que o trabalho no ensino remoto abriu possibilidades para a atuação do bibliotecário escolar e que com isso percebi que o trabalho do bibliotecário vai além do objeto-livro; está na formação de leitores que compreendem o mundo e a si mesmos como indivíduos. (trecho do DSC)*

Dentre as contribuições do curso de biblioteconomia para o trabalho que desenvolveu no ERE, o sujeito coletivo apontou questões como a investigação científica, direitos autorais e classificação, porém considerou a importância da literatura na formação de leitores como um tema relevante que o curso abordou e lhe deu subsídios e inspiração para dar continuidade ao seu trabalho no ERE. Isso demonstra a importância da abordagem educacional nos currículos de biblioteconomia. O sujeito coletivo expressou ainda que considera que “*a pesquisa é interessante e penso que a biblioteca escolar conquistou muitos espaços, mas é uma luta contínua e apesar de as tecnologias ajudarem, ainda existem muitas pautas a serem discutidas*” (trecho do DSC). Este comentário é um reflexo do esforço da classe bibliotecária em evidenciar o papel da biblioteca escolar na educação, lutando por espaços, por respeito ao cargo e à função do bibliotecário, por leis regulamentadoras. O ERE abriu possibilidades para uso das TDICs na biblioteca escolar, mas o sujeito coletivo profere sua preocupação com os aspectos mais básicos que ainda são negligenciados.



## **6 BUSCANDO CONEXÕES: BIBLIOTECA ESCOLAR NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL**

No contexto do mestrado profissional, o produto é um requerimento que deve ser elaborado a partir da dissertação do aluno e entregue ao programa para conclusão do curso. Considerando que os impactos dos eventos vivenciados durante a pandemia ainda serão estudados e socializados por todas as áreas do conhecimentos e a importância de trazer à luz o trabalho realizado nesta época por profissionais que passaram por uma grande adaptação de forma a dar continuidade ao seu trabalho, o produto desta dissertação é a proposta de um evento a ser realizado na Universidade do Estado de Santa Catarina, cujos protagonistas serão bibliotecários da RMEF que se disponibilizarem a participar de forma a apresentar e socializar, com a comunidade acadêmica da universidade, as ações que realizaram durante o ERE. Os horários e participantes são sugestões propostas em coerência com os objetivos e assuntos discutidos.

### **PROPOSTA:**

#### **BUSCANDO CONEXÕES: A BIBLIOTECA ESCOLAR NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL**

### **JUSTIFICATIVA**

Estabelecido o fim da pandemia, além de investigar os impactos deste período em nossa realidade, oferecer espaços para que aqueles que trabalharam possam expor seu trabalho justifica-se pela importância de que suas conquistas, desafios e negligências sofridas sejam explicitadas e discutidas, buscando compreender o que foi vivido e enxergar as possibilidades que se abrem daqui para o futuro.

### **OBJETIVOS**

Propor um espaço de exposição e debate das ações que os bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis realizaram durante o ensino remoto da pandemia de Covid-19. Discutir possíveis impactos do ensino remoto na atuação de bibliotecários escolares e o que pôde ser aproveitado deste período após o fim da pandemia.

## **QUANDO E ONDE**

Semana de Interatividade da Biblioteconomia - Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED/UDESC.

## **PROGRAMAÇÃO**

**8:30 – Abertura do evento com Presidente da Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB)**

**9h às 10:15** – A biblioteca escolar no ensino remoto emergencial

**Palestrantes:** Bibliotecários da RMEF (2)

**Mediador:** Giovanna Viroli Budin

**Assunto:** Exposição das ações realizadas pelos bibliotecários durante o ERE, onde poderão apresentar fotos, vídeos e explicitar seus pensamentos, ideias e denúncias a respeito do trabalho.

**10:15 às 11:30** – Além das telas: o legado do ensino remoto para as bibliotecas escolares

**Palestrantes:** Um bibliotecário da RMEF e DIBEC

**Mediador:** Fernanda de Sales

**Assunto:** Discussão das possibilidades e aprendizados que surgiram durante o ensino remoto e o significado destes legados para a biblioteca escolar.

**11:30 – Encerramento do evento com Profa. Tânia Regina da Rocha Unglaub**

## **ORGANIZAÇÃO**

Para a equipe organizadora será solicitado no Departamento de Biblioteconomia (DBI) ou Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGInfo) voluntários que estejam dispostos a auxiliar a pesquisadora na organização. Não haverá gastos envolvidos, sendo necessário agendar junto à FAED, a organização do Centro Acadêmico de Biblioteconomia e da Semana de Interatividade da Biblioteconomia o melhor local e horário para realização. Será realizado contato com a Coordenação do PPGInfo para oficializar os convites ao Presidente da ACB e à SME em nome do programa. O contato com a SME será feito, primeiramente, com o DIBEC, para verificar quais bibliotecários se disponibilizariam a participar do evento e posteriormente enviar o convite oficial do programa.

## **VIABILIDADE**

A Semana da Interatividade da Biblioteconomia faz parte das Semanas Acadêmicas Integradas da FAED, um evento que promove encontros, palestras, oficinas e outras atividades voltadas aos cursos de graduação da FAED. É um espaço propício para a realização do evento “Buscando Conexões: A biblioteca escolar no ensino remoto emergencial”, pois permite que estudantes e professores da biblioteconomia e das licenciaturas da FAED assistam e possam contribuir para que as discussões propostas sejam ricas e multifacetadas. Os entrevistados para esta pesquisa mencionaram a participação em eventos realizados junto a prefeitura para a apresentação do trabalho desenvolvido no ERE nas bibliotecas escolares, de forma que existe a possibilidade de convidá-los para fazer o mesmo na FAED. O DIBEC, que oferece formação continuada aos bibliotecários da rede, será uma parceria significativa para permitir que eles possam ser redirecionados no dia de formação a participar do evento, caso demonstrem interesse.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo conhecer as representações construídas pelos bibliotecários da RMEF acerca do uso das TDICs a partir do ensino remoto emergencial, identificando as ações que foram realizadas por esses profissionais neste período e de que forma se deu a sua relação com as TDICs em vista da necessidade da apropriação de novos conhecimentos em um período tão curto quanto o do estabelecimento do ERE, que foi repentino e inesperado.

Identificamos que os entrevistados, embora tivessem afinidade com as tecnologias antes, ainda passaram por um processo de adaptação que envolveu pesquisa e aprendizado para fazer seu trabalho cotidiano de novas formas. Isso se dá pelo fato de que o uso que faziam das tecnologias era pessoal, sem acrescentá-las ao seu trabalho. A diversidade de atividades realizadas demonstra a criatividade dos profissionais ao buscar alcançar seus alunos, mas por outro lado também podem representar a falta de direção dada pela SME no que se refere a estas ações. Cada profissional agiu da forma que considerou coerente com o momento, na medida do possível e de acordo com seu perfil e sua realidade. As escolas visitadas para as entrevistas eram muito diferentes entre si: enquanto uma possuía um espaço amplo e reformado especificamente para conter a biblioteca, com diversos recursos informacionais e ferramentas tecnológicas, outra possuía apenas uma sala de leitura pequena, que era suficiente para atender as poucas turmas de uma escola menor. Sendo assim, os bibliotecários trabalharam também de acordo com a instituição de ensino em que estavam inseridos e a demanda por ela exigida.

Um dos entrevistados mencionou ainda, uma pressão sofrida por parte do sindicato e outros profissionais da classe no que se refere a estar trabalhando horas extras durante a pandemia, sem regulamentações ou orientações oficiais, expressando que sua preocupação maior era alcançar os alunos que estavam em casa, carentes desse contato com a biblioteca escolar que era de praxe antes da pandemia. Por outro lado, entrevistados que manifestaram não ter um perfil para contação de histórias ou atividades mais visíveis, demonstraram igualmente a sua preocupação em desenvolver, da forma que puderam, ações que também alcançassem os seus alunos. Conciliar as expectativas da comunidade escolar, com as necessidades da classe bibliotecária e a motivação que leva o sujeito a realizar o seu trabalho com propósito, parece ter sido um dos muitos desafios enfrentados pelos bibliotecários da RMEF durante o ERE.

A entrega de material impresso para os alunos sem acesso à *internet* foi um compromisso citado pela maioria dos entrevistados, tendo até mesmo a participação de

familiares na ajuda para a distribuição deste material, juntamente com livros que foram doados para que os alunos pudessem ter contato com obras literárias físicas em suas casas. Não se pode medir, no entanto, a efetividade de todos esses esforços, o que com o aumento da evasão escolar (INESC, 2023) e do número de crianças e adolescentes no trabalho infantil (IBGE, 2023a) é uma realidade preocupante no descumprimento dos direitos da criança e do adolescente, que vem sofrendo cada vez mais desde o início da pandemia de Covid-19. É preciso compreender por meio da pesquisa científica os processos que levaram a essa realidade e denunciar estes casos para os órgãos responsáveis, mas principalmente desenvolver soluções aplicáveis que permitam o resgate destes direitos. Esta pesquisa tem como sujeitos os bibliotecários da RMEF, e, portanto, apontamos brevemente esta realidade que não pode ser ignorada nestas considerações finais, tendo em vista que prover acesso à informação e a educação a estes alunos foi a preocupação destes profissionais durante o ERE.

Com isso, podemos apontar o cumprimento do primeiro objetivo específico desta pesquisa, que buscou identificar adaptações e atividades desenvolvidas pelos bibliotecários da RMEF durante o ensino remoto emergencial. Através das entrevistas foram identificadas estas ações, dentre as quais se destacaram a criação do *site* da biblioteca pelo Portal Educacional da SME, o envio de vídeos com contações de histórias, gravados pelos bibliotecários ou encontrados na *internet*, por meio do *WhatsApp* ou postados nos *sites* e a entrega de atividades impressas, conforme mencionado anteriormente. A colaboração entre bibliotecários da mesma rede e demais agentes do meio educacional demonstrou ser essencial na prática destas atividades, de forma que foi possível construir ações interdisciplinares, um aspecto da biblioteca escolar que foi mantido, na medida do possível. O apoio de estagiários e auxiliares de biblioteca também foi evidente nas entrevistas, facilitando que alguns bibliotecários delegassem tarefas para ajudar na criação de vídeos, gerenciamento de mídias sociais, buscas e pesquisas por fontes, entre outras atividades que foram divididas. Uma outra preocupação evidente destes profissionais foi a questão dos direitos autorais: garantir que as obras compartilhadas eram de acesso livre foi um desafio que começou pela simples busca destas obras, uma tarefa difícil que foi facilitada de certa forma na pandemia pela ajuda de autores que liberaram diversos materiais para uso público.

O segundo objetivo específico foi explorado na análise do DSC, explicitando através das representações construídas por este grupo de bibliotecários, que o uso das TDICs durante o ERE foi trabalhoso no início, com a necessidade de aprender novas ferramentas e até mesmo adquirir com a renda pessoal o acesso a aplicativos e plataformas que facilitassem este processo.

Porém, com o passar da pandemia e o ERE durando mais tempo, eventualmente a prática se estabeleceu e desenvolveu-se padrões e modelos que ajudaram na criação e envio das atividades aos alunos. Toda essa experiência foi construída por meio da autonomia e da busca individual por conhecimento, tendo pouca ou nenhuma ajuda institucional no que se refere a capacitações envolvendo a área de atuação do bibliotecário. Tendo em vista que o início da pandemia foi um momento de choque para o qual ninguém estava preparado, entende-se que todos precisaram de tempo para assimilar a situação e agir novamente, porém o tempo de reação do poder público foi lento em comparação com os profissionais aqui entrevistados, os quais, sozinhos, correram atrás dos recursos e conhecimentos necessários para pôr em prática seu trabalho no ERE.

Com o retorno do ensino presencial, o que se aprendeu do uso das TDICs no ERE, foi as possibilidades que essas ferramentas abrem para a biblioteca escolar, como uma conexão maior com as aulas da sala informatizada, o uso de *sites* educacionais para pesquisa e atividades complementares e a divulgação da biblioteca no meio escolar. As gravações de histórias não foram mantidas, de acordo com os entrevistados, devido a falta de tempo pela demanda da biblioteca escolar, no entanto todas que foram postadas continuam sendo utilizadas como acervo digital por professores e até mesmo membros externos à comunidade escolar, respondendo assim ao terceiro objetivo específico desta pesquisa. Houve um retorno positivo por este trabalho, que foi gratificante ao profissional.

Resgatando a introdução deste trabalho, dentre as motivações da pesquisadora para a escrita da dissertação, encontra-se a sua experiência durante o ERE como estagiária na biblioteca de uma instituição de ensino básico privada, assim como a escrita do seu TCC de graduação com base no trabalho desta biblioteca no período citado. Desta experiência, surgiu o interesse pela atuação das bibliotecas da RMEF durante o ERE, de forma a visualizar as diferenças entre estas realidades. O pensamento inicial da pesquisadora foi em direção a preocupação pela possível falta de recursos tecnológicos disponíveis às escolas públicas, questionando-se de que forma estes bibliotecários teriam conseguido alcançar seus alunos? A presente pesquisa demonstrou que, de fato, houve carência de recursos e apoio governamental sofrida pelos bibliotecários da RMEF, porém isso não os impediu de desenvolver um trabalho significativo para sua comunidade escolar, mesmo que para isso fosse necessário utilizar recursos próprios e trabalhar além da carga horária, tudo para garantir aos seus alunos o acesso à informação e o contato com a literatura em meio ao ERE. Outro fator que evidentemente diverge entre as duas realidades estudadas é a falta de acesso à *internet* dos alunos, visto que na escola privada isso não existe, mas na pública os professores e bibliotecários precisaram buscar

métodos para abranger estes estudantes na medida do possível, com a distribuição de atividades impressas e empréstimo e doação de livros. No entanto, o contato com educadores e colegas, que para os alunos com acesso à *internet* se tornou escasso, para aqueles sem *internet* tornou-se quase nulo, privando-os tanto do seu direito básico à educação, como do contato social que faz parte tão essencial na formação de cada indivíduo.

Quando nos deparamos olhando para trás, queremos evitar dizer que houve “pontos positivos” na pandemia de Covid-19, visto que foi um período de grande delicadeza emocional, onde milhares de pessoas sofreram os mais diversos tipos de perda e luto. Até hoje, para muitos dos afetados, pode ser difícil resgatar as memórias daquela época, de forma que seus impactos ainda serão vistos na sociedade por muitos anos à frente do momento atual. Uma das maiores crueldades da pandemia foi o escancaramento do quão sobrepujante são as desigualdades sociais para a população em vulnerabilidade, das quais neste trabalho menciona-se de forma breve a falta de acesso à educação para crianças e adolescentes, porém as desigualdades sofridas por estes cidadãos na pandemia abrangem o financeiro, a saúde, o trabalho, a segurança, dentre outros fatores inerentes a uma vida saudável que foram, novamente, negligenciados. Desta forma, dizer que houve pontos positivos na pandemia é um ato leviano e insensível aos sofrimentos vivenciados nesse período. Esta pesquisa buscou trazer a luz o trabalho de bibliotecários da RMEF durante o ERE da pandemia e sua relação com as TDICs e neste processo deparou-se com profissionais conscientes do seu papel social como educadores, evidenciado diante de um momento de grande fragilidade para seus estudantes. O que os entrevistados demonstraram, foi o propósito enraizado em sua formação pessoal, acadêmica e profissional de participar na promoção de uma educação de qualidade, com bases na construção social dos estudantes como membros críticos da sociedade e sujeitos conscientes de si, do próximo e do mundo. Sendo assim, para esta pesquisadora, se houve um ponto a ser considerado positivo na pandemia de Covid-19, foi o propósito incansável de pessoas envolvidas nos mais diversos processos da sociedade em alcançar, acolher, ajudar e respeitar o próximo.

## REFERÊNCIAS

AMARAL FERREIRA, A. *et. al.* Importância da afetividade no acolhimento das crianças: um olhar especial pós- pandemia. **Arandu UTIC**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 285–300, 2022. Disponível em: <https://www.uticvirtual.edu.py/revista.ojs/index.php/revistas/article/view/151>. Acesso em: 25 jun. 2024.

American Library Association ALA. **Artificial intelligence**. [S.l.], 2019. Disponível em: <https://www.ala.org/tools/future/trends>. Acesso em: 13 mar. 2024.

BAURU. **Prefeitura receberá 200 celulares para inclusão digital de jovens em vulnerabilidade social**. Bauru: Portal da Prefeitura, 2021. Disponível em: <https://www2.bauru.sp.gov.br/materia.aspx?n=38251>. Acesso em 25 jun. 2024.

BEHAR, P. **O ensino remoto emergencial e a educação a distância**. Jornal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-aeducacao-a-distancia/>. Acesso em: 14 de nov. de 2020.

BIBLIO em Ação: o papel das bibliotecas escolares diante da Covid-19. **FESPSP**. YouTube, 19 de junho de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/oZERlbfuZA>. Acesso em 16 set. 2023.

BLATTMAN, U. VIANNA, W. B. (Org.). **Inovações em escolas com bibliotecas**. Florianópolis: Dois por quatro, 2016.

BOSCHI, C. C. **Por que estudar história?** São Paulo: Ática, 2007.

BRASIL. **Decreto Nº 9.057, de 25 de maio de 2017**. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2017. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.html](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.html). Acesso em: 20 nov. 2023.

BRASIL. **Lei Nº 12.244, de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília, 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm). Acesso em: 17 set. 2023.

BRASIL. **Lei Nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020**. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Brasília, 2020. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/lei/113979.htm#view](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/113979.htm#view). Acesso em: 17 set. 2023.

BRASIL. **Lei Nº 14.837, de 08 de abril de 2024**. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que "dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País", para modificar a definição de biblioteca escolar e criar o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 2, 8 abr. 20. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/lei-n-14.837-de-8-de-abril-de-2024-552783113>. Acesso em 24 abr. 2024.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 20 nov. 2023.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Biblioteca escolar: conhecimentos que sustentam a prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CAMPELLO, B. *et al.* **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CAMPELLO, B. A internet na pesquisa escolar: um panorama do uso da Web por alunos do ensino fundamental. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO*, 19., 2000, Porto Alegre. **Anais [...]** Porto Alegre: Associação Rio-Grandense de Bibliotecários, 2000.

CAMPELLO, B. **Letramento informacional no brasil: Práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico**. Orientador: Eduardo Jose Wense Dias. 2009. 207 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2009b. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECID-7UUPJY/1/tesebernadetesantoscampello.pdf>. Acesso em 17 set. 2023.

CAMPELLO, B. **Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009a.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>. Acesso em 24 set. 2024.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Esta Resolução dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. Brasília: 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>. Acesso em 24 set. 2024.

CARVALHO, M. C. Internet e pesquisa escolar. *In: CAMPELLO, B. et al. A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CÔRTE, A. R.; BANDEIRA, S. P. **Biblioteca escolar**. Brasília, DF: Brinquet de Lemos, 2011.

DE FREITAS, Lessandro. **EDUCAÇÃO PÓS-PANDEMIA: OS IMPACTOS DA COVID-19 SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM. Epistemologia e Práxis Educativa - EPEduc**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 1–16, 2023. DOI: 10.26694/epeduc.v6i2.4055.

Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/epeduc/article/view/4055>. Acesso em: 9 jul. 2024.

DESLANDES, C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DURBAN ROCA, G. **Biblioteca escolar hoje: recurso estratégico para a escola**. Porto Alegre: Penso, 2012.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ESCOLA promove biblioteca itinerante durante pandemia. **Diário de Santa Maria**. YouTube, 28 de ago. de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/TM8jGLYDvQ8>. Acesso em 16 set. 2023.

ESTADO DE SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Saúde. **Decreto N° 515, de 17 de março de 2020**. Declara situação de emergência em todo o território catarinense. Disponível em: [https://www.saude.sc.gov.br/coronavirus/arquivos/decreto\\_515\\_17\\_03\\_20.pdf](https://www.saude.sc.gov.br/coronavirus/arquivos/decreto_515_17_03_20.pdf). Acesso em: 9 jul. 2024.

FARR, R. M. Representações sociais: a teoria e sua história. *In*: GUARESCHI, P., JOVCHELOVITCH, S. **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS; ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. 2005. Disponível em: [https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/SchoolLibraryGuidelines-pt\\_BR.pdf](https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/SchoolLibraryGuidelines-pt_BR.pdf). Acesso em: 20 nov. 2023.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS; ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Manifesto da IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. 1999. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

FLORIANÓPOLIS. Comitê estratégico de retorno às aulas no município de Florianópolis. **Protocolo para o retorno das aulas presenciais no município de Florianópolis**. Florianópolis: PMF, 2021a. Disponível em: [https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/07\\_02\\_2022\\_11.17.44.3af6f3e1f29f38ab3002e34382cc49b7.pdf](https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/07_02_2022_11.17.44.3af6f3e1f29f38ab3002e34382cc49b7.pdf). Acesso em 25 jun. 2024.

FLORIANÓPOLIS. **Lei no 2897/88**, de 07 de julho de 1988. Dispõe sobre o plano de cargos e empregos, de vencimentos e salário, do quadro único de pessoal civil da administração direta do Município e dá outras providências. Florianópolis, SC 07 jul. 1988 Disponível em: [http://sistemas.sc.gov.br/cmfpesquisa/docs/1988/LPMF/lei2897\\_88.doc](http://sistemas.sc.gov.br/cmfpesquisa/docs/1988/LPMF/lei2897_88.doc). Acesso em: 20 nov. 2023.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. **Crianças cegas recebem em casa kits de jogos e recursos para quarentena.** 2020a. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?pagina=notpagina&noti=22243>. Acesso em: 1 maio 2022.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. **Crianças com deficiências da rede municipal de Florianópolis ganham tablets para estudarem em casa.** 2020b. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?pagina=notpagina&noti=22381>. Acesso em 1 maio 2022.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. **Em período de quarentena, portal educacional de Florianópolis traz contação de histórias.** 2020c. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?pagina=notpagina&noti=22204>. Acesso em 1 maio 2022.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. **Escolas municipais entregam para famílias de estudantes material impresso.** 2020d. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?pagina=notpagina&noti=22280>. Acesso em 1 maio 2022.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. **Maior escola da rede municipal de ensino em Florianópolis intensifica medidas executadas para aulas não presenciais.** 2020e. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?pagina=notpagina&noti=22334>. Acesso em: 24 jun. 2024.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. **Podcast da Escola do Futuro da Tapera auxilia os estudantes no aprendizado.** 2020f. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?pagina=notpagina&noti=23359>. Acesso em: 24 jun. 2024.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. **Portal Educacional: apoio no recesso para estudantes e professores.** 2020g. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?pagina=notpagina&noti=22143>. Acesso em 1 maio 2022.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Saúde. **SMS recebe doação de celulares para ações de enfrentamento à Covid-19.** 2021b. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=notpagina&noti=23253>. Acesso em 25 jun. 2024.

GASQUE, K. C. G. D.; SANTOS, A. P. D. Competência leitora na cultura digital e a biblioteca escolar: a contribuição do letramento informacional. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 27, p. 1-22, 2022. DOI: 10.5007/1518-2924.2022.e79956 Acesso em: 15 set. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUARESCHI, P., JOVCHELOVITCH, S. Introdução. *In*: \_\_\_\_\_, (Org). **Textos em Representações Sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.



GUIMARÃES, R. C.; SILVA, M. R. Ensino Remoto Emergencial (ERE) no Brasil e a desigualdade social evidenciada pela pandemia de Covid-19. *Ar@acne*, [S.l.], v.26, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1344/ara2022.270.38455>. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/aracne/article/view/38455>. Acesso em: 26 jan. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. De 2019 para 2022, trabalho infantil aumentou no país. Agência de notícias IBGE. Editoria Estatísticas Sociais: [S.l.], 2023a. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38700-de-2019-para-2022-trabalho-infantil-aumentou-no-pais>. Acesso em 9 jul. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua1 - PNAD Contínua. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2022**. Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios. IBGE: Rio de Janeiro, 2023b. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102040\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102040_informativo.pdf). Acesso em 22 jun. 2024.

INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS – INESC. **Abandono no ensino médio brasileiro entre 2019 e 2021**. Brasília: INESC, 2023. Disponível em: [https://inesc.org.br/wp-content/uploads/2023/10/estudo\\_abandono\\_escolar\\_inesc\\_malala-out2023.pdf?x69356](https://inesc.org.br/wp-content/uploads/2023/10/estudo_abandono_escolar_inesc_malala-out2023.pdf?x69356). Acesso em 24 de set. 2024.

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ – IFPR. **Resolução Nº 30, de 29 de Setembro de 2020**. Institui o Programa de Inclusão Digital no contexto da pandemia COVID-19 - Prodig, aos estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná. Curitiba: IFPR, 2020.

IFLA. **IFLA Statement on Libraries and Artificial Intelligence**. Disponível em: <https://repository.ifla.org/handle/123456789/1646>. Acesso em: 5 jul. 2022.

JOYE, C. R.; MOREIRA, M. M.; ROCHA, S. S. D.. Educação a Distância ou Atividade Educacional Remota Emergencial: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19. *Research, Society and Development*, [S.l.], v. 9, n. 7, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i7.4299. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4299>. Acesso em: 20 nov. 2023.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEFÈVRE, F. **Discurso do sujeito coletivo**: Nossos modos de pensar. Nosso eu coletivo. São Paulo: Andreoli, 2017.

LEFÈVRE, F., LEFÈVRE, A. M. C., TEIXEIRA, J. J. V. (Org). **O discurso do sujeito coletivo**: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2002. 282 p.

MAZUCATO, T. (Org.). **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Penápolis: FUNEPE, 2018.

MILANESI, L. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê editorial, 2002.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. *In*: DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica 2020: resumo técnico**. Brasília: INEP/MEC. 2021. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_escolar\\_2020.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2020.pdf). Acesso em 17 set. 2023.

MORAN, J. M. MASETTO, M T. BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papiros, 2000.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MUÑOZ, R. **A experiência internacional com os impactos da COVID-19 na educação**. 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/85481-artigo-experiencia-internacional-com-os-impactos-da-covid-19-na-educacao>. Acesso em: 01 maio 2022.

NERI, M. C.; OSORIO, M. C. **Retorno para escola, jornada e pandemia**. Rio de Janeiro: FGV Social, 2022. Disponível em: [https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/FGV\\_Social\\_Neri\\_RetornoParaEscolaJornadaPandemia.pdf](https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/FGV_Social_Neri_RetornoParaEscolaJornadaPandemia.pdf). Acesso em: 26 jan. 2024.

NOBRE, J. N. P. et al.. Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 3, p. 1127–1136, mar. 2021.

SANTOS NETO, J. A.; BORTOLIN, S. Biblioteca Escolar e a Mediação Cultural para os Saberes Comunitários. *In*: VALADARES, Eduardo et al. (org.). **Bonitezas da biblioteca escolar: um guia para boas práticas**. Belo Horizonte: KMA, 2021.

OLIVEIRA, M. S. B. S. DE .. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 55, p. 180–186, jun. 2004.

ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Manual de Frascati**: metodologia proposta para levantamentos sobre pesquisa e desenvolvimento experimental. São Paulo: F. Iniciativas em P&D, 2013. 324 p.

ORÍÁ, Ricardo. **Bibliotecas escolares no Brasil: uma análise da aplicação da Lei N° 12.244/2010**. Educação, Cultura e Desporto. Consultoria Legislativa: [S.l.], 2017. Disponível em: [https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/34382/bibliotecas\\_escolares\\_oria.pdf?sequence=1](https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/34382/bibliotecas_escolares_oria.pdf?sequence=1). Acesso em: 20 nov. 2023.

- PRADO, M. A. R. do. Mediação da leitura e acolhimento na biblioteca escolar: perspectivas teóricas de uma educação pós-pandemia da Covid-19. **Revista ACB**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 2–30, 2022. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1860>. Acesso em: 24 jun. 2024.
- PEREIRA, G. *et al.* O lugar da biblioteca e do bibliotecário na Base Nacional Comum Curricular. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, [S. l.], v. 15, p. e02110, 2021. DOI: 10.36311/1981-1640.2021.v15.e02110. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/11500>. Acesso em: 17 set. 2023.
- PEREIRA, I. S. A biblioteca escolar sob o olhar da comunidade. **BiblioCanto**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 35–56, 2016. DOI: 10.21680/2447-7842.2016v2n1ID9530. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bibliocanto/article/view/9530>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/Ebook%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- RODRIGUES, P. N. *et al.* Atuação do bibliotecário escolar na pandemia, segundo a visão da Abes. **Biblioteca Escolar em Revista**, São Paulo, Brasil, v. 8, n. 2, p. e-200584, 2022. DOI: 10.11606/issn.2238-5894.berev.2022.200584. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/200584>. Acesso em: 23 jun. 2024.
- SANTA CATARINA. Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina. **Resolução CEE/SC Nº 009, de 19 de março de 2020**. Dispõe sobre o regime especial de atividades escolares não presenciais no Sistema Estadual de Educação de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.cee.sc.gov.br/index.php/acordo-de-cooperacao/1808-resolucao-009-1/file>. Acesso em: 01 maio 2022.
- SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Saúde. **Decreto Nº 515, de 17 de março de 2020**. Declara situação de emergência em todo o território catarinense. Disponível em: [https://www.saude.sc.gov.br/coronavirus/arquivos/decreto\\_515\\_17\\_03\\_20.pdf](https://www.saude.sc.gov.br/coronavirus/arquivos/decreto_515_17_03_20.pdf). Acesso em: 19 abr. 2022.
- SANTANA, C. L. S. e; SALES, K. M. B. Aula em casa: educação, tecnologias digitais e pandemia COVID-19. **Interfaces Científicas - Educação**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 75-92, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9181>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- SÃO PAULO. Escola de São José dos Campos cria biblioteca online com auxílio de alunos na pandemia: Projeto da Sala de Leitura Cora Coralina, que há três anos funciona de forma presencial, ganhou nova cara por meio da tecnologia. São Paulo: **Do Portal do Governo**. 13 ago. 2020. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/escola-de-sao-jose-dos-campos-cria-biblioteca-online-com-auxilio-de-alunos-na-pandemia/>. Acesso em 16 set. 2023.
- SARAIVA, K. ; TRAVERSINI, C. ; LOCKMANN, K. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 15, p. 1–24, 2020. DOI:

10.5212/PraxEduc.v.15.16289.094. Disponível em:  
<https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16289>. Acesso em: 22 jan. 2024.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013. Disponível em:  
[https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulga%C3%A7%C3%A3o/LIVROS/Metodologia\\_do\\_Trabalho\\_Cient%C3%ADfico\\_-\\_1%C2%AA\\_Edi%C3%A7%C3%A3o\\_-\\_Antonio\\_Joaquim\\_Severino\\_-\\_2014.pdf](https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulga%C3%A7%C3%A3o/LIVROS/Metodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_-_1%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf). Acesso em: 10 dez. 2022.

SILVA, F. C. L. da; ALVES, G.; VIAPIANA, N. Informatização da rede de bibliotecas da Secretaria Municipal de Educacao de Florianópolis. p. 211-222. **Revista ACB**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 211–222, 2008. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/549>. Acesso em: 9 jul. 2024.

SILVA, F. C. L. da; SANTOS, C. P.; FURTADO, F. R. do N. Projetos de leitura e escrita: parcerias, (in)formação e encantamento. **Revista ACB**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 468–482, 2019. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1604>. Acesso em: 20 nov. 2023.

SILVA, J. R. BORTOLIN, S. Reflexões sobre a leitura e a biblioteca escolar. In: SILVA, José Rovilson da. BORTOLIN, Sueli. (Orgs.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: ABECIN Editora, 2018.

SILVA, W. C. d. **Miséria da biblioteca escolar**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999. 119 p. (Questões da nossa época; v.45).

SOUZA, A. G. de. **O perfil do bibliotecário escolar na cidade de Florianópolis**. 2011. 43 f. TCC (Graduação - Curso de Biblioteconomia), Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em:  
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/121175/301515.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 set. 2023.

SOUZA, M. C. de. Educação digital: a base para a construção da cidadania digital. **Debater a Europa**, [S. l.], n. 19, p. 57-67, 2018. DOI: 10.14195/1647-6336\_19\_5. Disponível em:  
[https://impactum-journals.uc.pt/debatereuropa/article/view/\\_19\\_5](https://impactum-journals.uc.pt/debatereuropa/article/view/_19_5). Acesso em: 13 mai. 2023.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Nota técnica**: taxas de atendimento escolar da população de 6 a 14 anos e de 15 a 17 anos. Todos pela educação: [S.l.], 2021. Disponível em:  
[https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/12/nota-tecnica-taxas-de-atendimento-escolar.pdf?utm\\_source=site&utm\\_id=nota](https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/12/nota-tecnica-taxas-de-atendimento-escolar.pdf?utm_source=site&utm_id=nota). Acesso em: 22 jun. 2024.

UNGLAUB, T.; LOPES, B. Ensino remoto e a formação de professores: questionamentos para a reorganização pedagógica na pandemia. **Indagatio Didactica**, v. 13, n. 4, p. 77-92, 19 out. 2021.

UNICEF. **COVID-19: mais de 95% das crianças estão fora da escola na América Latina e no Caribe, estima o UNICEF**. 2020a. Disponível em:  
<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-mais-de-97-por-cento-dos-estudantes-ainda-estao-fora-das-salas-de-aula-na-america-latina-e-no-caribe>. Acesso em: 30 abr. 2022.

UNICEF. **Protecting the most vulnerable children from the impact of coronavirus: An agenda for action**. 2020b. Disponível em: <https://www.unicef.org/coronavirus/agenda-for-action>. Acesso em: 01 mai. 2022.

UNITED NATIONS. **Everyone Included: Social Impact of COVID-19**. [202-]. Disponível em: <https://www.un.org/development/desa/dspd/everyone-included-covid-19.html>. Acesso em: 01 maio 2022.

VOXEL DIGITAL. **FAQ: Tudo o que você precisa saber sobre Chroma Key**. Disponível em: <https://www.voxeldigital.com.br/blog/faq-chroma-key/>. Acesso em 06 set. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 – 11 March 2020**. Genebra: March 2020. Disponível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>. Acesso em: 30 abr. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO Director-General's opening remarks at the media briefing – 5 May 2023**. Genebra: May 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/speeches/item/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing---5-may-2023>. Acesso em 20 nov. 2023.

X ENCONTRO escola sesc de bibliotecas escolares: experiências em tempos de pandemia. Youtube, 22 de set. de 2020. **ESEMFLIX**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V8HI9nQDRWI>. Acesso em 16 set. 2023.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

<b>Número</b>	<b>Questão</b>	<b>Objetivo da pergunta</b>
1	Você pode comentar como era sua relação com as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação antes do período da pandemia de Covid-19?	Realizar um diagnóstico da familiaridade do bibliotecário com as TDICs.
2	De que forma o seu trabalho durante o ensino remoto mudou a sua relação com as tecnologias?	Identificar quais mudanças ocorreram na adaptação para o ensino remoto e os pensamentos do(a) entrevistado(a) sobre essas mudanças.
3	Quais ações você desenvolveu com a biblioteca escolar durante o ensino remoto?	Obter informações que respondem diretamente ao objetivo específico A.
4	Quais foram os maiores desafios para exercer a sua profissão na RMEF durante o ensino remoto emergencial?	Explorar mais os pensamentos dos bibliotecários sobre o trabalho no período do ensino remoto.
5	Você recebeu capacitação e suporte para se adequar às mudanças e atender s novas demandas de ensino e aprendizagem? Pode falar um pouco sobre isso?	Entender se o bibliotecário recebeu apoio institucional no processo de utilização das tecnologias durante o ensino remoto.
6	Quais parcerias você estabeleceu para dar conta da demanda por biblioteca escolar durante o período da pandemia?	Conhecer as parcerias entre bibliotecários e educadores durante a pandemia.
7	Para você, como foi trabalhar em <i>Home office</i> ?	Diz respeito diretamente ao objetivo específico C.
8	O que você aprendeu com as tecnologias durante o ensino remoto afetou seu trabalho ao voltar para às aulas presenciais?	Verificar de que forma o uso das TDICs se inseriram no dia a dia do profissional pós pandemia.
9	Quais as maiores contribuições do curso de Biblioteconomia que lhe auxiliaram no uso das tecnologias neste período?	Identificar se houve uma abordagem tecnológica para biblioteca escolar na formação do bibliotecário.
10	Caso queira falar mais alguma coisa, fique à vontade.	Momento para o participante se expressar livremente.

## APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

### Entrevistado 1

#### **1 - Você pode comentar como era sua relação com as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação antes do período da pandemia de Covid-19?**

*Olha, eu sou de outra época, então eu tive que reaprender novamente a usar as novas tecnologias, porque eu sou formada em [...], comecei a atuar em [...] e a gente na biblioteca escolar, principalmente lá [...], eu fiquei um período que roubaram o meu computador, eu fiquei um tempão sem computador. Então assim, eu digo que eu voltei para a Idade da Pedra, porque voltei para a Fichinha, voltei todo para o Material, até vir um computador comprado pela APP (Associação de Pais e Professores) da escola, então eu fiquei um período bem assim, tipo parada nas tecnologias, né? Fazia o básico, mas nada tão tecnológico. Aí na pandemia eu tive que reaprender.*

#### **2 - De que forma o seu trabalho durante o ensino remoto mudou a sua relação com as tecnologias?**

*Ah, mudou bastante, porque daí eu tive que estudar, tive que fazer tutorial, tive que olhar o YouTube, como é que se faz site, como é que se faz vídeo, e aí eu fui pesquisando e fui aprendendo. Então na pandemia a gente começou a se reinventar novamente, né? Por que como que eu ia fazer a biblioteca? Eu também não gosto muito de aparecer em vídeo, assim não gosto, não conto história, porque eu acho que contar história é algo de alguém que é contador, eu sou bibliotecária, eu posso fazer uma leitura de um livro, mas não contar história, então eu não tenho essa facilidade. Então o que que eu fiz? Eu pensei num site para biblioteca, daí eu tive que achar um monte de tutorial, como é que se faz site, como é que se monta site, e como é que se coloca os livros que também tem os direitos autorais, né? Então isso foi bem trabalhoso. E nos vídeos eu fiz vídeo usando também um do PowerPoint, que eu colocava as imagens e só a minha voz, ficou bem legal.*

#### **3 - Quais ações você desenvolveu com a biblioteca escolar durante o ensino remoto?**

*A primeira foi o site, a gente montou o site da biblioteca, pesquisamos como se faz um site, eu montei um site, só que eu montei um site numa plataforma paga, né? Que eu fiquei com um pagamento bem... não era muito caro, mas eu custeei, assim. Daí eu fiz nessa plataforma,*

*o Umblor<sup>5</sup> eu acho que era, e aí eu montei o meu site com fotos que eu tinha da biblioteca, nada de divulgar. Eu divulgava lá outros sites que as crianças podiam entrar e acessar pra ver museus, mapas, livros e também alguns livros que alguns autores disponibilizaram na pandemia, e também é... livros que estão, que os direitos autorais são gratuitos, é aberto, né? Então aí eu fazia o quê? Eu baixava, baixava em PDF e colocava no meu site. Por quê? Aí eu fiz assim, categorias, literatura infantil, literatura juvenil e alguns adultos. E daí todo dia... todo dia não, mas a cada 15 dias a gente mudava um vídeo de entrada ali, a gente colocava um vídeo, ou era uma história da turma da Mônica, ou era alguém contando uma história aqui da ilha, ou era algum professor que também fez parceria e contava histórias, então a gente colocava um vídeo dele também pra colocar. Aí foi essa parte que eu fiz do meu site. E daí era bom, o quê que era bom? Era bom que o aluno baixava em PDF, ele não precisava ter a internet, que depois que ele baixava, ele conseguia ficar lendo livros sem ficar com a internet conectada, né? Isso facilitou bastante. Aí eu tinha uma comunicação com eles via e-mail ali no meu site mesmo, eles se comunicavam, falavam pra mim o que eles queriam. Às vezes tem alunos que queriam outros livros, alguns livros eu consegui baixar, outros não, por causa dos direitos autorais, né? Então aí tinha livros que eu não consegui baixar. Aí depois eu fiz um podcast de poesias, aí só poesias. Aí eu todo dia eu li uma poesia e colocava também no meu site pra quem quisesse acessar, né? E também quando os professores também me pediam livros, pra mim achar algum material que poderia estar em PDF, aí eu também ou mandava direto pro professor, não colocava no site, mas mandava direto no WhatsApp pra ele, né? Então foi assim. Ah e depois o que eu fiz também era só assessoria assim aos professores e também depois que o site já tava funcionando, mas a gente ainda tinha um tempo, né? Aí lá pra setembro eu comecei a informatizar, daí eu comecei a trabalhar bem direto no Pergamum, inseri livros, principalmente da literatura infantil, aí eu falei com a diretora, fui até a escola, peguei o carro, peguei um livro, peguei os livros, trouxe no meu carro e trouxe o computador da escola e comecei a fazer. Aí eu imprimia também as etiquetas em casa e aí a minha colega que é auxiliar de biblioteca, ela colocava as etiquetas no livro, aí a gente fazia um trabalho de parceria. Aí o marido dela vinha na minha casa buscar, eu ia na casa dela buscar e a gente fazia assim. Porque até setembro foi essa montagem do site, mas aí o site tava funcionando, a gente ia alimentando conforme a necessidade, né? Aí a gente foi pra esse lado mais da informatização da escola, da biblioteca mesmo.*

---

<sup>5</sup> Empresa que oferece serviços de hospedagem de sites e venda de domínios.



#### **4 - Quais foram os maiores desafios para exercer a sua profissão na rede municipal de ensino de Florianópolis durante o ensino remoto?**

*Primeiro que a gente teve que arcar com muita coisa da gente, a internet tinha que ser da gente, eu não recebi nada da prefeitura, assim, não recebi nenhum número, o WhatsApp era o meu, o meu celular, a minha conta da Vivo, o site também, a princípio eu não consegui colocar naquele Google que saía mais barato, mas aí foi eu que talvez tava reaprendendo, eu paguei, mas foi custeado por mim, a gasolina pra ir até a escola, pegar livro, impressora, tinta de impressora, tudo com meu dinheiro, a prefeitura assim, ela não bancou muita coisa pra gente não, assim, de dar suporte eu como bibliotecária, o que eu consegui trazer da escola? O computador da escola pra minha casa, isso eu consegui, mas mais assim, internet, custo, ajuda nenhuma, foi todo nós mesmo, a gente se reinventou e teve que trabalhar, só que no começo eu fiquei bem assustada porque eu não sabia como trabalhar, não sabia o que fazer com a biblioteca e também, assim, a gente não... ficou assustada porque eu não tava acostumada a trabalhar em casa, sabe o que é trabalhar em casa? Eu não conseguia me organizar no dia o meu horário, até que um dia eu tive que, tipo, acordar e fazer como se eu estivesse indo trabalhar, aí eu acordava, tomava meu café, aí eu começava a trabalhar às oito, oito e meia, ia até onze e meia, aí eu parava pra fazer meu almoço, porque eu também tinha meus pais com... idosos em casa e eu que fui a única que ia pra supermercado, farmácia, toda essa volta eu tinha que fazer, né? Todo o cuidado também, porque meus pais não saíram de casa, a gente preservou até eles receberem a vacina, então eu fazia toda essa atividade e mais essas saídas, então eu tive que reorganizar o meu horário, aprender a trabalhar em casa, coisa que eu não sabia, porque eu trabalhava das oito ao meio dia, umas cinco, mas eu saía pra trabalhar, agora tu ficar em casa é complicado, porque tu tem a casa, tu tem a tua organização, tu tem a família, então aí eu comecei a fazer o horário, tipo das oito, oito e meia, até onze e meia eu parava, fazia o almoço, organizava, aí uma e meia voltava, ficava até cinco e meia ou seis horas pra equilibrar, então eu ficava assim, e daí também tinha as formações, tudo online que a gente tinha, e o atendimento ao aluno, que também alguns alunos me atendiam no site, aqueles que mais queriam alguma coisa, eu atendia pelo meu WhatsApp, foi isso aí.*

**5 - Você recebeu capacitação e suporte para se adequar às mudanças e atender as novas demandas de ensino e aprendizagem?**

*Não recebi, não recebi nenhuma capacitação, eu fui aprendendo mesmo com tutorial de YouTube. Depois aí foi assim, o começo eles não ofereceram nada, a gente teve que se adaptar, aí depois eles começaram a usar o Google Sala de Aula, daí eles começaram a ter cursos e eu também fiz outros cursos de outras editoras, também do conselho de biblioteconomia, que estavam dando cursos, ou tinha alguma livraria que estava dando curso, aí eu fui pegando esses cursos, o que tinha eu pegava, e aí a prefeitura também começou a dar, daí tinha dos saberes, tinha outros que eles davam do Google, Google Sala de Aula, como usar, como fazer vídeo, aí eu comecei também a acessar, mas foi bem depois, o meu primeiro passo foi eu e eu, eu peguei o tutorial e comecei a pensar o que eu ia fazer. Aí depois a prefeitura que a gente começou a montar, até as escolas também começaram a montar, aí eles começaram a montar o Google Sala de Aula e cada escola tinha uma página e foi aonde que eu coloquei o site, o meu site ficou linkado na página da minha escola, não era acessado por toda a prefeitura, só a minha escola.*

**É aquele site, o portal educacional?**

*Não estava lá, o meu estava na escola, o portal educacional acessava a minha escola, aí tu acessava a minha escola, tu acessava o meu site, não estava linkado no site da prefeitura, eu não, eu não fiz assim, eu fiz só pra minha escola.*

**6 - Quais parcerias você estabeleceu para dar conta da demanda por bibliotecas escolares durante o período da pandemia?**

*Foi a parceria com a minha, com a pessoa que estava, que era minha auxiliar, minha auxiliar de biblioteca readaptada. E daí a gente fez uma parceria bem grande. Com alguns professores e com alguns bibliotecários da própria prefeitura, a gente tinha um grupo, a gente tem ainda o grupo no WhatsApp, mas aquele grupo ficou bem ativo, aí cada um passava uma atividade que fez, ou passava uma leitura que fez, ou um livro que contou, aí eles também passavam o que tinha direito autoral, o que não tinha, o que podia baixar, então eles começaram a dar dicas, o podcast eu fiz com duas amigas, também a gente fez às vezes em parceria com duas amigas de outra escola, bibliotecários também, então a gente trocou muito no grupo de bibliotecários, e eu troquei também com os professores, com a direção da minha*

escola, [...], e com a minha auxiliar, foi ali que a gente fez a parceria, e com alguns professores também, que daí às vezes eles pediam que a gente colaborasse num vídeo, que daí eles estavam trabalhando animais de estimação, aí como eu tenho um cachorro, aí eu fiz um vídeo com meus cachorros, então essas coisas assim, né?

### **7 - Para você, como foi trabalhar em home office?**

*Ah, no começo foi bem difícil, com o horário que eu já comentei, foi bem complicado até entrar na minha cabeça, que eu não saía mais de casa. E não foi fácil, eu achei complicado o início, mas depois que o negócio começou a andar eu gostei, e foi tranquilo, sabe? Mas claro, tinha toda a questão também psicológica da gente, né? De estar com uma doença e tal, mas foi legal, assim, eu aprendi bastante, mas o começo foi difícil, não foi fácil não.*

### **8 - O que você aprendeu com as tecnologias durante o ensino remoto afetou seu trabalho ao voltar para às aulas presenciais?**

*O que eu aprendi, eu aprendi mais assim a ver que realmente tem tanta coisa, né? Tem tanto site bom pra pesquisa, museu, mapas, tá tanta coisa disponível, e isso facilitou bastante, porque daí às vezes eu não tinha um livro na biblioteca físico, mas eu podia passar pro professor em PDF, e o professor também já estava mais adaptado à tecnologia, então isso facilitava o trabalho de divulgação do acervo e tal, mas quando eu retornei em 21 no presencial, os professores foram híbridos, eles vinham de vez em quando e ficavam também online, e nós da biblioteca a gente já veio de forma presencial, só que a gente fez um protocolo de segurança, então os alunos não faziam pesquisa em grupos, dentro da biblioteca, eles não entravam pra ficar circulando na biblioteca, eles entravam, pediam um livro pra mim, e eu ia lá na estante, pegava o livro, higienizava, entregava pra eles, num saquinho, e eles levavam pra casa, depois tinha uma caixa, eles colocavam nessa caixa, e depois de alguns dias a gente retirava também. É, ativa a quarentena, a gente fez esse trabalho, e também alguns alunos daí eu já ia falando, ó, tem um site da biblioteca, olha lá, aí eles iam falando, eles iam também, aí que legal, porque tem alguns que também na pandemia tiveram bastante dificuldade do acesso às tecnologias, tinha criança que só tinha o celular da mãe ou o celular de alguém, e também é bem complicado fazer leitura no celular, então tinha algumas crianças que também não utilizavam a maneira remota, elas iam na escola buscar atividades físicas e livros físicos também, que a gente separava também pra eles, tanto 2020 como em 2021.*

**9 - Quais as maiores contribuições do curso de biblioteconomia que te auxiliaram no uso das tecnologias neste período?**

*Não, porque eu comecei, eu terminei a minha graduação [...], e assim ó, [...] estava começando a informatizar, estava o microisis, eu lembro lá, bem remoto, assim, então, e eu também assim, eu fiz depois pós-graduação em [...] que ainda, aí já teve, eu fiz na UDESC, daí teve um pouco, abrangeu algumas tecnologias, mas assim, elas são muito rápidas, então eu vou dizer que não teve, eu não tive isso, porque eu não... eu sou de uma outra época, né, então eu tinha que estar me atualizando mais, mas eu só me atualizei mesmo com novas tecnologias quando apertou, que foi 2020. Mas antes disso, não, academia pra mim não, porque eu sou antiga.*

**10 - Caso queira falar mais alguma coisa, fique à vontade.**

*Eu acho que a tua pesquisa é bem interessante, eu acho que é válida, porque foi um período de grandes dificuldades, né, mas foram também de grandes aprendizados, de a gente estar junto com as pessoas, assim, quando a gente retornou, né, e a gente queria retornar pro presencial. E hoje eu agradeço, agradeço o presencial, assim, eu, né, eu acho que a tecnologia está aí, ela realmente ajuda muito, abre muitos caminhos, mas nada como contato físico, né, então é isso, acho que é isso. Eu tô falando sobre a importância da tecnologia, eu acho importante, só que eu sou de outra época, a época que não tinha tanta tecnologia, eu sou sempre na transição. E nós, da Biblioteca Escolar, a gente teve que abrir lutas grandes, então as nossas formações são ou literárias, com autores que são muito boas, ou técnicas, mas aí a gente tá ou nas atribuições, ou montando o Pergamum que ainda a gente quer, desenvolvimento de coleções, a gente ainda vai começar uma formação pra saber, porque a gente tá muito abaixo, porque antes a biblioteca sempre foi cuidada por professor ou por gente readaptada, então é uma conquista, são lutas, são lutas por espaço, pra receber um salário digno, pra ter bibliotecários em todas as bibliotecas. Essa escola aqui levou dez anos pra ter um bibliotecário, então eu cheguei aqui em 2022, teve uma lei que foi um lei federal, acho que foi do governo Lula, se não me engano, e essa lei ela tinha dez anos pra ser cumprida, a prefeitura cumpriu ela no final dos dez anos, então 2022 abriu essa escola como as escolas menores, que são escolas básicas, mas escolas com menos alunos, de primeiro ao quinto, com educação infantil, e agora a gente luta pra que tenha mais chamada de bibliotecários, pra que tenha mais concurso, e também assim, quando a gente se afasta, que tenha um profissional ou substituto,*

*porque quando nós pegamos uma licença-prêmio, uma licença de saúde, não tem ninguém pra ficar, pra substituir a gente, a biblioteca ou fica fechada, ou fica abrindo, fechando, qualquer um entra, então dependendo da escola que tu tá, é bem complicado assim, então são espaços que a gente tá sempre lutando, então eu acho que assim, a tecnologia ótima, só que a gente ainda tá começando, né, então a gente também, no público, a gente demora muito, que é tudo licitação, pra tu ter um computador bom, pra tu ter uma impressora, então é luta, é dinheiro, aí tem que esperar dinheiro, verba, app, agora eu tô esperando a minha impressora, que ainda não chegou, mas vai chegar, e daí a gente vai começar a informatizar, então essas coisinhas, elas emperram também o trabalho da gente né, então são conquistas, mas eu acho que já melhorou bastante, e eu acho que só tem a melhorar.*

## **Entrevistado 2**

### **1 - Você pode comentar como era a sua relação com as tecnologias digitais da informação e comunicação antes do período da pandemia de Covid-19?**

*Em relação ao meu trabalho na escola, eu só utilizava pra tá... A internet mesmo eu usava só no sistema Pergamum, mas não em relação a fazer atividades ou tá utilizando com os alunos. Às vezes até pesquisava alguma coisa, mas não era uma coisa assim muito frequente eu diria. Não era muito frequente que eu utilizava.*

### **2 - De que forma o seu trabalho durante o ensino remoto mudou sua relação com as tecnologias?**

*Eu precisei utilizar elas para poder passar alguma coisa para os alunos durante esse período. Então, óbvio que a gente passou a utilizar mais, porque era um recurso que se tinha naquele momento. Mas daí, claro, passei a usar mais. E também se viu a necessidade e o quanto que facilitava né, que aproximava também... as tecnologias.*

### **3 - Quais ações você desenvolveu com a biblioteca escolar durante o ensino remoto?**

*O que a gente fez foi mais... Eu tinha na época uma estagiária também, que eu faço seis horas né, e daí tinha a estagiária. E a gente fez mais é... disponibilizou livros, que tem a própria prefeitura, disponibilizou lá um site, uma plataforma que daí a gente estava inserindo e cada escola tinha o seu ambiente, digamos assim. E aí lá no da escola, toda semana, a gente disponibilizava livros em PDF para aqueles de domínio público, que era possível. A gente tinha sempre esse cuidado de estar prestando muita atenção em relação às questões de direitos*

*autorais. Então, a gente colocava... disponibilizava livros que eles podiam estar acessando para a leitura. Então, toda semana a gente estava colocando livros novos lá e daí ficava para tanto os anteriores, quanto os que a gente ia sempre inserindo para que eles pudessem ler.*

**4 - Quais foram os maiores desafios para exercer a sua profissão durante o ensino remoto emergencial?**

*Desafios, eu acho que era tentar chamar a atenção dos alunos para que eles se interessassem pela leitura apesar de... da situação. Eu acho que foi isso. E também de estar conseguindo esse material de forma correta, digamos assim. Que também eu acho que é um desafio, porque nem tudo que tem na internet está de uma forma correta disponibilizada. Muita coisa eu pego um livro ali, digitalizo e joga, então não é nada de direitos autorais, não é falado com autor, enfim. E aí isso eu achei bem complicado, de estar disponibilizando coisas que eram legais. Legais no sentido da legalidade. Eu acho que foi isso mais difícil.*

**5 - Você recebeu capacitação e suporte para se adequar às mudanças e atender as novas demandas de ensino e aprendizagem?**

*Olha, a prefeitura na época disponibilizou alguns cursos para estar trabalhando com todas as plataformas, digamos assim, do Google. Seria o Google Meet, esses assim, mas não especificado para a nossa área. Era mais para estar fazendo formulário, para os alunos responderem questionários, para estar fazendo as coisas que seriam mais voltadas para os professores mesmo. Eu até fiz uma época, agora eu não lembro, eu cheguei a fazer um questionário para estar vendo com os alunos o que eles estavam interessados, o que eles gostariam mais de estar lendo. Mas foi isso, é esse tipo de capacitação que a gente teve.*

**6 - Quais parcerias você estabeleceu para dar conta da demanda por biblioteca escolar durante o período da pandemia?**

*Parceria? Olha, eu só conversava mais com a supervisora da escola, para estar vendo ali em relação aos tipos de livros que a gente já está disponibilizando. Mas era mais em contato com a própria escola, não com outras unidades, outras pessoas fora da escola.*

**7 - Para você, como foi trabalhar em home office?**

*Foi tranquilo, não tive nenhuma dificuldade de me adaptar a ficar em casa, nem de me sentir ansiosa, angustiada. É claro que eu sentia falta do meu trabalho normal, de estar na*

*escola, mas foi tranquilo de modo geral. Só teve essa dificuldade mesmo, que eu falei que a gente está encontrando material para estar disponibilizando.*

**8 - O que você aprendeu com as tecnologias durante o ensino remoto afetou seu trabalho ao voltar para às aulas presenciais?**

*Não, não afetou não. Até fiquei aliviada que a gente voltou. Que nada como presencial, né? E o livro físico também, eu acho que, pelo menos para mim, eu sinto muita falta de ter o contato com o livro ali físico, de estar pegando. E aí também está tudo só numa tela. Eu acho que para os alunos também isso incomodava e fazia com que eles se desinteressassem também pela leitura. Então acho que isso foi um alívio e acabou melhorando, mas acho que uma coisa não extingue a outra. As tecnologias não vieram, não vêm para estar acabando com a biblioteca, nem com o livro físico, nem com a leitura do material físico. Então não vi que, assim, não atrapalhou e não acrescentou, eu diria.*

**Não mudou nada.**

*Não. Para mim, pelo menos, eu não vi isso, né?*

**9 - Quais as maiores contribuições do curso de biblioteconomia que lhe auxiliaram no uso das tecnologias nesse período?**

*Contribuições do curso? Olha, eu não lembro de nada que tenha me ajudado em relação ao curso, assim. Eu acho que a gente foi mais pela necessidade ali do momento, né? E até pelo perfil dos alunos, pelo que a gente conhecia e tentando adequar ali de acordo com a faixa etária o livro que eu estava disponibilizando lá na plataforma. Acho que nunca cheguei a pensar assim, ah, o que eu aprendi que eu poderia estar aqui colocando, sabe? Acho que foi mesmo pela demanda da escola, pelos alunos que a gente tinha. Não é isso.*

**10 - Caso você queira falar mais alguma coisa, fique à vontade.**

*Eu só acho que foi um período bem desafiador para todo mundo, né? Todo mundo teve que se adaptar naquele momento. Foi uma coisa que para todo mundo foi uma surpresa, então acho que cada um fez como deu, né? E alguns fizeram mais, outros menos, de acordo também com as suas habilidades e até preferências, né? Teve muita gente que fez contação de história, é uma coisa que eu não me identifico, não gosto principalmente na frente de uma câmera, então assim não me sinto à vontade, né? Mas eu acho que cada um deu o seu jeito a seu modo e no fim todo mundo conseguiu, eu diria, né? Alguns mais, outros menos, mas todo mundo deu conta.*

*E também para os próprios alunos, eu acho que foi uma grande dificuldade né, um grande desafio, assim. Todo mundo se viu muito perdido naquela época. Eu acho que para nós foi difícil, mas para eles mais ainda, né? Principalmente por serem crianças ou até pré-adolescentes ali. E é desafiador também para eles darem continuidade no ensino, na leitura, né? Muitos sem essa condição, eu digo, até financeira, né? De estar tendo internet, de estar tendo computador ou um tablet, enfim. E por mais que a gente tenha tentado fazer com que eles tivessem uma normalidade de ensino, havia muitas, muitas coisas nesse meio aí, né? Então não foi fácil para ninguém, mas eu acho que principalmente para os alunos, assim, foi bem difícil. E acho também que depois que retornou ao presencial, foi fácil de voltar àquela rotina de leitura, de normalidade na biblioteca, eu percebi, pelo menos lá na escola, né? Mas foi um período bem desafiador para todo mundo.*

### **Entrevistado 03**

#### **1 - Você pode comentar como era a sua relação com as tecnologias digitais da informação e comunicação antes do período da pandemia?**

*Sempre tive uma afinidade assim com tecnologias e tal, nunca precisei trabalhar. Antes de trabalhar na escola trabalhei numa empresa de digitalização de documentos onde era documentalista, depois fiz toda a parte de indexação, trabalhava só com TICs, bem dizer, então eu já tinha uma afinidade, nunca gostei muito, eu gosto muito mais do trabalho de serviço de referência, estar com as crianças, indicar livros e tudo, só porque sempre tive uma afinidade, mas é antes da Covid, né?*

#### **Isso, antes da pandemia.**

*É, sempre tive afinidade, mas nunca usei tanto, o máximo assim para fazer uma apresentação, algo diferente, mas antes da pandemia não era tanto assim usado no meu dia a dia, especificamente na biblioteca escolar.*

#### **2 - De que forma o seu trabalho durante o ensino remoto mudou a sua relação com as tecnologias?**

*Ah mudou completamente, porque a pandemia foi uma surpresa né, ninguém esperava, então eu atendia ainda naquela semana antes de estourar a pandemia e uma semana depois - emprestei livro pra todo mundo - uma semana depois ah o mundo fechou, ninguém mais pode sair de casa, não tem mais, então o que vamos fazer, qual que era a proposta dos bibliotecários,*



*como que a gente vai se aproximar... Então surgiu a ideia de vários bibliotecários de contar história através de vídeos e tal, então comecei de uma forma muito amadora, contando, era um celular, só o celular tem que estar fazendo um ambiente mais silencioso, o livro, mostrando o livro e depois foi evoluindo para uma coisa super legal, porque eu fui comprando material, microfone, ring light, tripé, fui contando as histórias, daí algumas histórias eu narrava, então fotografava as páginas dos livros... ou teve vezes que eu projetei do lado assim a história fazendo com chroma key<sup>6</sup>, a história de fundo branco, consegue fazer um chroma key e botar do lado, por exemplo, fiz vários tipos diferentes, contei histórias junto com outras pessoas de outros lugares. As histórias que eu contava todas com autorização dos autores do livro ou da editora, por causa da questão de direitos autorais. Tem um canal no YouTube que tem mais de 70 histórias, que são todas da época da pandemia, tá lá na ativa ainda. Não fiz mais agora depois que acabou a pandemia, a gente não continuou com esse trabalho, só porque foi total. A gente criou uma página para biblioteca, um site da biblioteca onde tinha um lugar só para os vídeos, um lugar onde eu colocava livros que tinham acesso a direitos autorais liberados, na época da pandemia liberaram muita coisa, então a gente fez uma... uma mídioteca, quase uma videoteca, e fez também uma biblioteca digital... e tinha daí dicas e coisas assim. E mais ter grupos de WhatsApp com as turmas, e daí mandar os vídeos, e foi criado também na época tinha uma estagiária de biblioteconomia, ela começou o estágio e daí para não interromper a gente criou o Instagram da biblioteca, ela que cuidava, que dava indicação de filmes que foram adaptados de livros, que eram para os alunos maiores assim, era o projeto dos alunos maiores, e foi bem legal assim. Foi uma super introdução hoje em dia, eu sei fazer edição de vídeo perfeitamente, eu sei fazer um monte de coisa que eu aprendi por causa da época da pandemia.*

### **3 - Quais ações você desenvolveu com a biblioteca escolar durante o ensino remoto?**

*Então vamos lá, a primeira era a contação de história. Semanal, era semanal a contação de história. Escolhia um livro, daí tinha que fazer toda a parte, né? Ler a história, daí ou narrar, ou convidar alguém para contar junto, ou fotografar o livro, fazer toda a edição do vídeo, daí toda, se não me engano, toda segunda-feira eu divulgava um vídeo novo, toda segunda-feira tinha vídeo. No segundo ano da pandemia, a gente ia retornar para o presencial, ficou meio híbrido, meio presencial, a gente acabou fazendo uma greve, foi longa, foram 40 e poucos dias ou mais, a gente teve que pagar essa greve, daí eu fazia um vídeo também*

---

<sup>6</sup> “Chroma Key é o nome dado a um recurso que possibilita a troca de uma cor sólida (verde ou azul) por outra imagem” (VOXEL DIGITAL).

*relacionado à reposição da greve, que é um vídeo, é uma coleção que tem de folclore e de fábulas, e daí eu contava intercalado, cada semana eu contava uma, tem lá, são quase 30 livros, eu acho que foram os 30 dias que a gente pagou de greve. E os vídeos, a página da biblioteca, o site da biblioteca que tinha essas abas, que era uma aba só com indicação de leitura, uma aba só com os vídeos que eu contava, uma aba só com vídeos da internet, então contadores de histórias, histórias animadas, coisas assim. Uma página só de curiosidades e uma página de mural onde eles podiam deixar recado sobre o livro que eles leram naquela semana. A ideia não era ser histórias para eles fazerem alguma atividade sobre, não, era para eles separarem o momento da semana com a família para ouvir histórias. Depois, no segundo momento ali da pandemia, já no segundo semestre, começou as aulas síncronas, né, com os estudantes pelo Meet, então eu tinha um horário por semana com cada turma. Eu entrava e contava outra história daí, eles me viam, eu via eles, a gente conversava um pouco, só porque adesão, claro, era uma escola pública, pensa na época da pandemia, nem todo mundo tem acesso à internet, celular, então tinha turmas que tinha 10, tinha 5, tinha 2, tinha 1, então, e daí eu contava uma história também, a gente ali participava e sempre no intuito de ser, eu sempre tentava participar no começo da aula para ser o intuito de começar a aula leve, começar a aula tranquilo, não ser algo... mais uma tarefa, mais uma coisa para fazer e para manter o contato com eles. Com os anos finais, eu participei de algumas aulas de português, então um dia a gente falou sobre história em quadrinhos, um dia sobre mitologia, um dia sobre o mito do herói, tem os passos lá. Cada vez a professora falava, “ai [...], vou fazer contos, quem sabe tu entra”, com os grandes não era tanto, tão frequente, era só quando a professora me procurava, com os pequenos era regular. O Instagram da biblioteca que eu já falei, então, que foi a responsabilidade da estagiária, ela fez um [...] o nome, ela indicava, ah, indiquei essa semana Harry Potter, indiquei essa semana, sabe, filmes que... Jardim Secreto, então fazia uma pequena sinopse, indicava para eles, dizia onde estava disponível, se estava disponível em algum lugar, né, na internet, a gente sabe que nem todos era possível... E deixa pensar mais, apoio aos professores, né, na elaboração de, às vezes, atividades, alguma coisa assim. Edição de vídeo, daí eu que fazia para todo mundo na escola. E essa parceria com outros profissionais, então... teve amigo meu, teve outros colegas bibliotecários da rede, teve um monte de gente. E gente fez um show de talentos na escola, daí a biblioteca participou fazendo duas férias de história, um show de talentos online, assim, que os alunos se apresentavam de casa, foi bem legal, foi um evento, assim, do ano da pandemia. Como a gente não podia fazer mostra*

*pedagógica, não teve festa junina, não teve festa da família, não teve nada, esse ficou sendo o evento, assim, da escola, né, da comunidade escolar, acho que é isso.*

#### **4 - Quais foram os maiores desafios para exercer a sua profissão na RMEF durante o ensino remoto emergencial?**

*Os maiores desafios foi porque foi tudo feito com recurso próprio, então era, eu comprei um celular novo, comprei todo o material. Tipo, assim, comprei livros durante a pandemia que eu achava legal, porque eu tinha que vir aqui na escola separar alguns livros e levar para casa, para fazer esse trabalho. Então, eu vinha, assim, quinzenalmente, uma vez no mês eu tinha que vir aqui separar vários, levava para casa para ver, então, e às vezes acabei comprando também, também livros. Foi essa falta no começo, assim, de recurso, de apoio, de informação, a gente fez tudo como a gente achava que era... tipo assim, tem bibliotecas que não fizeram o que eu fiz, de contar história por vídeo, porque não era o perfil deles, porque não tiveram tanto apoio, não tiveram. Era um momento delicado emocionalmente também pra todo mundo, então, eu fiz porque eu não queria perder o contato com os alunos, para mim era muito importante manter o vínculo com eles, porque eu sei que essa quebra de vínculo era... Já tão em casa, é tão difícil, ter aquele momento de respiro. Mas foi muito desafiador nesse sentido de materiais, que não tinha, né, porque comecei trabalhando com meu computador, daí depois a escola disponibilizou um computador para eu fazer, daí eu falei: ó, preciso, eu tô fazendo edição de vídeo no celular, não é certo, não dá... não dava, no final já não dava mais. No final já tava cansado. E também essa própria questão de estar em casa preso, emocional, era muito difícil, assim, às vezes, acordar bem, falar com as crianças. Tudo, que vai tendo um prazo de validade, né, vai, vai, vai conforme foi passando o ano, assim, e também de ter que pesquisar, ter que descobrir tudo, só... não tive nem um curso, eu no fim, sobre o editor de vídeo que eu usei, eu dei um curso para os bibliotecários. Eles perguntaram, ah, como é que tu faz os vídeos? Ó, eu uso esse daqui, Power Director<sup>7</sup>. Porque eu paguei uma licença desse programa para poder, era 170 reais anual, mas eu paguei essa licença para poder usar todos os recursos, porque eu queria usar o chroma key... queria usar, eu via os tutoriais, via que tinha outros recursos legais, fazer abertura, fazer coisas assim, deu, ah, eu quero fazer assim. Então acabei pagando.*

---

<sup>7</sup> Programa de edição de vídeos.

**5 - Você recebeu capacitação e suporte para se adequar às mudanças e atender as novas demandas de ensino e aprendizagem?**

*Não recebemos nenhuma capacitação no começo. Daí a gente aprendeu a usar tudo sozinho, Google Sala de Aula, tudo. Depois que veio, mas veio já, tipo, quando veio, pelo menos para mim, não era mais novidade, o curso não acrescentou grande coisa a minha formação, porque eu sou daquele que, ai, eu vou aprender fazendo, eu vou ficar mexendo. O primeiro vídeo eu demorei dias para editar, os outros vídeos eu editava em um dia, uma manhã eu conseguia editar o vídeo todo, conseguia fazer tudo, só precisava de um lugar silencioso para fazer tudo. Então não adiantou muito, o Google Sala de Aula também depois, a prefeitura deu capacitação, mas eu não achei adequada, assim, as próprias temáticas... a gente tem formação continuada que chama, uma vez por mês a gente tem curso de formação lá no centro, no SEC, que é o nosso prédio... e chamam pessoas para falar sobre livros, literatura, biblioteca... Só que nessa época não conseguiram achar ninguém para falar sobre esse período, porque como estava todo mundo aprendendo, como estava todo mundo vivendo no mesmo momento junto, não tinha, assim, pessoas para falar sobre, então acabou ficando essa lacuna, realmente, na formação, assim. Quando veio, já veio defasado e já veio muito, muito básico, assim, o Google Sala de Aula básico, com edição de vídeo básico só com edição desses que são gratuitos, ou fica marcado água, fica sabido, não gostava.*

**6 - Quais parcerias você estabeleceu para dar conta da demanda por biblioteca escolar durante o período da pandemia?**

*Então, na época da pandemia eu tinha a estagiária, que é um super suporte, que daí ela fez essa parte do Instagram, cuidou da parte do Instagram. Envolveu uma parte de pesquisa, envolveu tudo, porque pensa de fazer um estágio, que era obrigatório até na época que tem que dar conta de catalogação de outras coisas, ainda bem que quando ela entrou a gente tinha feito um pouco de catalogação, indexação, atendimento às turmas, então depois ela conseguiu cumprir as horas. Eu tinha um auxiliar também, só que o meu auxiliar já era uma senhora [...], que não tinha esse domínio das telas, mas ela participava das aulas, ela levou livros para casa para registrar, fazer carimbar, ficha de bolso. A gente apresentou um trabalho na pandemia, uma série de lives que tinha, que foi um trabalho antigo nosso, e ela dava todo suporte assim, ai vamos fazer um material, está chegando a época da festa junina, vamos fazer algo sobre festa junina para conversar com eles... daí ela montava um material assim, montava um texto com imagens. Então era bem parceria, os professores da escola que foram essenciais, a gente*

*aprendeu junto, fez junto, principalmente as profes de anos iniciais que a gente tinha um contato direto, porque a gente se encontrava uma vez por semana, e eu sempre perguntava o que estava acontecendo na aula para ver se conseguia alguma história que pudesse linkar também para ajudá-las... Não que fosse a intenção, porque eu não gosto dessa história de ai, o texto é pretexto, ai, contei a história do lobo e depois vou fazer uma sequência didática que chamam... não sou muito fã, porque acho que a história tem que ser vivida, tem que ser pra ser um prazer, não para prestar atenção quem são os personagens, porque a profe vai perguntar, não... mas sempre queria tentar linkar assim poesia, por exemplo o gênero pelo menos. E os professores diárias também, a equipe pedagógica da escola, a profe da sala informatizada que é a professora de tecnologia educacional, então a gente teve, ela que ensinou a fazer o site, ela que ensinou a mexer, ela foi o suporte de formação que não teve, mas ela dava suporte enquanto escola, e os outros bibliotecários, eu fiz vários trabalhos em parceria com outros bibliotecários. Contar história, participar de live de algum outro, assim, trocar ideia, “o que você está fazendo?”, “Olha o site da minha”, a gente trocava muito, “ó achei esse link, tem vários livros com direitos autorais liberados”... porque a gente tinha essa preocupação, porque na pandemia também surgiu muita coisa que não tinha direito de autorais liberados. Estava todo o Harry Potter lá na internet, de vez que quando alguém ia lá e botava, eu dizia, “não pode”, por mais que seja pandemia, e a intenção é boa, claro, mas é isso.*

### **7 - Para você, como foi trabalhar em home office?**

*Ai, muito ruim. Eu acho que eu não me acostumaria de novo já, eu fico nervoso só de pensar em voltar a home office. Eu não era fã do home office, pra mim o meu trabalho é muito local, ele depende da estrutura física da biblioteca. Eu gosto de estar em contato diário com os alunos... então essa questão das telas, foi muito legal por aprender... “legal” né, a pandemia não foi legal, mas foi muito legal por aprender a mexer nas tecnologias... a editar vídeo, a ver outras possibilidades. De vez, quando eu vou contar história, em vez de contar história passa um dos meus vídeos, para as turminhas mais novas que não conhecem. Que é legal, é um recurso bom, é um que tá ali disponível. Eu tenho um projetor tela na biblioteca, boto ali sentado, eles assistem. É uma contação de história minha usando um recurso diferente, isso foi show de bola. Agora não tinha estrutura, como eu disse, não tinha suporte, a gente teve que aprender tudo na marra assim. Eu que tinha uma afinidade maior que tecnologias, me dei bem, quem não tinha passou muito mais dificuldades, entendeu. Tentei ajudar ainda algumas pessoas, mas era bem difícil no meio do turbilhão assim. Home office não é para mim, não é o*

*meu perfil assim, para trabalhar, acho que biblioteca escolar é o contato com as crianças e a biblioteca física.*

**8 - O que você aprendeu com as tecnologias durante o ensino remoto afetou seu trabalho ao voltar para às aulas presenciais?**

*Ah, mudou e afetou completamente, que eu digo que eu inseri isso né, eu ainda tenho presente. A gente consegue fazer outros tipos de atividade envolvendo tecnologia, eu trabalho agora hoje em dia muito mais com a professora de tecnologia educacional, a gente consegue fazer um trabalho que começa na biblioteca e continua lá, e não é simplesmente o trabalho que eles vão ver aqui, vão copiar um verbete do dicionário, um quadro da enciclopédia e depois vão lá digitar... Que antigamente era assim, essa era a ligação biblioteca: “aí faz a pesquisa no livro e depois pesquisa na internet” ... não, antigamente era assim... Usar recursos, jogos educacionais, plataformas, o próprio Google tem várias coisas para usar, então ficou bem maior assim. Uso a tela aqui, o projetor e a tela para poder fazer uma aula mais expositiva, antes eu não tinha... o meu era tudo oral né, tudo oral. Hoje em dia eu posso, não que eu vá passar um vídeo meu, mas eu posso projetar história e ir contando e eles irem acompanhando, pode ser algo mais interativo, então é nesse sentido.*

**9 - Quais as maiores contribuições do curso de biblioteconomia que lhe auxiliaram no uso das tecnologias nesse período?**

*Deixa eu ver, que mais do curso de biblioteconomia que me ajudou? Ajudou assim, ajudou por esse lado da investigação científica, por esse lado do aprender a mexer em plataformas, em aplicativos... mesmo, sendo de uma época que os aplicativos não estavam tão em alta, 2011, 2008, 2011 que é a minha formação, mas o uso das redes, o procurar fontes confiáveis, tudo isso, tudo isso ajudou muito. Paralelamente que a gente entrou na pandemia, eu entrei no CRB 14, então eu consegui associar muito do trabalho do CRB, a gente indicou fontes confiáveis para bibliotecários, para base de dados, um monte de coisas assim. Eu consegui trazer isso para o meu dia a dia no trabalho, então seria mais nesse lado assim, dos direitos autorais, do conhecimento de direitos autorais, a própria importância da literatura, do livro, foi bem legal. Inclusive na pandemia eu participei de uma aula da professora Fernanda de Sales, falando com o curso de pedagogia sobre formação de leitores, foi uma experiência bem legal, que se não existisse a pandemia, talvez não existisse essa possibilidade, foi bem legal, foi bem interessante.*

## **10 - Caso você queira falar mais alguma coisa, fique à vontade.**

*Só dizer que quando eu vi o tema da pesquisa assim, já me deu assim... nossa, eu tenho muito a contribuir, eu fiz muita coisa. Pensando, fazendo um retrospecto assim, fazer um vídeo por semana, editar o vídeo, estar em contato com eles toda semana, tem um site com material sendo atualizado toda semana. A segunda era o dia do vídeo, e na sexta era o dia da indicação para os anos finais do filme, que eles veriam no fim de semana, por exemplo, seria uma atividade. Então a gente fez muita coisa, foi um período assim, muito difícil, muito triste, muito ruim, mas foi muito feliz também, porque eu consegui o objetivo de manter o contato com as crianças... A escola conseguiu dar o suporte educacional, que dava no momento, não vou dizer necessário, que foi o ideal, que todos os alunos foram alcançados. Teve aluno que eu vi depois de quase um ano e meio, que eu fui ter contato com esse aluno, porque ele, ah, tem um adendo que a escola fazia, para quem não assistir aula online, existia atividade impressa. Então às vezes eu separava esses livrinhos de um real, assim, sabe, ou livretinhos, alguma coisa assim, e mandava junto com a atividade, para eles terem uma leitura também em casa, para quem não tinha acesso à internet. Ou às vezes a professora dizia, “[...] tu consegue separar assim uns 20 livros?” Era uma operação de guerra: separa os livros, bota nas atividades, entrega para a família. Quando o livro volta, tem que deixar o livro isolado, porque o livro parecia super contagioso. A gente deixava eles guardados duas semanas, depois passava álcool em todos os livros, botava de volta na estante. Então era meio maluquice, assim. Mas os alunos também que não tinham acesso à internet, as atividades também não ficaram, acho importante mencionar, que não ficaram assim, não tiveram contato com a biblioteca nem nada, mas aí eu fazia por texto, “oi, tudo bem, aqui é o [...], pensei que talvez esse livro pudesse ajudar nesse momento que a gente está em casa e tal, tal, tal”. Ou a professora botava um texto. Ela tinha atividade, era cinco folhas, uma das folhas era um texto, uma poesia daí, “nosso bibliotecário [...] separou para vocês essa poesia, para ler essa semana com a família, tal”, era assim, eu estava ali, eu estava ali junto. Ela dizia, “[...], vamos mandar uma poesia, vamos fazer um conto para as crianças” tal. Então era assim o contato, acho que é isso que eu tenho para dizer.*

## Entrevistado 04

### 1 - Você pode comentar como era sua relação com as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação antes do período da pandemia de Covid-19?

*Então, a minha relação era de usuária. Não de criadora, de conteúdo. Eu já tinha utilizado de forma caseira, vamos dizer, para edição de vídeos caseiros. O aplicativo KineMaster<sup>8</sup>, que foi o que eu elegi para fazer as edições. Câmera. Eu até lidava assim, mas de forma caseira, sabe? Pra trabalho escolar da minha filha. E nunca tinha criado conteúdo para a internet. Porque nunca tinha pensado nisso, na verdade. Nunca tinha tido essa ideia. Mas, se tivesse pensado nisso, já teria feito alguma coisa nesse sentido. Hoje faz um sentido bem legal ter esse material gravado. Não só para a questão de pandemia, mas para outros eventos, para o trabalho durante o atendimento comum mesmo. Às vezes está sem voz, coloca ali a contação de história. Então, o meu contato antes da pandemia era como espectadora, como usuária mesmo, né, das informações e dos canais de literatura, canais de contação de história, canais, por exemplo, cursos. A comunicação Teams, Microsoft Teams ou Google Sala de Aula, Google Meet, nunca tinha usado. Eu comecei a usar a partir da pandemia, mas antes já conhecia YouTube e a edição como caseira, espectadora.*

### 2 - De que forma o seu trabalho durante o ensino remoto mudou a sua relação com as tecnologias?

*Então, eu comecei a usar isso, procurar formas mais profissionais de utilizar né? Por exemplo, a edição né? Procurar formas mais profissionais mesmo, sabe? Por exemplo, a criar uma imagem no Canva para colocar no vídeo, utilizar a usabilidade, utilizar a questão das cores, das letras né, a música, a questão autoral. Utilizar isso de forma mais profissional. Os vídeos né, procurar ter um padrão para gravação dos vídeos, procurar ter uma programação, um roteiro de gravação né? A pesquisa das fontes também que eu utilizava para gravação era um trabalho minucioso, era um trabalho difícil. Eu levava uma semana pesquisando fontes para só num dia gravar. Eu gravava três histórias por semana. Então, era um trabalho mais árduo de pesquisa e de gravação era uma coisa só. A edição, acho que num dia eu editava os três vídeos, aí subia. Era outro dia para subir para a internet, para o YouTube. Aí eu encontrava algum problema no vídeo, aí voltava. Então, sempre era um trabalho mais dificultoso. Mas, claro, cada dia, cada vídeo que eu fazia, eu melhorava alguma coisa no próximo. Já ficava mais fácil. E no final, já tinha tudo muito planejado. Já tinha uma vinheta*

---

<sup>8</sup> Aplicativo de edição de vídeos.



*gravada de início, a vinheta de final gravada. E aí, só no final, e u procurei fazer mais narração. Porque eu já não aguentava mais, assim, me preparar para a câmera, me preparar para o vídeo. E aí, a gente começou a fazer alguns dias presencial e outros home office. Tinha menos tempo para pesquisa, menos tempo para gravar, mas aí tinha o acervo a disposição. Aí eu podia pesquisar o acervo. Então, foi ficando cada vez mais fácil. Mas a minha relação mesmo com as tecnologias que eu utilizei durante a pandemia, o que mudou foi que eu procurei ter mais cuidado e mais profissionalismo do que eu tava fazendo ali com as ferramentas.*

### **3 - Quais ações você desenvolveu com a biblioteca escolar durante o ensino remoto?**

*Então, as ações que eu fiz foi... Primeiro eu criei o canal Bibliotecária [...], que depois virou canal de histórias. O primeiro vídeo, eu fiquei idealizando isso uns 15 dias na minha cabeça. E a gente sofre pressão. Enquanto funcionária pública, a gente sofreu pressão. Porque existem pessoas que não têm interesse de desenvolver um trabalho com essa visibilidade, vamos dizer assim, que quer desenvolver um trabalho mais de suporte aos professores, de suporte informacional, de busca, de pesquisa, de estar ajudando nas pontes de informação e tal, que é um trabalho menos visível, vamos dizer assim. Preferem esse tipo de trabalho. Alguns conseguiram fazer um trabalho no Pergamum. Nesse meio tempo a gente teve o Pergamum disponível. Alguns iam na escola, pegavam material, faziam a construção, faziam a inserção desses materiais no Pergamum e devolviam, pegavam mais. Então, né, preferiam fazer assim. E tinha uma pressão também de sindicato. O que a gente vai fazer? Como a gente vai regulamentar esse trabalho home office? Para não ser explorado, para não ser... E eu não estava interessada nisso. Eu estava interessada em alcançar os meus alunos. A gente tinha uma relação de afeto também e de demanda deles, pedirem eles lembrarem ao professor o dia que ia na biblioteca. Era uma hora especial, era uma hora aula especial que a gente tinha durante a semana, durante aqueles 15 dias. Esperavam 15 dias para me ver, para ter acesso ao acervo, sabe? E eles estavam num ritmo de leitura, assim. Então eu sofri essa pressão. Se eu fizesse alguma coisa, alguém poderia falar, alguém poderia me criticar. Mas surgiu que a [...], na época que era a nossa diretora do DIBEC, que é a Divisão de Bibliotecas e Escolares Comunitárias, ela sugeriu que a gente fizesse a gravação, que a gente fizesse a gravação de um vídeo para a Semana Municipal do Livro Infantil. Aí ali foi o meu start. Ah, vou começar por aí. Tomara que ninguém se sintam... fique chateado com isso. Gravei o vídeo, né? E aí me senti à vontade com a câmera. “Ah, vai dar certo”. Então eu comecei por aí, né? Então eu comecei gravando esse vídeo. Outro viés que eu também utilizava no YouTube era a indicação*

*de leituras. Então eu fazia vídeos de contação de histórias, mas também fazia vídeos de indicação de leituras, né? Falando sobre os livros e indicando. Aí do sexto ao nono, porque era um acerto que eu tinha em casa, porque minha filha já era adolescente, então eu tinha livros que eles poderiam gostar aqui. Eu já tinha lido, que ela já tinha lido. Eu fiz ela gravar vídeo indicando o livro, então foi bem interessante também. A gente se virou, né? Aí tinha livros que eram narrados também. E também tinha os boletins semanais em PDF, que eu juntava livros disponíveis, livros de livros de direitos autorais e de acesso aberto, com links na internet e fazia um PDF com umas informações de curiosidades, algo interessante. Não só de livros, né? De literatura, mas também de autoajuda, ou então revistas científicas, tudo de acesso livre, matérias de pesquisa, dicionários. Eu coloquei o site da biblioteca também. Isso é outra ação, né? Tem os boletins semanais. Aqui eu nem anotei, mas eu coloquei no ar o site da biblioteca, com a ajuda do diretor da escola, que também me ajudou muito nessa parte de colocar no ar e tal, eu não tinha muita experiência. E, além disso, tinha as atividades impressas, porque a gente levantou que só em torno de mil crianças tinham acesso à internet, outras 700 não. Então a gente pensou nessas crianças, tanto eu quanto os professores, desenvolvemos atividades impressas para serem retiradas na recepção da escola, deixadas em caixas com a turma de cada um, e aí a gente conseguia alcançar essas crianças que não tinham acesso. Aí no caso, porque tu vai pensar, aí, que tipo de atividade que era essa? Era um texto curto, uma poesia, eu consegui o direito de ter uma folha frente verso né, porque os professores tinham acesso né, a quantas folhas quiser, e tal. Eu não, eu tinha uma folha frente verso. Então esse era o meu espaço. Eu colocava um texto, procurava manter ali uma página no máximo, e a minha proposta sempre era a mesma, que era o que: é a leitura e a discussão dessa leitura em família. Então era sempre algum tema específico, alguma coisa sobre amizade, sobre afeto, sobre a família, sobre o amor, algo assim que pudesse ser discutido entre a família, né? Então era isso que era. Essas eram as nossas atividades. O canal de histórias, o canal do YouTube, tanto com contação de histórias quanto indicação de leituras, os boletins semanais em PDF, que é mais que eu te falei? As atividades impressas e o site da biblioteca, o site da biblioteca, era isso que eu desenvolvia.*

#### **4 - Quais foram os maiores desafios para exercer a sua profissão na RMEF durante o ensino remoto?**

*O maior desafio foi recurso informacional, porque a gente estava numa era globalizada, vamos dizer assim, mas ainda existiam poucos materiais disponíveis na internet,*

*né? Aí o problema dos direitos autorais. A gente teve várias editoras e vários autores liberando nesse momento, mesmo assim a dificuldade maior foi encontrar material. Teve um dia, mesmo que eu fugir, que eu coloquei máscara, face shield e botei uma roupa assim que poderia lavar rapidamente, e fui para a escola. E me deparei com o diretor da escola lá também, sabe, clandestino. “O que que tu tá fazendo aqui?” Eu disse, “O que que tu tá fazendo aqui? Eu vim pegar livre, qual que é a tua desculpa?” E eu só abracei algumas coleções, coloquei no carrinho de mercado, levei para o meu carro... só abracei porque não tinha muito tempo, então eu abracei assim, que nem uma louca, joguei dentro do porta-malas do carro. Aí cheguei em casa, fui higienizando e colocando no carrinho de mercado e levei para o apartamento. E aí lá eu deixei eles em caixas assim, coloquei na quarentena de uma semana, para depois poder utilizar aqueles livros. E aí dali eu bebia para poder fazer a contação de história. Eu acho muito importante o objeto-livro durante a contação de história. Então eu senti muita falta do objeto-livro. Muitas vezes eu tinha só a história em PDF, ou só as imagens, então assim, eu procurava o máximo apresentar o objeto-livro, nem que fosse só a capa, né? Mas eu precisava manter, eu tinha preocupação de manter essa ligação da história, não só como um vídeo. Eu me sentia, às vezes, traindo essa questão do objeto-livro, entendeu? Por estar colocando uma história no canal do YouTube, estar disponibilizando. Mas era o único jeito, então eu gostava mais de ter o livro na mão. Eu apresentei o Kindle para eles, mas eles não têm acesso. Outra dificuldade é: os alunos não terem acesso ao celular, ou ao computador, ou à internet, porque também tinha hora que acabava a franquia de internet dos pais. Então essa foi uma dificuldade bem grande da gente se comunicar, uma dificuldade de comunicação com as famílias, com as crianças. E essa dificuldade também da aceitação dos colegas, né? De inicialmente terem um pouco de receio de estarem trabalhando horas a mais, dessa contabilização de horas que estaríamos trabalhando. Aí eu trabalhei muito mais na pandemia, eu não tinha horário e eu não parava. Eu passava a semana inteira trabalhando, o final de semana trabalhando, e não dava conta, às vezes, do que eu gostaria de fazer. Eu dava conta de apenas agrupar os grupos de turmas, de primeiro ao terceiro, do quarto ao quinto, do quinto ao sexto e do sétimo ao nono, e contava histórias que às vezes agrupavam todos os grupos, mas eu tinha que publicar exclusivamente para cada turma, então era trabalhoso, bem minucioso. Então assim, também as horas trabalhadas, o volume de trabalho, tudo isso foram dificuldades que eu encontrei para dar conta, para tentar pelo menos exercer o meu trabalho enquanto bibliotecária. Essas foram alguns dos problemas... né... equipamento técnico. Tive que trocar de celular no meio da pandemia, as lojas estavam fechadas, meu celular deu pau, aí eu mandei arrumar e comprei*

*outro, porque eu não podia ficar um dia sem trabalhar e o trabalho era todo no celular e no computador. Então, aí tinha, graças a Deus, eu tinha dois computadores em casa, porque a minha filha tinha que estudar e eu tinha que trabalhar. Então, graças a Deus, eu tinha equipamento, mas eu sei de bibliotecários que não tinham equipamento de casa. Algumas escolas disponibilizaram, mas não tinham... todos os computadores não davam conta de todos os profissionais, aí o bibliotecário ficou de fora, obviamente. Então eu tive dificuldade assim né.*

### **5 - Você recebeu capacitação e suporte para se adequar às novas mudanças e as demandas de aprendizado?**

*Capacitação e suporte para me adequar às mudanças? Ah, sim. Sim, porque na prefeitura a gente teve uma aceleridade muito grande para se adequar. Foram três dias de preparação, e no terceiro dia ou segundo dia, foi muito rápido, a gente já tinha um portal educacional. E aí a gente já tinha um suporte, um e-mail, e tinha um celular para pedir ajuda de como publicar. E aí a nossa escola já se organizou, fez uma reunião, uma assembleia nossa interna, onde a gente centralizou as postagens no portal educacional e criou o nosso próprio portal educacional. Então, foi muito rápido, assim. E a gente tinha um padrão de postagem, um padrão de desenvolvimento pedagógico, por exemplo. Eu tinha uma sequência didática, vamos dizer assim, que pronta a nossa equipe pedagógica desenvolveu um documento onde eu ia preenchendo. A gente na biblioteconomia, eu pelo menos na minha formação, eu não aprendi muito o que que era a sequência didática, o que que era uma atividade pedagógica, essa parte para mim ou eu não prestei atenção, pode ser. Eu fui, mas não estava. Então eu não sabia o que que era a sequência didática. E a nossa pedagoga lá, a equipe pedagógica, me deu esse suporte. É isso aqui, preenchendo isso aqui, tu entende o que que é o objetivo e tal. Aí eu conseguia, então, preencher aquilo ali e até ter mais clareza do que eu estava fazendo. Ter um suporte assim para o meu trabalhar. Eu preciso ter um objetivo, claro. Não é só contar história por contar. E legal a gente ter um objetivo e ter, às vezes, uma congruência com o que está sendo dado pela professora. Então rolou, rolou muito isso da gente se apoiar um ao outro. Ah, e além, outra atividade que eu desenvolvi foi as aulas ao vivo. Tinha contação de história ao vivo. Só que como o professor tinha um espaço também de horário, porque às vezes não tinha internet mesmo, então a gente tinha que ser rápido. Algumas vezes eles pediam, tem como contar uma história assim? Tem alguma história? Tem algum livro? Então a gente tinha também esse suporte, que eu não falei, de informacional mesmo para os professores, tanto de*

*literatura quanto de parte técnica, de algum livro que eles precisavam. E a gente tinha que dar esse acesso, a gente tinha que ajudar a procurar. E tinha essa questão das aulas ao vivo também, era outra atividade que eu desenvolvi. Eu já nem me lembro mais, já faz tanto tempo. Mas tinha as aulas ao vivo também. Então tinha essas participações nas aulas. Eu também assistia algumas aulas juntos, fazia algumas colaborações, aulas de artes, aulas de literatura, aulas de português. Eu sempre participava também da aula e sugeria algumas leituras em cima do que o professor estava falando. As aulas sobre gênero. A gente tinha um planejamento de trabalhar gêneros literários em cada turma. Então, digamos que o primeiro ano trabalha receita, o segundo ano trabalha carta, o outro convite e assim vai. Sabe, cada um tinha um gênero literário que ia trabalhar de forma mais profunda e desenvolver algum projeto pedagógico com aquele gênero literário. Então eu estava sempre presente em todos os anos nas aulas de português, auxiliando nesse... Porque a gente tem literatura infantil, sobre carta, sobre convite. O Bruxa Bruxa Vem a Minha Festa, e esse tinha que trabalhar para o segundo ano porque eles tinham convite. E o carteiro chegou. A Receita tinha um livro da Dona Benta. Tem o Sítio do Pica pau amarelo. Então a gente tinha sempre um livro para cada gênero literário e a gente ia trabalhando de acordo com a série. Tinha isso também. É uma loucura. É muita coisa. Mas tinha esse suporte tanto tecnológico assim de “ah como é que eu faço para fazer o site?”. A gente tinha o suporte do pessoal da sala informatizada que tinha uma similaridade, mas que não é bem esse o propósito, mas na pandemia todo mundo se ajudou. Então para publicar o site também tive muita ajuda. Para postar, para enviar as postagens, a gente teve um suporte para criação do portal educacional a gente teve suporte. Então a prefeitura ofereceu um suporte importante pra a gente estar desenvolvendo as atividades on-line sim.*

## **6 - Quais parcerias você estabeleceu para dar conta da demanda por biblioteca escolar durante o período da pandemia?**

*Parcerias? Eu tinha parceria com a direção. O DIBEC também ofereceu bastante ajuda né, com o contato de autores para a gente chamar para fazer uma contação de história. Eu acabei não fazendo isso. Eu foquei no canal de histórias. Mas a gente tinha parcerias com o DIBEC. Os outros bibliotecários, alguns fizeram parcerias também. Um contou história para o outro e tal ou dividiram a história. Foi bem interessante. Basicamente isso na pandemia ficou difícil. Os professores, a gente se apoiava. Mas foi bem difícil. Mas ao mesmo tempo entre*

*bibliotecários a gente se apoiou mais. Alguns. Em todo meio tem os que você pode contar, outros que não. Então tinha o apoio sim de alguns. A gente trocava bastante ideia.*

### **7 - Para você, como foi trabalhar em home office?**

*Então. Inicialmente eu desenvolvi uma gastrite bem grande, porque eu não sabia o que ia fazer. Fiquei bem apreensiva. Tive uma crise bem feia de gastrite. Foi aterrorizante. Eu não sabia o que ia fazer. A partir do momento que eu fui delineando o trabalho ele virou um trabalho muito árduo. Muito, muito, muito extenuante mesmo. Cansativo. Não tinha horário. O melhor horário para gravar era de madrugada, porque conciliar a rotina de casa com a rotina do trabalho também não foi fácil. Meu filho tinha [...] e a minha filha devia estar com [...]. Então foi muito complicado. Um bebê e uma adolescente em casa, é, pegava fogo. Então durante o dia eu tinha que equilibrar os trabalhos, tinha que organizar muito esse trabalho para que ocorresse assim né. De início eu não tinha uma organização de horário. Depois eu desenvolvi um horário para trabalhar porque né, se não, não dava conta. Porque realmente tinha que organizar a rotina de casa e a rotina do trabalho tudo junto. Acho que prejudicou um pouco o relacionamento familiar. Prejudica muito, porque é difícil pedir para uma criança de dois anos fazer silêncio ou te deixar trabalhar. Não te requerer. Pô, você está ali, a criança quer atenção e você não pode dar, você está trabalhando. Então foi muito difícil assim. Prejudicou o meu relacionamento amoroso, prejudicou o meu relacionamento familiar, prejudicou... o trabalho home office, nem a pandemia né, o trabalho home office mesmo. Prejudicou a minha saúde, saúde física e mental. Então assim, foi bem prejudicial para mim. Até que as coisas se organizaram um pouco melhor né, que o trabalho ficou um pouco mais prático por conta do exercício diário de fazer isso, de organizar os horários, de organizar a rotina de casa. Quando a gente se acostumou, acabou. Quando a gente aprendeu, não precisava mais. Então foi difícil, mas aos poucos a gente se acostumou. Mas realmente foi bem prejudicial para mim. Outras pessoas podem se adaptar melhor. Eu acho que se começasse amanhã... Ah, amanhã vocês vão trabalhar home office e as crianças também vão fazer aula em casa... E aí já ia ser diferente, porque eu já tenho essa experiência e eu já sei o que fazer. Mas naquela hora ali do nada... de repente... Porque eu nem tinha imaginado que chegaria aqui pandemia. Não passa. Eu sou muito otimista. Já vai passar logo, já... né? Ah, é só lá na Europa, não vai chegar aqui. Não, não... O meu filho foi o primeiro a pegar covid, porque ele ficou três dias com febre, indo para a escola. A escolinha que ele frequentava não tinha “Ah, está com febre. Não pode vir” e era medicado lá. Aí a professora disse “ó Mãe, está já três*

*dias com febre. Acho melhor ele ver a pediatra né.”. Aí faltei o trabalho, fui levar ao pediatra. Levei na casa dos meus pais, pra esperar o horário da consulta. Ai chegando lá na consulta falei “Doutora e esse covid aí como que tá?”. Ela “Não, vocês viajaram?”. Eu digo “Não!”, “Alguém da família viajou, teve contato com ele?”. Eu “Não”, “Ah, então não é!”. “Então tá!”. E tudo certo. Aí houve uma febrinha. Ela assim: “Mas muito estranho essa febre. Sem catarro, sem tosse né.” Eu disse, “Pois, é”. Ela assim “Então vai sair alguma coisinha na pele, fica de olho”. A gente ficou de olho, não aconteceu nada e passou. E aí ali depois uns vinte dias que tinha dado lockdown, o laboratório procurou o pai dele, porque o pai dele é [...] e eles estavam abrindo unidades em Florianópolis em meio a pandemia e ofereceram teste, né, que ia uma equipe né em casa, retirar o sangue pra fazer testes que ele quisesse, inclusive de COVID que eles estavam oferecendo. Todo mundo tinha pegado COVID, todo mundo tinha tido COVID. Então assim, a gente se assustou. Minha filha teve uma crise feia de rinite, não chegou a ter febre. Meu marido ficou muito mal aqueles quinze primeiros dias, ele tava muito mal e atendendo e trabalhando. Eu fiquei muito ruim, tive uma queda de pressão, uma coisa muito ruim assim, fiquei um dia de cama meio mal, mas no outro dia tava trabalhando e tava tudo bem. Então todo mundo teve COVID, cada um sentiu um sintoma diferente e todo mundo tinha tido contato. E ele tinha sido o primeiro. Então esse foi um desafio assim, bem... então a gente não tinha ideia que ia acontecer, então a gente não se preparou, não pensou numa possibilidade... eu nunca tinha pensado que o bibliotecário poderia atuar em home office. Aliás, eu só tinha ouvido falar de fazer clipping. Eu tenho uma prima que não é bibliotecária, é jornalista, então tudo certo. Ela faz clipping pra empresas, ela tem clientes né que pedem para ela fazer clipping sobre diversos assuntos e ela faz isso de casa. A empresa contratou ela, é uma empresa né, que fornece esse serviço e ela trabalha home office, né. Então, eu disse “ah o bibliotecário poderia atuar nessa área”. Né, pode, claro. Tem bibliotecários que atuam nessa área, poderia ser o home office. Mas nunca! Nunca me passou pela cabeça, como eu faria? Nunca, nunca. Então foi muito de surpresa assim.*

## **8 - O que você aprendeu com as tecnologias durante o ensino remoto afetou seu trabalho ao voltar para às aulas presenciais?**

*Com certeza! Eu acho que virou assim, um acervo que eu posso ter disponível para trabalhar esses vídeos né. Eu acho que foi um outro ramo de atuação, que seria o Youtube ou as mídias sociais. Eu acho que abriu os nossos olhos para as mídias sociais. Ah, a gente tinha também o Instagram, a gestão do Instagram da biblioteca. Então a gente tinha lá o material*

*no Instagram, tinha o Facebook também. Olha quanta coisa que eu nem anotei, nem lembrava mais. Tinha o Instagram e o Facebook também, então a gente tinha muito trabalho, tinha bastante demanda sim. Tudo que estava no Youtube ia para o Instagram, para o Facebook, então era só um momentinho que ia da escola do meu filho, tá bom, tá tudo bem. E agora tem que confirmar o dentista. Então, é basicamente isso. A pergunta foi...*

**O que você aprendeu com as tecnologias, afetou o seu trabalho quando você voltou?**

*É, eu passei a ver essas mídias sociais como uma ferramenta de trabalho também, um campo de atuação, um campo né, de... e também uma ferramenta para utilizar com os alunos durante o presencial também, além de a experiência com o Youtube, a experiência com o KineMaster, que foi o app que eu usei para editar, me fornecer também né, um know-how para utilizar no presencial também com eles. Se eles fizerem uma atividade a gente registra e pública no Youtube né. Então assim, acho que me capacita mais ainda para o meu trabalho, essa experiência foi engrandecedora, eu aprendi muita coisa que eu uso sim durante o trabalho presencial também.*

**E as atividades que vocês fizeram durante a pandemia, alguma delas foi dada a continuidade depois da volta?**

*Eu tentei, só que aí, né, o que me dificulta é o deslocamento, eu trabalho muito longe da minha casa ou moro muito longe do meu trabalho, né, tanto faz. Então eu não tenho muito tempo disponível para fazer esse trabalho que eu fazia, de buscar histórias, fazer a gravação, editar, subir no Youtube, eu não tenho tempo livre para isso. E aqui tem os atendimentos, né, aqui fica impossível gravar, não sei se você percebeu, mas é uma escola pequena. Lá na outra escola eu até tinha lugar e horários para gravar, então eu continuei, quando eu estava lá. Quando eu vim para cá eu não consegui mais, apesar de aqui ser mais perto, mas, né, rotina em casa também, não consegui dar continuidade, mas teve alguns vídeos que foram publicados depois da volta às aulas, sim. Que lá eu conseguia gravar e aqui não, mas... e eu tenho vontade de continuar, mas difícil, difícil ter tempo de gravar.*

**9 - Quais as maiores contribuições do curso de Biblioteconomia que lhe auxiliaram no uso das tecnologias nesse período?**

*A gente teve aulas sobre HTML, sobre criação de site, sobre usabilidade, não vou te lembrar agora a disciplina exata, ou o professor, mas a gente tinha aulas... ah, foi a professora Lani. A gente tinha aulas no laboratório de informática sobre usabilidade, sobre criação de*



site, a gente criou um site e aí quando chegou na pandemia eu tinha uma ideia muito clara do que eu poderia fazer. Só que a tecnologia tinha avançado muito no sentido de facilitar, né. Tem vezes que a tecnologia avança e acaba te excluindo, no meu caso me incluiu, me facilitou, porque o Google Sites veio para facilitar tudo. Eu não tive que escrever em uma linha, tava tudo lá e eu só personalizei, mas como eu sabia, como o Google Sites estava escrevendo, eu podia editar essas linhas, essas linhas eram abertas para eu escrever também e modificar... Isso facilitou demais e deu uma personalidade assim para o nosso site, tanto da escola que eu também colaborei, quanto o site da biblioteca. Então foi muito, assim, fez parte da minha formação e foi muito útil, essa parte visual e a parte de criação site, de organização do mapa do site, de como apresentar as páginas... isso tudo a gente teve na Biblioteconomia. Muita gente nem sabe disso, mas foi muito importante assim essa parte. E a questão de direitos autorais, a questão de estar referenciando... Eu tive aula de contação de história, a gente teve prática de contação de história com a professora Maria Emília. Era atividade cultural, alguma coisa assim... sei lá o que é cultural. A gente teve essa vivência, de ir nas escolas, de fazer apresentação para os alunos, de planejar a contação de história, de escolher o livro. Então eu tive essa vivência e tinha como aplicar isso na pandemia através do YouTube, então com certeza a Biblioteconomia me preparou... a noção de que os alunos precisam desse contato com a literatura pra se formarem leitores, isso foi o viés principal da minha atuação enquanto bibliotecária na pandemia. A minha preocupação principal era manter eles ligados afetivamente com a literatura, ligados afetivamente com a leitura e não pararem de ler por conta da pandemia. Outra ação que a gente fez que eu não falei, é que assim... a gente tinha na biblioteca um acervo de livros que foram doados para os alunos e muito lamentavelmente os alunos deixaram na escola e ficou em sala de aula, ficou lá... mas era para eles, não era para estar em sala de aula nem na biblioteca. E num dado momento acabaram recolhendo esses livros de sala de aula e levaram para a biblioteca, sabe como que é, joga lá. E aí na pandemia eu lembrei desse acervo, eu disse, “eu preciso que eles leiam, mas eles não têm livros em casa, como é que eu vou fazer?”. Eu fui de novo sorrateiramente na biblioteca, selecionei esse material, com luva, máscara, faceshield e tudo, selecionei esse material e coloquei num carrinho de mercado e deixei na porta da escola, “Pegue e leve!”, simples assim. Aí escrevi um bilhetinho e coloquei com clips para não machucar tanto assim, dobra o papel em cima da capa e põe o clip, para não machucar tanto a sua obra. Coloquei em cada um, imprimi, recortei, coloquei em cada um, coloquei no carrinho assim, nas caixinhas, pegue leve, e aí tinha lá nesse bilhetinho, “esse livro é para compor a sua biblioteca pessoal, para que você

*continue a leitura durante esse período de pandemia. É interessante você higienizar esse livro com álcool, num pano úmido com álcool. Higienize suas mãos com álcool. Lê esse livro, se você quiser devolver esse livro nesse carrinho, vai ser de grande ajuda”. E aí menina, uma das avós de uns alunos, ela fazia um trabalho de recolher as atividades deles, impressas né, dos que não tinham acesso à internet principalmente e ela viu aquele carrinho e ela disse, “que lindo, como que essa bibliotecária pensou nisso, que coisa linda!”, e eu mandei “um abraço, estou com saudade de vocês! Bibliotecária”. Ela disse, “meu Deus do céu, que lindo!”, catou livros, botou no porta-malas do carro e foi levando para as famílias, então assim, foi lindo, foi lindo! E ela não contente, quando chegava na casa da pessoa, ela fazia a criança tirar uma foto, o livro, o bilhete e a atividade. Então assim, foi lindo, lindo, lindo... e os que tinham internet me retornavam com desenhos, com fotos, aí... me retornavam relatos da discussão que foi feita em casa, dúvidas... então foi um trabalho bem lindo assim, foi bem lindo. Então essa importância de formar leitores estava muito latente em mim, isso vem da minha formação, vem da minha formação enquanto pessoa, enquanto família, eu tive essa formação de que a leitura é muito importante, faz muito parte da minha formação enquanto pessoa e só reverberou enquanto bibliotecária. A [...] sabe que eu tenho essa ligação muito forte, então esse foi o principal, o viés principal, mas de resto as ferramentas... a classificação dos livros também, a procura, a busca pela informação, a questão de direitos autorais... tudo isso eu tinha ferramentas do curso de biblioteconomia que eu me formei, da época que eu me formei, que foi gestão da informação. Então tinha esse viés cultural, esse viés social, esse viés de formação do leitor, então eu estava muito bem, nesse sentido muito bem preparada para o que aconteceu. Até mesmo em questão de tecnologia, estava muito bem preparada.*

## **10 - Caso queira falar mais alguma coisa, fique à vontade.**

*Ah, a visibilidade né, das atividades... porque eu não sei te dizer como é que foi do trabalho dos outros bibliotecários, cada um fez um trabalho diferenciado... mas eu recebi uma homenagem desses alunos, eles fizeram um vídeo com as fotos. Eu peguei esse vídeo e transformei numa homenagem para eles, porque eu disse, “não, vocês que estão construindo isso”. Eu fiz um vídeo para homenagear a vovó [...], que foi ela que fez esse direcionamento dos livros e homenagear os alunos também por terem feito parte e pegado junto comigo, para a gente continuar esse trabalho de leitura. Aí o máximo de visualizações que eu consegui num vídeo foi 2.394 visualizações, 88 gostei, 88 joinha, em 2 de dezembro de 2021 esse vídeo foi publicado e é a leitura do livro Alguém Muito Especial, que é sobre o autismo, então, assim..*

autismo ou síndrome de down, agora eu estou na dúvida, mas a gente tem no acervo aqui, e foi muito legal, porque um livro com uma temática dessa tem tantas visualizações, tantos compartilhamentos, então foi bem importante. Então o canal de histórias não era visualizado só pela comunidade escolar, ele acabou se espalhando assim, pelas outras escolas, colegas compartilhavam, então, tinha outras professoras... os vídeos foram utilizados nas aulas também. Às vezes eu não estava lá ao vivo, mas elas exibiam os vídeos online durante a aula. Depois que voltou da pandemia, elas exibiam. Às vezes eu estava pelos corredores das escolas e escutava a minha voz, “ué?”... aí eu ia ver, elas estavam passando uma história minha, porque estava no site da biblioteca, estava lá disponível, então ficou um acervo, sabe... E o que mais? Eu acho que o principal que a gente tem que falar é que existiram perdas e existiram ganhos com a pandemia. Acho que o ganho foi essa experiência que a gente teve, de saber que o trabalho do bibliotecário vai muito além do livro, do objeto-livro. Ele vai além, ele vai na formação de leitores e não leitores apenas decodificadores ou de ajudar na interpretação, na visão crítica e tal. Não, a gente vai para além que é a visão de mundo, né, então nunca tinha uma história que eu lia ponto final. Sempre tinha uma discussão depois, sempre tinha algo a acrescentar, uma reflexão e isso que eu considero de mais importante da nossa profissão, sabe, de fazer com que as pessoas tenham essa leitura de mundo, tenham essa compreensão de mundo, de si enquanto indivíduo. Isso perpassa pela literatura, perpassa pelas questões de organização também, sabe? Eu sou muito também dessa parte de organização em geral, não só de livros, mas organização da vida, de tudo, sabe? E a biblioteconomia perpassa por isso e a partir do momento... Ah, e de busca de informação, da troca de informação, da formação do conhecimento, do compartilhamento de experiências... Isso a pandemia nos deixou, eu acho que assim... a gente fez depois algumas lives, eu participei de algumas lives que a prefeitura mesmo organizou, o polo UAB, não sei se tu conhece, que é a Universidade Aberta do Brasil. A gente tem um polo da prefeitura aqui na cidade e esse polo desenvolveu algumas rodas de conversa online durante e depois da pandemia e foi dado destaque para esse trabalho que a gente desenvolveu, eu e as minhas estagiárias, claro, elas também trabalharam muito, muito. E daqui a pouco não queriam aceitar o estágio delas durante a pandemia, eu falei “não, mas elas estão aqui desenvolvendo site, fazendo seleção de história”. Eu sozinha não conseguia selecionar história, e elas achavam, elas davam conta, desenvolvendo, é... elas tinham muito essa experiência de JavaScript, sabe, desenvolvedor de site, de tudo, elas eram maravilhosas e estavam formando uma na UFSC e outra na UDESC. Então surreal assim, surreal. Como acrescenta, cada ano que se passa o curso acrescenta mais e mais na formação do profissional.

*Então elas estavam com tudo fresco ali, elas estavam preocupadas com a questão do Pergamum, de não ter uma formação técnica no estágio, eu falei “não se preocupem com isso, os sistemas de gestão de acervo, eles são cada vez mais intuitivos, e eles vão precisar que tu saiba o que é o Marc, o que é o ACR, o que é o CDD ou a CDU. Vocês já sabem, então é isso aí, é o exercício que vai te levar ao conhecimento dessa área e não vai dar pra ser hoje, porque não temos Pergamum disponível, a gente exercita de outra forma”. Quando a gente estava na biblioteca que tava presencial, eu dizia pra elas, que tal vocês tentarem uma classificação aí, pegarem os livros e começarem. Porque com o Pergamum já está lá, a gente faz catalogação em rede, então muitos livros que eu pego aqui já estão, e a gente decide também qual classe a gente vai adotar para cada livro, tipo literatura infanto-juvenil, Harry Potter é literatura estrangeira ou literatura infanto-juvenil? Onde é que coloca? A gente decidiu que coloca no infanto-juvenil, porque é quem vai querer ler, além dos adultos também, mas a gente coloca ali pra eles terem acesso junto com o Montero Lobato, sabe? Tudo ali deles, pra eles, por eles, centrado no aluno. Ah, “mas é literatura estrangeira!” aí está centrando no tecnicista, está centrando no Dewey que não está nem aí. Vamos centrar em quem está aqui, quem está usando, no usuário. Então isso eu tentei passar pra elas, “é isso que vocês tem que saber”. Agora se você vai pra uma universitária, é totalmente diferente, se você vai pra uma biblioteca de um juizado, de uma vara, de uma biblioteca especializada, é outra história. Se você vai com cartório, é outro tipo de material, então não se foquem nisso, foquem nisso aqui. O que eu posso passar pra vocês agora, nesse momento, ninguém passa, ninguém passa, você vai pagar um curso... é prática, é contação de história, é a busca de informação. E elas ficaram mais felizes assim, mas elas estavam muito preocupadas. E o trabalho técnico é... a gente faz a catalogação, tu vai contar uma história, vamos pegar o livro, sei lá, o livro do Montero Lobato, qualquer um, pra quem? Pra quem que a gente vai contar a história? Isso é trabalho técnico de classificação. Ai esse livro é infanto-juvenil, ai então dá pra gente contar, entendeu. Tu classificou, tu classificou, tu indexou, tu trabalhou a obra, tu tem que processá-la tecnicamente na tua cabeça que seja, pra tu estar disponibilizando de maneira virtual ou presencial. E elas ficaram um pouco mais contentinhas, conseguiu enrolar, conseguiu enrolar. Não queria nem aceitar o estágio delas no virtual, mas eu falei “não, mas elas estão trabalhando”, eu cheguei a escrever cartas justificando e ainda anexando o trabalho delas, o vídeo de contação de história delas, elas estão trabalhando, oxi, como assim?*

**E aí aceitaram?**

*Aceitaram, e aí isso abriu o precedente pra outros também que conseguiram, mas foi bem difícil assim, mas essa conclusão que eu tiro, do nosso trabalho na pandemia. É que a gente teve muitas perdas, que teve crianças que estavam nesse processo de formação de leitor, que estava muito intenso ali comigo, no chão da biblioteca, no tatame ali com a gente, estava indo bem aí com a pandemia se perderam, mas outros entraram nessa onda da leitura, entraram, vieram com a gente porque estava no celular, que a gente não estava, entende? Ai só falava de youtuber, só falava de Lutas Neto, de Filipe Neto, ai agora está vendo eu e tá ali. Então a gente teve perdas, mas também teve muitos ganhos, até mesmo pra gente se capacitar, pra gente conhecer que tem outras áreas de atuação, que tem outras maneiras, não só aqui no chão, mas também tem na nuvem, vamos dizer assim, a gente pode estar em qualquer lugar, a gente pode acessar. Então é bem importante. Aí quando um aluno precisa se ausentar, fazer um tratamento de saúde, a gente tem como contatá-lo, a gente sabe o que fazer pra continuar, então acho que deu ferramentas, e se se repetir, a gente sabe o que fazer agora.*

## **Entrevistado 05**

### **1 - Você pode comentar como era a sua relação com as tecnologias digitais da informação antes do período da pandemia de COVID-19?**

*Então, eu sempre tive muita facilidade com a questão tecnológica. Mas claro que muitas coisas aconteceram e a gente acabou aprendendo. Inclusive, a gente teve que montar uma biblioteca virtual. A gente fez ali a entrada do podcast que a gente não tinha com contação de história pras crianças, pra tentar fazer com que eles estivessem dentro aqui da biblioteca mais, né? Enfim, de uma forma diferente. Então, teve bastante coisa ali que eu tive que aprender. Mas como eu já tenho essa aptidão tecnológica bem tranquila, pra mim não foi dificuldade, sabe?*

### **2 - De que forma o seu trabalho durante o ensino remoto mudou a sua relação com as tecnologias?**

*Eu acho que só agregou, né? Porque a gente acabou aprendendo mais coisas e teve coisas que a gente conseguiu deixar até hoje. O podcast é uma delas. Mas assim, agora esse ano a gente tem uma leve parada, mas a menina da tecnologia já me chamou, vamos voltar a fazer. Que a gente está fazendo bem certinho, pelo menos uma vez no mês um podcast, sabe?*

### **3 - Quais ações você desenvolveu com a biblioteca escolar durante o ensino remoto?**

*Isso, a gente fez... Como a gente não tinha contato direto com os alunos e com as turmas, né? Eu, enquanto estava home office, a gente fez essa questão de estar auxiliando ali os professores com contação de histórias dentro do que eles estavam abordando dentro de sala. Até com o acervo virtual. A gente está trabalhando com tal coisa, será que tem alguma coisa que a gente pode falar sobre isso? A gente ficou muito focado no Covid ali, né? Muito material de Covid. E a questão do podcast. Aí depois veio a biblioteca digital, aí a gente publicava os livros que estavam na base que a gente podia, que é de livre autoria, né? Livre da autoria não, livre acesso. Então a gente postava lá, aí depois botamos coisas com curiosidade, sabe? Aí os professores também foram fazendo podcast por área, a gente jogava lá na biblioteca digital da escola mesmo, né? Aí ficava tipo um canalzinho assim, sabe? E o nosso podcast também. E daí fazíamos a contação de histórias, nós contando, e a gente postava lá também pra eles poderem visualizar.*

### **4 - Quais foram os maiores desafios para exercer a sua profissão na RMEF durante o ensino remoto?**

*Eu acredito que o mais difícil é não ter acesso às coisas físicas. Considerando que é uma biblioteca e a gente, né, tem esse contato mais humano assim. Então isso eu acho que foi o contato mais difícil. E também assim, eu não sei se eu consegui atingir um grande público fazendo esse trabalho aqui. Por mais que a gente estivesse ali tentando, produzindo, tentando fazer coisas diferentes, eu não sei se estava chegando nos alunos, entendeu? A gente conseguia ver um número de visualizações ali, mas não sei se era o tanto esperado, sabe? A gente não conseguia fazer essa métrica assim.*

### **5 - Você recebeu capacitação de suporte para se adequar às novas demandas de ensino e aprendizagem? Pode falar um pouco sobre isso?**

*Assim, a gente se ajudou com os professores de tecnologia. No que precisava, eles davam uma força, mas ter treinamento para isso, não.*

### **6 - Quais parcerias você estabeleceu para dar conta da demanda por biblioteca escolar durante o período da pandemia?**

*Isso, com os professores de tecnologia, com os professores de área dando suporte para eles, eles também tentando auxiliar a gente. Quando a gente conseguia, até chamei a autora*

*[...], uma vez, porque a professora do primeiro ano estava trabalhando alguma coisa voltada com a temática dela. Aí a gente chamou, ela fez a aula online, assim também. Foi mais nesse sentido, sabe?*

### **7 - Para você, como foi trabalhar em home office?**

*Foi bom e foi ruim. Foi bom porque eu consegui catalogar bastante livro na base. Porque quando a gente está aqui é muita loucura. A gente tem um dia fixo, que a gente não faz atendimento, deixa aberto, mas não faz atendimento com turma, para a gente poder dar conta. Porque como a nossa escola é nova, [...] a gente está tirando ainda os acervos [...] e estamos recebendo os nossos. E daí a gente recebe tanto pela secretaria como por doação. Então esse processamento técnico se torna lento por a gente não ter muito tempo. Eu trabalho seis horas também, então só eu que faço. Então se torna bem lento por isso.*

### **8 - O que você aprendeu com as tecnologias durante o ensino remoto afetou seu trabalho ao voltar para às aulas presenciais?**

*Não, não afetou, não acredito que tenha afetado. Acho que foi mais uma soma mesmo, sabe? Algumas coisas acabaram se perdendo, tipo a biblioteca digital ali a gente acaba de alimentar porque como a demanda é grande, já tem que fazer contação lá, fazer mais uma contação para gravar, e edita, e bota para Libras, que elas também faziam as Libras. Daí era tudo com Libras. Então foi mais nesse sentido, mas eu acho que foi só um somatório mesmo, não teve nada de prejuízo.*

### **9 - Quais contribuições do curso de biblioteconomia te auxiliaram no uso das tecnologias nesse período?**

*Eu acho que já está inserida dentro de quando eu fiz a Biblioteconomia, ela já era em gestão da informação, então a gente já tinha toda essa questão tecnológica envolvida, esse domínio, eu vejo que hoje na pandemia a gente percebe que tem muitos professores com dificuldades tecnológicas mesmo, até por não se habituarem a mexer. Eu sempre fui metida nisso aí. Com o curso também que já envolve essa parte, que já traz essa parte tecnológica para a gente, tu já está mais familiarizado, não se torna uma coisa tão maçante, ai meu Deus, tem que fazer uma biblioteca digital. Não, não foi assim, né? Talvez tivesse uma dúvida ou outra, mas vou me encarar de boa, não foi um bicho de 7 cabeças assim.*

**10 - Caso queira falar mais alguma coisa, fique à vontade.**

*Não, acho que é isso, era mais com relação ao Covid mesmo, a época da pandemia, daí foi isso, [...], daí fiquei mais um tempo em home office, porque ainda rolava pandemia, numa situação menor, mas as pessoas já tinham voltado, mas foi bom por isso que eu te falei, ter conseguido alimentar mais a nossa base de dados. Tipo, antes isso aqui tudo era só [...], todos os lados, agora todas as laterais já estão catalogadas, cadastradas no Pergamum, etiquetadas, tudo certinho, prontas para o empréstimo, então isso tudo foi um trabalho de pandemia também, que é passos lentos de formiguinha, mas tudo certo, vamos lá?*



**APÊNDICE C – DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: EXPRESSÕES CHAVE E  
IDEIAS CENTRAIS**

<b>Pergunta 1:</b> Você pode comentar como era a sua relação com as tecnologias digitais da informação antes do período da pandemia do Covid-19?		
<b>Entrevistado</b>	<b>Expressões chave</b>	<b>Ideias Centrais</b>
E1	<i>Eu tive que <b>reaprender novamente a usar as novas tecnologias</b>, porque eu sou formada em [...], comecei a atuar em [...], e a gente na biblioteca escolar [...] <b>eu fiquei um tempão sem computador</b>. [...] Então assim, eu digo que eu voltei para a Idade da Pedra, <b>porque voltei para a Fichinha, voltei todo para o material</b>, até vir um computador comprado pela APP da escola, então eu fiquei um período parada nas tecnologias. [...] <b>Fazia o básico, mas nada tão tecnológico.</b></i>	Fiquei sem computador na biblioteca e por isso não utilizava tecnologias, fazia o básico, mas nada tão tecnológico.
E2	<i>Em relação ao meu trabalho na escola [...] a internet mesmo eu usava <b>só no sistema Pergamum</b>, mas não em relação a fazer atividades ou estar utilizando com os alunos. Às vezes até pesquisava alguma coisa, <b>mas não era uma coisa assim muito frequente eu diria.</b></i>	Utilizava a <i>internet</i> somente no Sistema Pergamum, mas não em atividades ou com os alunos.
E3	<i><b>Sempre tive uma afinidade com tecnologias</b>, [...] antes de trabalhar na escola trabalhei numa empresa de digitalização de documentos onde era documentalista, depois fiz toda a parte de indexação, trabalhava só com tics. [...] <b>Nunca gostei muito [...], nunca usei tanto</b>, o máximo para fazer uma apresentação, algo diferente, mas antes da pandemia <b>não era tanto usado no meu dia a dia, especificamente na biblioteca escolar.</b></i>	Sempre tive afinidade, mas não gostava e não utilizava com frequência na biblioteca escolar antes da pandemia.
E4	<i>Então, a <b>minha relação era de usuária</b>. Não de criadora, de conteúdo. Porque <b>nunca tinha pensado nisso</b>, na verdade. <b>Hoje faz um sentido bem legal ter esse material gravado</b>. Não só para a questão de pandemia, mas para outros eventos, para o trabalho durante o atendimento comum mesmo. A comunicação Teams, Microsoft Teams ou Google Sala de Aula, Google Meet, nunca tinha usado. Eu comecei a usar a partir da pandemia, mas antes já conhecia YouTube e a edição como caseiro, espectadora.</i>	Relação era de usuária, utilizava somente de forma caseira. Nunca tinha pensado em usar desta forma, mas trouxe bons resultados para o trabalho pós-pandemia.
E5	<i>Então, eu <b>sempre tive muita facilidade</b> com a questão tecnológica. Mas claro que muitas</i>	Sempre tive facilidade com a questão tecnológica. Para

	<p><i>coisas aconteceram e a gente acabou aprendendo.</i></p> <p><i>Inclusive, a gente teve que montar uma biblioteca virtual. A gente fez ali a entrada do podcast que a gente não tinha com contação de história pras crianças, <b>pra tentar fazer com que eles estivessem dentro aqui da biblioteca mais, né?</b></i></p> <p><i>Enfim, de uma forma diferente. Então, <b>teve bastante coisa ali que eu tive que aprender.</b> Mas como eu já tenho essa aptidão tecnológica bem tranquila, pra mim não foi dificuldade, sabe?</i></p>	<p>manter o contato com os alunos, tive que aprender novas ferramentas, mas não tive dificuldade.</p>
--	--	---

<b>Pergunta 2:</b> De que forma o seu trabalho durante o ensino remoto mudou essa relação com as tecnologias?		
<b>Entrevistado</b>	<b>Expressões chave</b>	<b>Ideias Centrais</b>
E1	<p><i>Ah, <b>mudou bastante, porque daí eu tive que estudar, tive que fazer tutorial, tive que olhar o YouTube, como é que se faz site, como é que se faz vídeo, e aí eu fui pesquisando e fui aprendendo. Então na pandemia a gente começou a se reinventar novamente, né? [...]</b></i></p> <p><i>Eu também não gosto muito de aparecer em vídeo. [...] Então o que que eu fiz? Eu pensei num site para biblioteca, daí eu <b>tive que achar um monte de tutorial, como é que se faz site, como é que se monta site, e como é que se coloca os livros que também tem os direitos autorais, né? Então isso foi bem trabalhoso.</b></i></p>	<p>Mudou bastante, pois tive que estudar. Fui pesquisando e aprendendo. Na pandemia precisamos nos reinventar. Foi bem trabalhoso.</p>
E2	<p><i>Eu precisei utilizar elas para <b>poder passar alguma coisa para os alunos</b> durante esse período. Então, óbvio que a gente passou a utilizar mais, porque era um recurso que se tinha naquele momento. Mas daí, claro, passei a usar mais. E também se viu a <b>necessidade e o quanto que facilitava né, que aproximava também... as tecnologias.</b></i></p>	<p>Precisei utilizar mais para poder passar conteúdo para os alunos. Se viu a necessidade delas e como as tecnologias nos aproximavam.</p>
E3	<p><i>Mudou <b>completamente.</b> [...] Então surgiu a ideia de vários bibliotecários de contar história através de vídeos e tal, <b>então comecei de uma forma muito amadora contando... era um celular, o livro, mostrando o livro e depois foi evoluindo para uma coisa super legal</b> porque eu fui comprando material. [...] E foi bem legal, <b>foi uma super introdução, hoje em dia eu sei fazer edição de vídeo perfeitamente. Eu sei fazer um monte de coisa que eu aprendi por causa da época da pandemia.</b></i></p>	<p>Mudou completamente. Comecei a fazer vídeos de forma amadora, mas foi evoluindo muito conforme fui aprendendo e comprando material. Foi um aprendizado muito grande.</p>

E4	<p><i>Então, eu comecei a usar isso, procurar formas <b>mais profissionais</b> de utilizar né? Utilizar isso de forma mais profissional. [...] procurar ter um padrão para gravação dos vídeos, procurar ter uma programação, um roteiro de gravação. A pesquisa das fontes também que eu utilizava para gravação era um trabalho minucioso.</i></p> <p><i>[...] <b>E no final, já tinha tudo muito planejado.</b></i></p> <p><i>[...] E aí, a gente começou a fazer alguns dias presencial e outros home office. [...] <b>Aí eu podia pesquisar o acervo.</b> Então, foi ficando cada vez mais fácil.</i></p> <p><i>[...] Mas a minha relação mesmo com as tecnologias que eu utilizei durante a pandemia, o que mudou foi que eu <b>procurei ter mais cuidado e mais profissionalismo</b> do que eu tava fazendo ali com as ferramentas.</i></p>	Comecei a utilizar com mais cuidado e profissionalismo. No final, com a prática e o acesso ao acervo, ficou mais fácil
E5	<p><i>Eu acho que <b>só agregou</b>, né? Porque a gente acabou aprendendo mais coisas e <b>teve coisas que a gente conseguiu deixar até hoje.</b></i></p>	A prática agregou ao meu trabalho e algumas atividades foram mantidas até hoje

<b>Pergunta 3: Quais ações você desenvolveu com a biblioteca escolar durante o ensino remoto?</b>		
<b>Entrevistado</b>	<b>Expressões chave</b>	<b>Ideias Centrais</b>
E1	<p><i><b>A gente montou um site</b>, só que eu montei um site numa plataforma paga, né? <b>Eu divulgava lá outros sites</b> que as crianças podiam entrar e acessar pra ver museus, mapas, livros, e também alguns livros. [...] Eu baixava, baixava em PDF e colocava no meu site . [...] Era bom que depois que ele baixava, ele conseguia ficar lendo livros sem ficar com a internet conectada. [...] A cada 15 dias a gente mudava um vídeo de entrada ali... ou era uma história da turma da Mônica, ou era alguém contando uma história aqui da ilha, ou era algum professor que também fez parceria e contava histórias. [...] <b>Aí eu tinha uma comunicação com eles via e-mail ali no meu site mesmo</b>, eles se comunicavam, falavam pra mim o que eles queriam.</i></p> <p><i>... <b>Aí depois eu fiz um podcast de poesias</b>, aí só poesias. <b>Aí todo dia eu lia uma poesia e colocava também no meu site para quem quisesse acessar, né?</b></i></p> <p><i>.... <b>Aí lá pra setembro eu comecei a informatizar</b>, daí eu comecei a trabalhar bem direto no Pergamum. Inseri livros, [...]</i></p>	Nós montamos um <i>site</i> em uma plataforma paga. Divulgamos <i>sites</i> interessantes para as crianças acessarem, PDF de livros de acesso aberto e vídeos de histórias. Me comunicava com eles via e-mail pelo site. Fiz um podcast de poesias. Comecei a informatizar a biblioteca no sistema Pergamum.

	<i>imprimia também as etiquetas em casa [...] Aí a gente foi pra esse lado mais da informatização da escola, da biblioteca mesmo.</i>	
E1 – Q8	<i>[...] porque tem alguns que também na pandemia tiveram bastante dificuldade do acesso às tecnologias, tinha criança que só tinha o celular da mãe ou o celular de alguém, e também é bem complicado fazer leitura no celular, <b>então tinha algumas crianças que também não utilizavam a maneira remota, elas iam na escola buscar atividades físicas e livros físicos também, que a gente separava também pra eles, tanto 2020 como em 2021.</b></i>	Separamos atividades impressas e livros físicos para emprestar para alunos que não tinham acesso ou pouco acesso às tecnologias.
E2	<i>E a gente fez mais é... <b>disponibilizou livros, que tem a própria prefeitura, disponibilizou lá um site, uma plataforma que daí a gente estava inserindo e cada escola tinha o seu ambiente, digamos assim. [...] toda semana, a gente disponibilizava livros em PDF para aqueles de domínio público, que era possível.</b></i>	Disponibilizamos, toda semana, livros de domínio público no site oferecido pela prefeitura.
E3	<i>Então vamos lá, a primeira <b>era a contação de história. Semanal, era semanal a contação de história. [...] Ler a história, daí ou narrar, ou convidar alguém para contar junto, ou fotografar o livro, fazer toda a edição do vídeo. [...] o site da biblioteca que tinha essas abas, que era uma aba só com indicação de leitura, uma aba só com os vídeos que eu contava, uma aba só com vídeos da internet, então contadores de histórias, histórias animadas, coisas assim. Uma página só de curiosidades e uma página de mural onde eles podiam deixar recado sobre o livro que eles leram naquela semana. [...] A ideia não era ser histórias para eles fazerem alguma atividade sobre, não, era para eles <b>separarem o momento da semana com a família para ouvir histórias. [...] Depois, no segundo momento ali da pandemia, já no segundo semestre, começou as aulas síncronas, né, com os estudantes pelo Meet, então eu tinha um horário por semana com cada turma. [...] nem todo mundo tem acesso à internet, celular, então tinha turmas que tinha 10, tinha 5, tinha 2, tinha 1. [...] eu sempre tentava participar no começo da aula para ser o intuito de começar a aula leve, começar a aula tranquilo, não ser algo... mais uma tarefa, mais uma coisa para fazer e para manter o contato com eles. [...] O</b></b></i>	Fiz contação de história semanal em vídeo, com leitura, narração ou fotos dos livros. O site da biblioteca, com abas de indicação de leitura, vídeos da internet com histórias, curiosidades e mural de recados. A ideia era que as histórias fossem um momento com a família, não focado em atividades. Entramos também no segundo semestre em aulas síncronas no Meet, com um horário por semana com cada turma, mas nem todas os alunos tinham acesso. Eu sempre tentava participar no início da aula, para ser uma aula leve e tranquila e para manter o contato com eles. Fizemos o Instagram da biblioteca, com indicações de filmes que foram adaptados de livros e também oferecemos apoio aos professores na elaboração de atividades, com pesquisas e fontes e na edição de vídeos.

	<p><i><b>Instagram da biblioteca que eu já falei, então, que foi a responsabilidade da estagiária, ela fez um [...], o nome, ela indicava, ah, indiquei essa semana Harry Potter, indiquei essa semana, sabe, filmes que... Jardim Secreto, então fazia uma pequena sinopse, indicava para eles, dizia onde estava disponível.</b></i></p> <p><i><b>[...] apoio aos professores, né, na elaboração de, às vezes, atividades, alguma coisa assim. Edição de vídeo, daí eu que fazia para todo mundo na escola.</b></i></p>	
E3 – Q2	<p><i>[...] fui contando as histórias, daí algumas histórias eu narrava, então fotografava as páginas dos livros. Ou teve vezes que eu projetei do lado da história fazendo com chroma key [...], <b>fiz vários tipos diferentes, contei histórias junto com outras pessoas de outros lugares. [...] Tem um canal no YouTube que tem mais de 70 histórias que são todas da época da pandemia, tá lá na ativa. [...]E mais ter grupos de WhatsApp com as turmas e daí mandar os vídeos. [...]</b></i></p>	<p>Gravei vídeos com contação de histórias em vários formatos diferentes e com colaborações de outras pessoas. Postava os vídeos no site da escola, no YouTube e enviava nos grupos de WhatsApp com as turmas.</p>
E3 – Q6	<p><i>[...] a gente se encontrava uma vez por semana, e eu sempre perguntava o que estava acontecendo na aula para ver se conseguia alguma história que pudesse linkar também para ajudá-las... Não que fosse a intenção, porque eu não gosto dessa história de ai, o texto é pretexto, ai, contei a história do lobo e depois vou fazer uma sequência didática que chamam... não sou muito fã, <b>porque acho que a história tem que ser vivida, tem que ser pra ser um prazer, não para prestar atenção quem são os personagens, porque a prof vai perguntar, não... mas sempre queria tentar linkar assim poesia, por exemplo o gênero pelo menos.</b></i></p>	<p>Conectava as contações de história com a temática estudada em sala. A leitura era um momento de prazer, não para realizar atividades sobre.</p>
E4	<p><i><b>Primeiro eu criei o canal Bibliotecária [...], que depois virou Canal de Histórias. [...]</b></i></p> <p><i><b>Enquanto funcionária pública, a gente sofreu pressão. Porque existem pessoas que não têm interesse de desenvolver um trabalho com essa visibilidade, vamos dizer assim, que quer desenvolver um trabalho mais de suporte aos professores, de suporte informacional, de busca, de pesquisa, de estar ajudando nas pontes de informação e tal, que é um trabalho menos visível, vamos dizer assim. Alguns conseguiram fazer um trabalho no Pergamum. [...] E tinha uma pressão também de</b></i></p>	<p>Criei um canal de histórias no Youtube.</p> <p>Sofri pressão por parte do sindicato e de outros profissionais da classe com relação ao trabalho no início do ensino remoto relacionado à regularização do trabalho home office e ao tipo de atividade que seria realizada.</p> <p>Suporte informacional aos professores.</p>

	<p><i>sindicato. O que a gente vai fazer? Como a gente vai regulamentar esse trabalho home office? Para não ser explorado, para não ser... <b>E eu não estava interessada nisso. Eu estava interessada em alcançar os meus alunos. A gente tinha uma relação de afeto também e de demanda deles, pedirem eles lembrarem ao professor o dia que ia na biblioteca. Era uma hora especial, era uma hora aula especial que a gente tinha durante a semana, durante aqueles 15 dias. Esperavam 15 dias para me ver, para ter acesso ao acervo, sabe? E eles estavam num ritmo de leitura, assim. Então eu sofri essa pressão. Se eu fizesse alguma coisa, alguém poderia falar, alguém poderia me criticar. [...] Mas surgiu a [...], na época que era nossa diretora do DIBEC [...], ela sugeriu que a gente fizesse a gravação, que a gente fizesse a gravação de um vídeo para a Semana Municipal do Livro Infantil. Aí ali foi o meu start. Gravei o vídeo, né? E aí me senti à vontade com a câmera. Ah, vai dar certo. Então eu comecei por aí, né? Então eu comecei gravando esse vídeo. Outro viés que eu também utilizava no YouTube era a indicação de leituras. Então eu fazia vídeos de contação de histórias, mas também fazia vídeos de indicação de leituras, né? Falando sobre os livros e indicando. [...] E também tinha os boletins semanais em PDF, que eu juntava livros disponíveis, livros de direitos autorais e de acesso aberto, com links na internet e fazia um PDF com umas informações de curiosidades, algo interessante. Não só de livros, né? De literatura, mas também de autoajuda, ou então revistas científicas, tudo de acesso livre, matérias de pesquisa, dicionários. [...] Coloquei no ar o site da biblioteca. [...] Além disso, tinha as atividades impressas, porque a gente levantou que só em torno de mil crianças tinham acesso à internet, outras 700 não. Então a gente pensou nessas crianças, tanto eu quanto os professores, desenvolvemos atividades impressas para serem retiradas na recepção da escola [...] e aí a gente conseguia alcançar essas crianças que não tinham acesso. Era um texto curto, uma poesia, eu consegui o direito de ter uma folha frente verso. Eu colocava um texto, procurava</b></i></p>	<p>Eu estava interessada em alcançar os meus alunos, em atender a demanda que o momento solicitava, manter a relação de afeto que eu tinha construído com eles. DIBEC sugeriu que fizéssemos a gravação de um vídeo para a Semana Municipal do Livro Infantil e foi aí que eu comecei e senti que ia dar certo. Utilizei o <i>Youtube</i> para postar contações de histórias e indicações de leituras. Os boletins semanais eram PDFs onde eu elencava livros de acesso aberto disponíveis na internet, curiosidades e informações interessantes de livros de literatura, de autoajuda, revistas científicas, materiais de pesquisa, dicionários etc. Criei o site da biblioteca. Além disso, a escola identificou que em torno de 700 crianças não tinham acesso à internet, então desenvolvemos atividades impressas para serem retiradas na recepção da escola. Eu consegui ter direito a uma página frente e verso, onde eu colocava um texto curto ou uma poesia com uma temática para ser discutida em família: amizade, afeto, família, amor.</p>
--	--	--

	<p><i>manter ali uma página no máximo, e a <b>minha proposta sempre era a mesma, que era o que: é a leitura e a discussão dessa leitura em família.</b> Então era sempre algum tema específico, alguma coisa sobre amizade, sobre afeto, sobre a família, sobre o amor, algo assim que pudesse ser discutido entre a família, né?</i></p>	
E4 – P5	<p><i>[...] <b>Tinha contação de história ao vivo.</b> Só que como o professor tinha um espaço também de horário, porque às vezes não tinha internet mesmo, então a gente tinha que ser rápido. Algumas vezes eles pediam, tem como contar uma história assim? Tem alguma história? Tem algum livro? Então <b>a gente tinha também esse suporte,</b> que eu não falei, de informacional mesmo para os professores, tanto de literatura quanto de parte técnica, de algum livro que eles precisavam. E a gente tinha que dar esse acesso, <b>a gente tinha que ajudar a procurar.</b> E tinha essa questão das aulas ao vivo também, era outra atividade que eu desenvolvi. [...] A gente tinha um planejamento de trabalhar gêneros literários em cada turma. Então, digamos que o primeiro ano trabalha receita, o segundo ano trabalha carta, o outro convite e assim vai. Sabe, <b>cada um tinha um gênero literário que ia trabalhar de forma mais profunda e desenvolver algum projeto pedagógico com aquele gênero literário.</b> Então eu estava sempre presente em todos os anos nas aulas de português, auxiliando nesse... Porque a gente tem literatura infantil, sobre carta, sobre convite. O Bruxa Bruxa Vem a Minha Festa, e esse tinha que trabalhar para o segundo ano porque eles tinham convite. E o carteiro chegou. A Receita tinha um livro da Dona Benta. Tem o Sítio do Pica pau amarelo [...].</i></p>	<p>Entrava nas aulas ao vivo para contar histórias. Realizamos projetos de leitura com as turmas.</p>
E4 – Q8	<p><i>Ah, a gente tinha também o Instagram, a gestão do Instagram da biblioteca. <b>Então a gente tinha lá o material no Instagram, tinha o Facebook também.</b> Olha quanta coisa que eu nem anotei, nem lembrava mais. Tinha o Instagram e o Facebook também, então a gente tinha muito trabalho, tinha bastante demanda sim. <b>Tudo que estava no Youtube ia para o Instagram, para o Facebook [...].</b></i></p>	<p>Tudo que era postado no YouTube ia para as mídias sociais da biblioteca.</p>

E4 – Q9	<p><i>Outra ação que a gente fez que eu não falei, é que assim... <b>a gente tinha na biblioteca um acervo de livros que foram doados para os alunos</b> e muito lamentavelmente os alunos deixaram na escola e ficou em sala de aula, ficou lá... mas era para eles, não era para estar em sala de aula nem na biblioteca. E num dado momento acabaram recolhendo esses livros de sala de aula e levaram para a biblioteca, sabe como que é, joga lá. E aí na pandemia eu lembrei desse acervo, eu disse, “eu preciso que eles leiam, mas eles não têm livros em casa, como é que eu vou fazer?”. Eu fui de novo sorrateiramente na biblioteca, selecionei esse material, com luva, máscara, faceshield e tudo, <b>selecionei esse material e coloquei num carrinho de mercado e deixei na porta da escola, “Pegue e leve!”</b>, simples assim. Aí escrevi um bilhetinho e coloquei com clips para não machucar tanto assim, dobra o papel em cima da capa e põe o clip, para não machucar tanto a sua obra. Coloquei em cada um, imprimi, recortei, coloquei em cada um, coloquei no carrinho assim, nas caixinhas, pegue leve, e aí tinha lá nesse bilhetinho, “esse livro é para compor a sua biblioteca pessoal, para que você continue a leitura durante esse período de pandemia. É interessante você higienizar esse livro com álcool, num pano úmido com álcool. Higienize suas mãos com álcool. Lê esse livro, se você quiser devolver esse livro nesse carrinho, vai ser de grande ajuda”. E aí menina, uma das avós de uns alunos, ela fazia um trabalho de recolher as atividades deles, impressas né, dos que não tinham acesso à internet principalmente e ela viu aquele carrinho e ela disse, “que lindo, como que essa bibliotecária pensou nisso, que coisa linda!”, e eu mandei “um abraço, estou com saudade de vocês! Bibliotecária”. Ela disse, “meu Deus do céu, que lindo!”, <b>catou livros, botou no porta-malas do carro e foi levando para as famílias</b>, então assim, foi lindo, foi lindo! E ela não contente, quando chegava na casa da pessoa, ela fazia a criança tirar uma foto, o livro, o bilhetinho e a atividade.</i></p> <p><i>Então assim, foi lindo, lindo, lindo... e os que tinham internet me retornavam com <b>desenhos, com fotos</b>, aí... me retornavam relatos da</i></p>	Entrega de doação de livros e atividades impressas em domicílio.
---------	--	--



	<i>discussão que foi feita em casa, dúvidas... então foi um trabalho bem lindo assim, foi bem lindo.</i>	
E5	<p><i>A gente fez essa questão de estar <b>auxiliando ali os professores com contação de história</b> dentro do que eles estavam abordando dentro de sala. Até com acervo virtual.</i></p> <p><i>A gente ficou <b> muito focado no Covid ali, né? [...] E a questão do podcast. Aí depois veio a biblioteca digital, aí a gente publicava os livros que estavam na base que a que é de livre autoria, né? Livre da autoria não, livre acesso. [...] E a gente postava lá, aí depois botamos coisas com curiosidade, sabe? [...] Os professores também foram fazendo podcast por área, a gente jogava lá na biblioteca digital da escola mesmo. [...] E o nosso podcast também, e daí fazíamos contação de histórias [...] e postava lá também para eles poderem visualizar</b></i></p>	<p>Auxiliar os professores com contação de história dentro do conteúdo que estava sendo abordado em sala. Trabalhamos com muito material sobre o Covid-19. Criamos uma biblioteca digital no site da biblioteca. Podcasts com contações de histórias e com os professores de cada disciplina, falando sobre a área deles.</p>

<b>Pergunta 4:</b> Quais foram os maiores desafios para exercer a sua profissão na rede municipal durante o ensino remoto?		
<b>Entrevistado</b>	<b>Expressões chave</b>	<b>Ideias Centrais</b>
E1	<p><i>Primeiro que a gente teve que <b> arcar com muita coisa da gente, a internet tinha que ser da gente, eu não recebi nada da prefeitura, assim, não recebi nenhum número, o WhatsApp era o meu, o meu celular, a minha conta da Vivo [...], o site também, a princípio eu não consegui colocar naquele Google que saía mais barato, mas aí foi eu que talvez tava reaprendendo, eu paguei, mas foi custeado por mim, a gasolina pra ir até a escola, pegar livro, impressora, tinta de impressora, tudo com meu dinheiro. O computador da escola pra minha casa, isso eu consegui, mas mais assim, internet, custo, ajuda nenhuma, foi todo nós mesmo.</b></i></p> <p><i>[...]no começo eu fiquei bem assustada porque eu não sabia como trabalhar, <b>não sabia o que fazer com a biblioteca [...],eu não tava acostumada a trabalhar em casa, sabe o que é trabalhar em casa? Eu não conseguia me organizar no dia o meu horário, até que um dia eu tive que, tipo, acordar e fazer como se eu estivesse indo trabalhar [...], eu começava a trabalhar às oito, oito e meia, ia até onze e meia, aí eu parava pra fazer meu almoço,</b></i></p>	<p>Arcamos com todas as despesas financeiras. Pagamento de plataforma paga para o site. Consegui apenas o computador da escola para usar na minha casa.</p> <p>No começo foi assustador, pois não sabia como trabalhar com a biblioteca de forma remota e não estava acostumada a trabalhar em casa. Desenvolvi uma organização, para poder trabalhar em casa, fazer as formações e atender os alunos e também lidar com as tarefas domésticas e cuidar da minha família.</p>

	<p>porque eu também tinha meus pais [...] idosos em casa e eu que fui a única que ia pra supermercado, farmácia, toda essa volta eu tinha que fazer, né? [...] <b>Então eu tive que reorganizar o meu horário, aprender a trabalhar em casa</b> [...], tu ficar em casa é complicado, <b>porque tu tem a casa, tu tem a tua organização, tu tem a família.</b> [...] Daí também tinha as <b>formações, tudo online</b> que a gente tinha, e o <b>atendimento ao aluno.</b></p>	
E2	<p>[...] Tentar <b>chamar a atenção dos alunos</b> para que eles se interessassem pela leitura apesar da situação. [...] <b>E também de estar conseguindo esse material de forma correta,</b> digamos assim. <b>Que também eu acho que é um desafio, porque nem tudo que tem na internet está de uma forma correta disponibilizada.</b> Muita coisa eu pego um livro ali, digitalizo e joga, então não é nada de direitos autorais, não é falado com autor, enfim. E aí isso eu achei bem complicado, de estar disponibilizando coisas que eram legais. <b>Legais no sentido da legalidade.</b> Eu acho que foi isso mais difícil.</p>	<p>Chamar a atenção dos alunos para que eles se interessassem pela leitura apesar da situação. Conseguir material de acesso aberto, sem infringir direitos autorais.</p>
E3	<p>Os maiores desafios <b>foi porque foi tudo feito com recurso próprio,</b> então era, eu comprei um celular novo, comprei todo o material. Tipo, assim, comprei livros durante a pandemia que eu achava legal, porque eu tinha que vir aqui na escola separar alguns livros e levar para casa, para fazer esse trabalho. Então, eu vinha, assim, quinzenalmente, uma vez no mês eu tinha que vir aqui separar vários, levava para casa para ver, então, e às vezes acabei comprando também, também livros. <b>Foi essa falta no começo, assim, de recurso, de apoio, de informação, a gente fez tudo como a gente achava que era...</b> tipo assim, tem bibliotecas que não fizeram o que eu fiz, de contar história por vídeo, porque não era o perfil deles, porque não tiveram tanto apoio, não tiveram. <b>Era um momento delicado emocionalmente também pra todo mundo, então, eu fiz porque eu não queria perder o contato com os alunos, para mim era muito importante manter o vínculo com eles,</b> porque eu sei que essa quebra de vínculo era... Já tão em casa, é tão difícil, tem aquele momento de respiro. Mas foi muito desafiador nesse sentido de materiais,</p>	<p>Utilização de recursos próprios. Compra de aplicativo pago. Comprei todos os materiais e livros que precisei. Falta de recursos; de apoio; de informação. Foi um momento delicado emocionalmente, estar em casa preso era difícil. Para mim era muito importante manter o vínculo com os alunos. Ter que pesquisar e aprender tudo sozinho.</p>

	<p>que não tinha, né, porque comecei trabalhando com meu computador, daí <b>depois a escola disponibilizou um computador para eu fazer</b>, daí eu falei: ó, preciso, eu tô fazendo edição de vídeo no celular, não é certo, não dá... não dava, no final já não dava mais. No final já tava cansado. <b>E também essa própria questão de estar em casa preso, emocional, era muito difícil</b>, assim, às vezes, acordar bem, falar com as crianças.</p> <p>Tudo, que vai tendo um prazo de validade, né, vai, vai, vai conforme foi passando o ano, assim, e <b>também de ter que pesquisar, ter que descobrir tudo, só... não tive nem um curso</b>, eu no fim, sobre o editor de vídeo que eu usei, eu dei um curso para os bibliotecários. Eles perguntaram, ah, como é que tu faz os vídeos? Ó, eu uso esse daqui, Power Director. <b>Porque eu paguei uma licença desse programa para poder, era 170 reais anual, mas eu paguei essa licença para poder usar todos os recursos [...]</b>.</p>	
E4	<p><b>O maior desafio foi recurso informacional, porque a gente estava numa era globalizada, vamos dizer assim, mas ainda existiam poucos materiais disponíveis na internet, né? Aí o problema dos direitos autorais. A gente teve várias editoras e vários autores liberando nesse momento, mesmo assim a dificuldade maior foi encontrar material. Teve um dia, mesmo que eu fugir, que eu coloquei máscara, face Shield e botei uma roupa assim que poderia lavar rapidamente, e fui para a escola. [...]</b> E eu só abracei algumas coleções, coloquei no carrinho de mercado, levei para o meu carro [...] e aí dali eu bebia para poder fazer a contação de história. <b>Eu acho muito importante o objeto-livro durante a contação de história. Então eu senti muita falta do objeto-livro. Muitas vezes eu tinha só a história em PDF, ou só as imagens, então assim, eu procurava o máximo apresentar o objeto-livro, nem que fosse só a capa, né? Mas eu precisava manter, eu tinha preocupação de manter essa ligação da história, não só como um vídeo. Eu me sentia, às vezes, traindo essa questão do objeto-livro, entendeu? Por estar colocando uma história no canal do YouTube, estar disponibilizando. Mas era o único jeito, então eu gostava mais de ter o livro na mão. Eu apresentei o Kindle para eles, mas eles não</b></p>	<p>Encontrar recursos informacionais de acesso aberto.</p> <p>Manter a conexão com o objeto-livro durante o ensino remoto.</p> <p>Comunicação com as crianças e famílias que não tinham acesso à celular ou computador e internet.</p> <p>Aceitação dos colegas pelo esforço de trabalho.</p> <p>Horas e volume de trabalho muito maiores.</p> <p>Troca e compartilhamento de equipamento técnico.</p> <p>O processo de pesquisa, gravação e edição dos vídeos era muito trabalhoso e minucioso.</p>

*têm acesso. Outra dificuldade é: os alunos não terem acesso ao celular, ou ao computador, ou à internet, porque também tinha hora que acabava a franquia de internet dos pais. Então essa foi uma dificuldade bem grande da gente se comunicar, uma dificuldade de **comunicação com as famílias, com as crianças**. E essa dificuldade também da **aceitação dos colegas, né?** De inicialmente terem um pouco de receio de estarem trabalhando horas a mais, dessa contabilização de horas que estaríamos trabalhando. **Aí eu trabalhei muito mais na pandemia, eu não tinha horário e eu não parava**. Eu passava a semana inteira trabalhando, o final de semana trabalhando, e não dava conta, às vezes, do que eu gostaria de fazer. [...] Os vídeos né, procurar ter um padrão para gravação dos vídeos, procurar ter uma programação, um roteiro de gravação né? A pesquisa das fontes também que eu utilizava para gravação **era um trabalho minucioso, era um trabalho difícil**. Eu levava **uma semana pesquisando fontes para só num dia gravar**. Eu gravava três histórias por semana. **Então, era um trabalho mais árduo de pesquisa e de gravação era uma coisa só**. **A edição, acho que num dia eu editava os três vídeos, aí subia**. Era outro dia para subir para a internet, para o YouTube. Então assim, **também as horas trabalhadas, o volume de trabalho, tudo isso foram dificuldades que eu encontrei para dar conta**, para tentar pelo menos exercer o meu trabalho enquanto bibliotecária. Essas foram alguns dos problemas... né... **equipamento técnico**. Tive que trocar de celular no meio da pandemia, as lojas estavam fechadas, meu celular deu pau, aí eu mandei arrumar e comprei outro, porque eu não podia ficar um dia sem trabalhar e o trabalho era todo no celular e no computador. Então, aí tinha, graças a Deus, eu tinha dois computadores em casa, porque a minha filha tinha que estudar e eu tinha que trabalhar. Então, graças a Deus, eu tinha equipamento, mas eu sei de bibliotecários que não tinham equipamento de casa. Algumas escolas disponibilizaram, mas não tinham.. todos os computadores não davam conta de todos os profissionais, aí o bibliotecário ficou de fora,*

	<i>obviamente. Então eu tive dificuldade assim né.</i>	
E5	<p><i>Eu acredito que o mais difícil é <b>não ter acesso às coisas físicas.</b></i></p> <p><i>Considerando que é <b>uma biblioteca e a gente, né, tem esse contato mais humano assim.</b></i></p> <p><i>Então isso eu acho que foi o contato mais difícil.</i></p> <p><i>E também assim, eu não sei se eu consegui atingir um grande público fazendo esse trabalho aqui. <b>Por mais que a gente estivesse ali tentando, produzindo, tentando fazer coisas diferentes, eu não sei se estava chegando nos alunos, entendeu?</b></i></p> <p><i>A gente conseguia ver um número de visualizações ali, mas não sei se era o tanto esperado, sabe? A gente não conseguia fazer essa métrica assim.</i></p>	<p>Não ter acesso aos recursos físico e presenciais.</p> <p>A biblioteca precisa de contato humano.</p> <p>Dificuldade de receber um feedback de alcance das atividades.</p>

<b>Pergunta 5:</b> Você recebeu capacitação e suporte para se adequar a essas mudanças e as novas demandas?		
<b>Entrevistado</b>	<b>Expressões chave</b>	<b>Ideias Centrais</b>
E1	<p><i>Não recebi, não recebi nenhuma capacitação, eu fui aprendendo mesmo com tutorial de YouTube. Depois aí foi assim, <b>o começo eles não ofereceram nada, a gente teve que se adaptar,</b> aí depois eles começaram a usar o Google Sala de Aula, <b>daí eles começaram a ter cursos</b> e eu <b>também fiz outros cursos</b> de outras editoras, também do conselho de biblioteconomia, que estavam dando cursos, ou tinha alguma livraria que estava dando curso, aí eu fui pegando esses cursos, o que tinha eu pegava, e aí a prefeitura também começou a dar, daí tinha dos saberes, tinha outros que eles davam do Google, Google Sala de Aula, como usar, como fazer vídeo, aí eu comecei também a acessar, <b>mas foi bem depois, o meu primeiro passo foi eu e eu,</b> eu peguei o tutorial e comecei a pensar o que eu ia fazer. Aí depois a prefeitura que a gente começou a montar, até as escolas também começaram a montar, aí eles começaram a montar o Google Sala de Aula e cada escola tinha uma página e foi aonde que eu coloquei o site, o meu site ficou linkado na página da</i></p>	<p>No começo busquei sozinha a aprender a utilizar as ferramentas. Depois a prefeitura ofereceu capacitação.</p>

	<i>minha escola, não era acessado por toda a prefeitura, só a minha escola.</i>	
E2	<i>Olha, a <b>prefeitura na época disponibilizou alguns cursos</b> para estar trabalhando com todas as plataformas, digamos assim, do Google. Seria o Google Meet, esses assim, <b>mas não especificado para a nossa área</b>. Era mais para estar fazendo formulário, para os alunos responderem questionários, para estar fazendo as coisas que seriam mais voltadas para os professores mesmo. Eu até fiz uma época, agora eu não lembro, eu cheguei a fazer um questionário para estar vendo com os alunos o que eles estavam interessados, o que eles gostariam mais de estar lendo. Mas foi isso, é esse tipo de capacitação que a gente teve.</i>	A prefeitura disponibilizou cursos, mas nada para a área da biblioteconomia.
E3	<i><b>Não recebemos nenhuma capacitação no começo</b>. Daí a gente <b>aprendeu a usar tudo sozinho</b>, Google Sala de Aula, tudo. Depois que veio, mas veio já, tipo, <b>quando veio, pelo menos para mim, não era mais novidade</b>, o curso não acrescentou grande coisa a minha formação, porque eu sou daquele que, ai, eu vou aprender fazendo, eu vou ficar mexendo. O primeiro vídeo eu demorei dias para editar, os outros vídeos eu editava em um dia, uma manhã eu conseguia editar o vídeo todo, conseguia fazer tudo, só precisava de um lugar silencioso para fazer tudo. Então <b>não adiantou muito</b>, o Google Sala de Aula também depois, a prefeitura deu capacitação, mas eu não achei adequada, assim, as próprias temáticas... a gente tem formação continuada que chama, uma vez por mês a gente tem curso de formação lá no centro, no SEC, que é o nosso prédio... e chamam pessoas para falar sobre livros, literatura, biblioteca... Só que nessa época não conseguiram achar ninguém para falar sobre esse período, porque como estava todo mundo aprendendo, como estava todo mundo vivendo no mesmo momento junto, não tinha, assim, pessoas para falar sobre, então <b>acabou ficando essa lacuna, realmente, na formação</b>, assim. Quando veio, <b>já veio defasado e já veio muito, muito básico</b>, assim, o Google Sala de Aula básico, com edição de vídeo básico só com edição desses que são gratuitos, ou fica marcado água, fica sabido, não gostava.</i>	No começo não recebemos nenhuma capacitação e quando recebemos, já estava defasado e não ajudou. Não tivemos formação para nossa área.

E4	<p><i>Ah, sim. Sim, porque na prefeitura a gente <b>teve uma aceleração muito grande para se adequar</b>. Foram três dias de preparação, e no terceiro dia ou segundo dia, foi muito rápido, a gente já tinha um portal educacional.</i></p> <p><i>E aí a gente já tinha um suporte, um e-mail, e tinha um celular para pedir ajuda de como publicar. E aí a nossa escola já se organizou, fez uma reunião, uma assembleia nossa interna, onde a gente centralizou as postagens no portal educacional e criou o nosso próprio portal educacional. Então, foi muito rápido, assim. [...] Então para publicar o site também tive muita ajuda. Para postar, para enviar as postagens, a gente teve um suporte para criação do portal educacional a gente teve suporte. Então a prefeitura ofereceu um suporte importante pra a gente estar desenvolvendo as atividades on-line sim.</i></p>	<p>A prefeitura rapidamente desenvolveu o portal educacional e ofereceu suporte por e-mail e celular para desenvolvimento do site.</p>
E5	<p><i>Assim, a gente se ajudou com os professores de tecnologia. No que precisava, eles davam uma força, <b>mas ter treinamento para isso, não</b>.</i></p>	<p>Não tivemos treinamento.</p>

<b>Pergunta 6:</b> Quais parcerias você estabeleceu para dar conta dessa demanda por bibliotecas escolares nesse período?		
<b>Entrevistado</b>	<b>Expressões chave</b>	<b>Ideias Centrais</b>
E1	<p><i>Foi a parceria com a minha, com a pessoa que estava, que era minha auxiliar, [...] minha auxiliar de biblioteca readaptada. E daí a gente fez uma parceria bem grande. <b>Com alguns professores e com alguns bibliotecários da própria prefeitura</b>, a gente tinha um grupo, a gente tem ainda o grupo no WhatsApp, mas aquele grupo ficou bem ativo, aí cada um passava uma atividade que fez, ou passava uma leitura que fez, ou um livro que contou, aí eles também passavam o que tinha direito autoral, o que não tinha, o que podia baixar, então eles começaram a dar dicas, o podcast eu fiz com duas amigas, também a gente fez às vezes em parceria com duas amigas de outra escola, bibliotecários também, então <b>a gente trocou muito no grupo de bibliotecários, e eu troquei também com os professores, com a direção da minha escola</b>, [...] e com a minha auxiliar, foi ali que a gente fez a parceria, e com alguns professores também, que daí às vezes eles pediam que a</i></p>	<p>Com minha auxiliar de biblioteca, com professores e bibliotecários da rede, direção da escola e amigos.</p>

	<i>gente colaborasse num vídeo, que daí eles estavam trabalhando animais de estimação, aí como eu tenho um cachorro, aí eu fiz um vídeo com meus cachorros, então essas coisas assim, né?</i>	
E2	<i>Parceria? Olha, eu só conversava mais <b>com a supervisora da escola</b>, para estar vendo ali em relação aos tipos de livros que a gente já está disponibilizando. Mas era mais em contato com a própria escola, não com outras unidades, outras pessoas fora da escola.</i>	Com a supervisora da escola.
E3	<i>Então, na época da pandemia <b>eu tinha a estagiária, que é um super suporte</b>, que daí ela fez essa parte do Instagram, cuidou da parte do Instagram. Envolveu uma parte de pesquisa, envolveu tudo, porque pensa de fazer um estágio, que era obrigatório até na época que tem que dar conta de catalogação de outras coisas, ainda bem que quando ela entrou a gente tinha feito um pouco de catalogação, indexação, atendimento às turmas, então depois ela conseguiu cumprir as horas. <b>Eu tinha um auxiliar também</b>, só que o meu auxiliar já era uma senhora, já de quase 70 anos, que não tinha esse domínio das telas, mas ela participava das aulas, ela levou livros para casa para registrar, fazer carimbar, ficha de bolso. A gente apresentou um trabalho na pandemia, uma série de lives que tinha, que foi um trabalho antigo nosso, e ela dava todo suporte assim, aí vamos fazer um material, está chegando a época da festa junina, vamos fazer algo sobre festa junina para conversar com eles... daí ela montava um material assim, montava um texto com imagens. Então era bem parceria, <b>os professores da escola que foram essenciais, a gente aprendeu junto, fez junto</b>, principalmente as profes de anos iniciais que a gente tinha um contato direto. [...] E os professores também, a equipe pedagógica da escola, a <b>prof da sala informatizada que é a professora de tecnologia educacional</b>, então a gente teve, ela que ensinou a fazer o site, ela que ensinou a mexer, <b>ela foi o suporte de formação que não teve</b>, mas ela dava suporte enquanto escola, e os outros bibliotecários, <b>eu fiz vários trabalhos em parceria com outros bibliotecários</b>. Contar história, participar de live de algum outro, assim, trocar ideia, “o que</i>	A estagiária ajudou com o Instagram. A auxiliar não tinha domínio das tecnologias, mas ajudou de diversas outras formas. Os professores da escola se ajudaram muito. Os professores da sala informatizada e de tecnologia educacional foram o suporte tecnológico que tivemos. Parceria com os bibliotecários da rede.



	<p><i>“você está fazendo?”, “Olha o site da minha”, a gente trocava muito, “ó achei esse link, tem vários livros com direitos autorais liberados”... porque a gente tinha essa preocupação, porque na pandemia também surgiu muita coisa que não tinha direito de autorais liberados. Estava todo o Harry Potter lá na internet, de vez que quando alguém ia lá e botava, eu dizia, “não pode”, por mais que seja pandemia, e a intenção é boa, claro, mas é isso.</i></p>	
E4	<p><i>Parcerias? Eu tinha <b>parceria com a direção. O DIBEC também ofereceu bastante ajuda</b> né, com o contato de autores para a gente chamar para fazer uma contação de história. Eu acabei não fazendo isso. Eu foquei no canal de histórias. Mas a gente tinha parcerias com o DIBEC. <b>Os outros bibliotecários, alguns fizeram parcerias também.</b> Um contou história para o outro e tal ou dividiram a história. Foi bem interessante. Basicamente isso na pandemia ficou difícil. <b>Os professores, a gente se apoiava.</b> Mas foi bem difícil. Mas ao mesmo tempo entre bibliotecários a gente se apoiou mais. Alguns. Em todo meio tem os que você pode contar, outros que não. Então tinha o apoio sim de alguns. A gente trocava bastante ideia.</i></p>	<p>O DIBEC ajudou bastante. Parcerias com os outros bibliotecários e professores.</p>

E4 – Q5	<p>[...] Então eu não sabia o que que era a sequência didática. E a nossa pedagoga lá, <b>a equipe pedagógica, me deu esse suporte</b>. É isso aqui, preenchendo isso aqui, tu entende o que que é o objetivo e tal. Aí eu conseguia, então, preencher aquilo ali e até ter mais clareza do que eu estava fazendo. Ter um suporte assim para o meu trabalhar. Eu preciso ter um objetivo, claro. Não é só contar história por contar. E legal a gente ter um objetivo e ter, às vezes, uma congruência com o que está sendo dado pela professora. Então rolou, <b>rolou muito isso da gente se apoiar um ao outro</b>. [...] Mas tinha esse suporte tanto tecnológico assim de “ah como é que eu faço para fazer o site?”. <b>A gente tinha o suporte do pessoal da sala informatizada</b> que tinha uma similaridade, mas que não é bem esse o propósito, mas na pandemia todo mundo se ajudou.</p>	<p>A equipe pedagógica me deu suporte para entender questões educacionais que não aprendi no curso de biblioteconomia. O pessoal da sala informatizada ofereceu tecnológico.</p>
E5	<p>Isso, <b>com os professores de tecnologia, com os professores de área dando suporte para eles, eles também tentando auxiliar a gente</b>. Quando a gente conseguia, até chamei a autora, a Cristina Santos, uma vez, porque a professora do primeiro ano estava trabalhando alguma coisa voltada com a temática dela. Aí a gente chamou, ela fez a aula online, assim também. Foi mais nesse sentido, sabe?</p>	<p>Professores de tecnologias e das outras disciplinas se auxiliaram.</p>

<b>Pergunta 7:</b> E para você, como foi trabalhar em home office?		
<b>Entrevistado</b>	<b>Expressões chave</b>	<b>Ideias Centrais</b>
E1	<p>Ah, <b>no começo foi bem difícil</b>, com o horário que eu já comentei, foi bem complicado até entrar na minha cabeça, que eu não saía mais de casa. E não foi fácil, eu achei complicado o início, mas <b>depois que o negócio começou a andar eu gostei</b>, e foi tranquilo, sabe? Mas claro, <b>tinha toda a questão também psicológica da gente</b>, né? De estar com uma doença e tal, mas foi legal, assim, <b>eu aprendi bastante</b>, mas o começo foi difícil, não foi fácil não.</p>	<p>O começo foi muito difícil. Me acostumei depois e aprendi bastante, mas não foi fácil.</p>
E2	<p>Foi tranquilo, <b>não tive nenhuma dificuldade de me adaptar a ficar em casa</b>, nem de me sentir ansiosa, angustiada. É claro que eu sentia falta do meu trabalho normal, de estar na escola, mas foi tranquilo de modo geral. Só</p>	<p>Foi tranquilo, não tive dificuldades além da busca por material.</p>

	<i>teve essa dificuldade mesmo, que eu falei que a gente está encontrando material para estar disponibilizando.</i>	
E3	<p><i>Ai, muito ruim. Eu acho que eu não me acostumaria de novo já, eu fico nervoso só de pensar em voltar a home office. Eu não era fã do home office, pra mim <b>o meu trabalho é muito local, ele depende da estrutura física da biblioteca.</b></i></p> <p><i>Eu gosto de estar em <b>contato diário com os alunos...</b> então essa questão das telas, foi muito legal por aprender... “legal” né, a pandemia foi legal, mas <b>foi muito legal por aprender a mexer nas tecnologias...</b> a editar vídeo, a ver outras possibilidades. De vez, quando eu vou contar história, <b>em vez de contar história passa um dos meus vídeos,</b> para as turminhas mais novas que não conhecem.</i></p> <p><i>Que é legal, é um recurso bom, é um que tá ali disponível. [...] Agora não tinha estrutura, como eu disse, não tinha suporte, <b>a gente teve que aprender tudo na marra assim. Eu que tinha uma afinidade maior que tecnologias, me dei bem, quem não tinha passou muito mais dificuldades,</b> entendeu. Tentei ajudar ainda algumas pessoas, mas era bem difícil no meio do turbilhão assim. Home office não é para mim, não é o meu perfil assim, para trabalhar, <b>acho que biblioteca escolar é o contato com as crianças e a biblioteca física.</b></i></p>	<p>Foi ruim, pois para mim o trabalho da biblioteca escolar é sobre o contato diário com as crianças, com o espaço físico da biblioteca. Não tivemos suporte e precisamos aprender tudo sozinhos. Quem não era familiarizado com tecnologias passou muitas dificuldades.</p>
E4	<p><i>Então. Inicialmente eu desenvolvi uma gastrite bem grande, porque eu não sabia o que ia fazer. Fiquei bem apreensiva. Tive uma crise bem feia de gastrite. <b>Foi aterrorizante. Eu não sabia o que ia fazer.</b> A partir do momento que eu fui delineando o trabalho ele virou um trabalho muito árduo. <b>Muito, muito, muito extenuante mesmo.</b> Cansativo. Não tinha horário. O melhor horário para gravar era de madrugada, porque <b>conciliar a rotina de casa com a rotina do trabalho também não foi fácil.</b></i></p> <p><i>Meu filho tinha dois anos e a minha filha devia estar com 14, 15 anos. Então foi muito complicado. Um bebê e uma adolescente em casa, é, pegava fogo. [...] Depois eu desenvolvi um horário para trabalhar porque né, se não, não dava conta. Porque realmente <b>tinha que organizar a rotina de casa e a rotina do</b></i></p>	<p>Foi aterrorizante pela surpresa e a incerteza sobre o futuro. Foi extremamente exaustivo. Prejudicou minha saúde física e mental e prejudicou meu relacionamento familiar e amoroso. Quando finalmente nos acostumamos, a pandemia acabou, mas se acontecesse de novo, já estaríamos preparados.</p>

*trabalho tudo junto. Acho que prejudicou um pouco o relacionamento familiar. Prejudica muito, porque é difícil pedir para uma criança de dois anos fazer silêncio ou te deixar trabalhar. Não te requerer. Pô, você está ali, a criança quer atenção e você não pode dar, você está trabalhando. Então foi muito difícil assim. **Prejudicou o meu relacionamento amoroso**, prejudicou o meu relacionamento familiar, prejudicou... o trabalho home office, nem a pandemia né, o trabalho home office mesmo. **Prejudicou a minha saúde, saúde física e mental.** Então assim, foi bem prejudicial para mim. Até que as coisas se organizaram um pouco melhor né, que o trabalho ficou um pouco mais prático por conta do exercício diário de fazer isso, de organizar os horários, de organizar a rotina de casa. **Quando a gente se acostumou, acabou. Quando a gente aprendeu, não precisava mais.** Então foi difícil, mas aos poucos a gente se acostumou. Mas realmente foi bem prejudicial para mim. Outras pessoas podem se adaptar melhor. Eu acho que se começasse amanhã... Ah, amanhã vocês vão trabalhar home office e as crianças também vão fazer aula em casa... E aí já ia ser diferente, porque eu já tenho essa experiência e eu já sei o que fazer. Mas naquela hora ali do nada... de repente... Porque eu nem tinha imaginado que chegaria aqui pandemia. Não passa. Eu sou muito otimista. [...] o pai dele é médico e eles estavam abrindo unidades em Florianópolis em meio a pandemia e ofereceram teste, né, que ia uma equipe né em casa, retirar o sangue pra fazer testes que ele quisesse, inclusive de COVID que eles estavam oferecendo. Todo mundo tinha pego COVID, todo mundo tinha tido COVID. Então assim, a gente se assustou. [...] Então esse foi um desafio assim, bem... **então a gente não tinha ideia que ia acontecer, então a gente não se preparou, não pensou numa possibilidade... eu nunca tinha pensado que o bibliotecário poderia atuar em home office.** [...] Mas nunca! Nunca me passou pela cabeça, como eu faria? Nunca, nunca. Então foi muito de surpresa assim.*

E5	<p><i>Foi bom e foi ruim. Foi bom porque eu consegui catalogar bastante livro na base. Porque quando a gente está aqui é muita loucura. A gente tem um dia fixo, que a gente não faz atendimento, deixa aberto, mas não faz atendimento com turma, para a gente poder dar conta. Porque como a nossa escola é nova, ainda assim, é nova, 2020, a gente está tirando ainda os acervos da Anísio e estamos recebendo os nossos. E daí a gente recebe tanto pela secretaria como por doação. Então esse processamento técnico se torna lento por a gente não ter muito tempo. Eu trabalho seis horas também, então só eu que faço. Então se torna bem lento por isso.</i></p>	<p>Foi bom pois consegui adiantar a catalogação do acervo.</p>
----	--	--

<b>Pergunta 8:</b> o que você aprendeu com as tecnologias durante o ensino remoto, afetou o seu trabalho quando você voltou para as aulas presenciais?		
<b>Entrevistado</b>	<b>Expressões chave</b>	<b>Ideias Centrais</b>
E1	<p><i>O que eu aprendi, eu aprendi mais assim a ver que realmente tem tanta coisa, né? Tem tanto site bom pra pesquisa, museu, mapas, tá tanta coisa disponível, e isso facilitou bastante, porque daí às vezes eu não tinha um livro na biblioteca físico, mas eu podia passar pro professor em PDF, e o professor também já estava mais adaptado à tecnologia, então isso facilitava o trabalho de divulgação do acervo e tal, mas quando eu retornei em 21 no presencial, os professores foram híbridos, eles vinham de vez em quando e ficavam também online, e nós da biblioteca a gente já veio de forma presencial, só que a gente fez um protocolo de segurança, então os alunos não faziam pesquisa em grupos, dentro da biblioteca, eles não entravam pra ficar circulando na biblioteca, eles entravam, pediam um livro pra mim, e eu ia lá na estante, pegava o livro, higienizava, entregava pra eles, num saquinho, e eles levavam pra casa, depois tinha uma caixa, eles colocavam nessa caixa, e depois de alguns dias a gente retirava também. Ativa a quarentena, a gente fez esse trabalho, e também alguns alunos daí eu já ia falando, ó, tem um site da biblioteca [...].</i></p>	<p>Aprender as diversas fontes de informação na internet contribuíram para o meu trabalho. O uso das tecnologias facilitou a divulgação do acervo e da biblioteca para professores e alunos. Os bibliotecários da rede retornaram trabalho presencial antes, então seguimos todos os protocolos de segurança.</p>
E2	<p><i>Não, não afetou não. Até fiquei aliviada que a gente voltou. Que nada como</i></p>	<p>Não afetou meu trabalho, mas fiquei aliviada quando voltamos.</p>

	<p><i>presencial, né? E o livro físico também, eu acho que, pelo menos para mim, <b>eu sinto muita falta de ter o contato com o livro ali físico, de estar pegando. E aí também está tudo só numa tela. Eu acho que para os alunos também isso incomodava e fazia com que eles se desinteressassem</b> também pela leitura. Então acho que isso foi um alívio e acabou melhorando, mas acho que uma coisa não extingue a outra. <b>As tecnologias não vieram, não vêm para estar acabando com a biblioteca, nem com o livro físico, nem com a leitura do material físico. Então não vi que, assim, não atrapalhou e não acrescentou, eu diria.</b></i></p>	<p>Senti falta do contato físico e acho que os alunos também, eles se desinteressaram pela leitura.</p>
E3	<p><i>Ah, <b>mudou e afetou completamente</b>, que eu digo que eu inseri isso né, eu ainda tenho presente. A <b>gente consegue fazer outros tipos de atividade envolvendo tecnologia</b>, eu trabalho agora hoje em dia muito mais com a professora de tecnologia educacional, a gente consegue fazer um trabalho que <b>começa na biblioteca e continua lá</b>, e não é simplesmente o trabalho que eles vão ver aqui, vão copiar um verbete do dicionário, um quadro da enciclopédia e depois vão lá digitar... Que antigamente era assim, essa era a ligação biblioteca: “aí faz a pesquisa no livro e depois pesquisa na internet”... não, antigamente era assim... Usar recursos, jogos educacionais, plataformas, o próprio Google tem várias coisas para usar, <b>então ficou bem maior assim.</b></i></p> <p><i>Uso a tela aqui, o projetor e a tela para poder fazer uma aula mais expositiva, antes eu não tinha... o meu era tudo oral né, tudo oral. Hoje em dia eu posso, não que eu vá passar um vídeo meu, mas eu posso projetar história e ir contando e eles irem acompanhando, pode ser algo mais interativo, então é nesse sentido.</i></p>	<p>Mudou completamente. Melhorou a conexão da biblioteca com as tecnologias educacionais. Apenas acrescentou ao meu trabalho.</p>

E4	<p><i>Com certeza! Eu acho que virou assim, <b>um acervo que eu posso ter disponível</b> para trabalhar esses vídeos né. Eu acho que foi um outro ramo de atuação, que seria o Youtube ou as mídias sociais. Eu acho que <b>abriu os nossos olhos para as mídias sociais</b>. É, eu passei a ver essas mídias sociais como uma <b>ferramenta de trabalho</b> também, um <b>campo de atuação</b>, um campo né, de... e também uma ferramenta para utilizar com os alunos durante o presencial também, além de a experiência com o Youtube, a experiência com o KineMaster, que foi o app que eu usei para editar, me fornecer também né, um know-how para utilizar no presencial também com eles. Se eles fizerem uma atividade a gente registra e pública no Youtube né. Então assim, acho que <b>me capacita mais ainda para o meu trabalho</b>, essa experiência foi engrandecedora, eu aprendi muita coisa que eu uso sim durante o trabalho presencial também.</i></p>	<p>Tudo que foi produzido pode ser utilizado no trabalho presencial. A experiência me capacitou mais ainda para o meu trabalho. Passei a ver as mídias sociais como ferramenta de trabalho e campo de atuação.</p>
E4 – Q10	<p><i>Às vezes eu não estava lá ao vivo, mas elas exibiam os vídeos online durante a aula. Depois que voltou da pandemia, elas exibiam. Às vezes eu estava pelos corredores das escolas e escutava a minha voz, “ué?”... aí eu ia ver, <b>elas estavam passando uma história minha</b>, porque estava no site da biblioteca, estava lá disponível, <b>então ficou um acervo</b>, sabe...</i></p>	<p>As histórias gravadas se tornaram um acervo e continuaram sendo usadas em sala com o fim da pandemia.</p>
E5	<p><i>Não, não afetou, não acredito que tenha afetado. <b>Acho que foi mais uma soma mesmo</b>, sabe? <b>Algumas coisas acabaram se perdendo</b>, tipo a biblioteca digital ali a gente acaba de alimentar porque como a demanda é grande, já tem que fazer contação lá, fazer mais uma contação para gravar, e edita, e bota para Libras, que elas também faziam as Libras. Daí era tudo com Libras. Então foi mais nesse sentido, mas eu acho que foi só um somatório mesmo, não teve nada de prejuízo.</i></p>	<p>Não afetou negativamente, apenas acrescentou. Não alimentamos mais a biblioteca digital porque demanda muito trabalho.</p>

<b>Pergunta 9:</b> Quais as maiores contribuições do curso de biblioteconomia que te auxiliaram em uso das tecnologias nesse período? Alguma disciplina, algum projeto do curso?		
<b>Entrevistado</b>	<b>Expressões chave</b>	<b>Ideias Centrais</b>
E1	<i>Não, porque eu comecei... eu terminei a minha graduação em [...], e assim ó... [...] estava começando a informatizar, tava o microisís. [...] Eu fiz depois pós-graduação em [...], que ainda, aí já teve, eu fiz na UDESC, daí teve um pouco, <b>abrangeu algumas tecnologias</b>, mas assim, elas são muito rápidas, então eu vou dizer que não teve, eu não tive isso, porque eu não... eu sou de uma outra época, né, então eu tinha que estar me atualizando mais, mas eu só me atualizei mesmo com novas tecnologias quando apertou, que foi 2020. Mas antes disso, não, academia pra mim não, porque eu sou antiga.</i>	Nenhuma, porque ainda não era estudado na época em que me formei.
E2	<i>Contribuições do curso? Olha, eu <b>não lembro de nada que tenha me ajudado em relação ao curso</b>, assim. Eu acho que a gente foi mais pela necessidade ali do momento, né? E até pelo perfil dos alunos, pelo que a gente conhecia e tentando adequar ali de acordo com a faixa etária o livro que eu estava disponibilizando lá na plataforma. Acho que nunca cheguei a pensar assim, ah, o que eu aprendi que eu poderia estar aqui colocando, sabe? Acho que <b>foi mesmo pela demanda da escola, pelos alunos que a gente tinha</b>. Não é isso.</i>	Nenhuma, pois trabalhei de acordo com a demanda da escola e dos alunos.
E3	<i>Ajudou assim, ajudou por esse lado <b>da investigação científica, por esse lado do aprender a mexer em plataformas, em aplicativos...</b> mesmo, sendo de uma época que os aplicativos não estavam tão em alta, 2011, 2008, 2011 que é a minha formação, mas <b>o uso das redes, o procurar fontes confiáveis</b>, tudo isso, tudo isso ajudou muito. Paralelamente que a gente entrou na pandemia, eu entrei no CRB 14, então eu consegui associar muito do trabalho do CRB, a gente indicou fontes confiáveis para bibliotecários, para base de dados, um monte de coisas assim. Eu consegui trazer isso para o meu dia a dia no trabalho, então seria mais nesse lado assim, dos direitos autorais, <b>do conhecimento de direitos</b></i>	O foco na investigação científica, uso de plataformas, aplicativos e mídias sociais. Busca por fontes confiáveis. Direitos autorais. Importância da literatura e do livro.



	<i>autorais, a própria importância da literatura, do livro, foi bem legal.</i>	
E4	<p><i>A gente teve aulas sobre HTML, sobre criação de site, sobre usabilidade, não vou te lembrar agora a disciplina exata, ou o professor, mas a gente tinha aulas... ah, foi a professora Lani. A gente tinha aulas no laboratório de informática sobre usabilidade, sobre criação de site, <b>a gente criou um site e aí quando chegou na pandemia eu tinha uma ideia muito clara do que eu poderia fazer. Só que a tecnologia tinha avançado muito no sentido de facilitar, né. Tem vezes que a tecnologia avança e acaba te excluindo, no meu caso me incluiu, me facilitou, porque o Google Sites veio para facilitar tudo. Eu não tive que escrever em uma linha, tava tudo lá e eu só personalizei, mas como eu sabia, como o Google Sites estava escrevendo, eu podia editar essas linhas, essas linhas eram abertas para eu escrever também e modificar... Isso facilitou demais e deu uma personalidade assim para o nosso site, tanto da escola que eu também colaborei, quanto o site da biblioteca. Então foi muito, assim, fez parte da minha formação e foi muito útil, essa parte visual e a parte de criação site, de organização do mapa do site, de como apresentar as páginas... isso tudo a gente teve na Biblioteconomia. Muita gente nem sabe disso, mas foi muito importante assim essa parte. E a questão de direitos autorais, a questão de estar referenciando... Eu tive aula de contação de história, a gente teve prática de contação de história com a professora Maria Emília. Era atividade cultural, alguma coisa assim... sei lá o que é cultural. A gente teve essa vivência, de ir nas escolas, de fazer apresentação para os alunos, de planejar a contação de história, de escolher o livro. Então eu tive essa vivência e tinha como aplicar isso na pandemia através do YouTube, então com certeza a Biblioteconomia me preparou... a noção de que os alunos precisam desse contato com a literatura pra se formarem leitores, isso foi o viés principal da minha atuação enquanto bibliotecária na pandemia. A</b></i></p>	<p>O curso me deixou muito bem preparada para a situação, tanto no viés educacional como tecnológico.</p> <p>Criação de sites, usabilidade, organização e visual dos sites.</p> <p>Direitos autorais e referências.</p> <p>Abordagem do contato com a literatura na formação de leitores e da importância da ligação afetiva com a literatura na formação escolar e pessoal.</p> <p>Classificação e busca pela informação.</p>

	<p><i>minha preocupação principal era manter eles ligados afetivamente com a literatura, ligados afetivamente com a leitura e não pararem de ler por conta da pandemia. Então essa importância de formar leitores estava muito latente em mim, isso vem da minha formação, vem da minha formação enquanto pessoa, enquanto família, eu tive essa formação de que a leitura é muito importante, faz muito parte da minha formação enquanto pessoa e só reverberou enquanto bibliotecária. A Fernanda sabe que eu tenho essa ligação muito forte, então esse foi o principal, o viés principal, mas de resto as ferramentas... a classificação dos livros também, a procura, a busca pela informação, a questão de direitos autorais... tudo isso eu tinha ferramentas do curso de biblioteconomia que eu me formei, da época que eu me formei, que foi gestão da informação. Então tinha esse viés cultural, esse viés social, esse viés de formação do leitor, então eu estava muito bem, nesse sentido muito bem preparada para o que aconteceu. Até mesmo em questão de tecnologia, estava muito bem preparada.</i></p>	
E4 – Q10	<p><i>E daqui a pouco não queriam aceitar o estágio delas (as estagiárias) durante a pandemia [...], elas tinham muito essa experiência de JavaScript, sabe, desenvolvedor de site, de tudo, elas eram maravilhosas e estavam formando uma na UFSC e outra na UDESC. Então surreal assim, surreal. Como acrescenta, cada ano que se passa o curso acrescenta mais e mais na formação do profissional. Então elas estavam com tudo fresco ali, elas estavam preocupadas com a questão do Pergamum, de não ter uma formação técnica no estágio, eu falei “não se preocupem com isso, os sistemas de gestão de acervo, eles são cada vez mais intuitivos, e eles vão precisar que tu saiba o que é o Marc, o que é o ACR, o que é o CDD ou a CDU. Vocês já sabem, então é isso aí, é o exercício que vai te levar ao conhecimento dessa área e não vai dar pra ser hoje, porque não temos Pergamum disponível, a gente exercita de outra forma”. Quando a</i></p>	<p>A formação do bibliotecário está cada vez mais completa. O estágio durante a pandemia também sofreu dificuldades. O estágio obrigatório na biblioteca escolar durante o ensino remoto foi flexibilizado.</p>

gente estava na biblioteca que tava presencial, eu dizia pra elas, que tal vocês tentarem uma classificação aí, pegarem os livros e começarem. Porque com o Pergamum já está lá, a gente faz catalogação em rede, então muitos livros que eu pego aqui já estão, e a gente decide também qual classe a gente vai adotar para cada livro, tipo literatura infanto-juvenil, Harry Potter é literatura estrangeira ou literatura infanto-juvenil? Onde é que coloca? A gente decidiu que coloca no infanto-juvenil, porque é quem vai querer ler, além dos adultos também, **mas a gente coloca ali pra eles terem acesso junto com o Montero Lobato, sabe? Tudo ali deles, pra eles, por eles, centrado no aluno.** Ah, “mas é literatura estrangeira!” aí está centrando no tecnicista, está centrando no Dewey que não está nem aí. **Vamos centrar em quem está aqui, quem está usando, no usuário.** Então isso eu tentei passar pra elas, “é isso que vocês têm que saber”. Agora se você vai pra uma universitária, é totalmente diferente, se você vai pra uma biblioteca de um juizado, de uma vara, de uma biblioteca especializada, é outra história. Se você vai com cartório, é outro tipo de material, então não se foquem nisso, foquem nisso aqui.

O que eu posso passar pra vocês agora, nesse momento, ninguém passa, ninguém passa, você vai pagar um curso... **é prática, é contação de história, é a busca de informação.** E elas ficaram mais felizes assim, mas elas estavam muito preocupadas. E o trabalho técnico é... a gente faz a catalogação, tu vai contar uma história, vamos pegar o livro, sei lá, o livro do Montero Lobato, qualquer um, pra quem? **Pra quem que a gente vai contar a história? Isso é trabalho técnico de classificação.** Ai esse livro é infanto-juvenil, ai então dá pra gente contar, entendeu. Tu classificou, tu classificou, tu indexou, tu trabalhou a obra, tu tem que processá-la tecnicamente na tua cabeça que seja, pra tu estar disponibilizando de maneira virtual ou presencial. E elas

	<p><i>ficaram um pouco mais contentinhas... consegui enrolar, consegui enrolar. Não queria nem aceitar o estágio delas no virtual, mas eu falei “não, mas elas estão trabalhando”, eu cheguei a escrever cartas justificando e ainda anexando o trabalho delas, o vídeo de contação de história delas, elas estão trabalhando, oxi, como assim?</i></p>	
E5	<p><i>Eu acho que já está inserida dentro de quando eu fiz a Biblioteconomia, ela já era em gestão da informação, então a <b>gente já tinha toda essa questão tecnológica envolvida</b>, esse domínio, eu vejo que hoje na pandemia a gente percebe que tem muitos professores com dificuldades tecnológicas mesmo, até por não se habituarem a mexer. Eu sempre fui metida nisso aí. <b>Com o curso também que já envolve essa parte, que já traz essa parte tecnológica para a gente</b>, tu já está mais familiarizado, não se torna uma coisa tão maçante, ai meu Deus, tem que fazer uma biblioteca digital. Não, não foi assim, né? Talvez tivesse uma dúvida ou outra, mas vou me encarar de boa, não foi um bicho de 7 cabeças assim.</i></p>	<p>A abordagem tecnológica do curso me ajudou no aprendizado e no uso destas ferramentas.</p>

<b>Pergunta 10:</b> Se tiver mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre o assunto ou comentar alguma coisa sobre o curso.		
<b>Entrevistado</b>	<b>Expressões chave</b>	<b>Ideias Centrais</b>
E1	<p><i>Eu acho que a tua pesquisa é bem interessante, eu acho que é válida, porque foi um período de grandes dificuldades, né, mas foram também de grandes aprendizados, de a gente estar junto com as pessoas, assim, quando a gente retornou, né, e a gente queria retornar pro presencial. E hoje eu agradeço, agradeço o presencial, assim, eu, né, eu acho que a tecnologia está aí, ela realmente ajuda muito, abre muitos caminhos, mas nada como contato físico, né, então é isso, acho que é isso. Eu tô falando sobre a importância da tecnologia, eu acho importante, só que eu sou de outra época, a época que não tinha tanta tecnologia, eu sou sempre na transição. <b>E nós, da Biblioteca Escolar, a gente teve que abrir lutas grandes</b>, então as nossas formações são ou literárias, com autores</i></p>	<p>A pesquisa é bem interessante, pois a tecnologia oferece muitas possibilidades. A biblioteca escolar continua em uma luta por espaço, por profissionais habilitados, por salário digno, pelo cumprimento da Lei N 14.837. Então as tecnologias ajudam, mas ainda existem muitas pautas para serem discutidas. Foram muitas conquistas e acredito que a situação ainda irá melhorar.</p>

	<p>que são muito boas, ou técnicas, mas aí a gente tá ou nas atribuições, ou montando o Pergamum que ainda a gente quer, desenvolvimento de coleções, a gente ainda vai começar uma formação pra saber, porque a gente tá muito abaixo, porque antes a biblioteca sempre foi cuidada por professor ou por gente readaptada, <b>então é uma conquista, são lutas, são lutas por espaço, pra receber um salário digno, pra ter bibliotecários em todas as bibliotecas.</b> Essa escola aqui levou dez anos pra ter um bibliotecário, então eu cheguei aqui em 2022, teve uma lei que foi um lei federal, acho que foi do governo Lula, se não me engano, e essa lei ela tinha dez anos pra ser cumprida, a prefeitura cumpriu ela no final dos dez anos, então 2022 abriu essa escola como as escolas menores, que são escolas básicas, mas escolas com menos alunos, de primeiro ao quinto, com educação infantil, e agora a gente luta pra que tenha mais <b>chamada de bibliotecários</b>, pra que tenha mais concurso, e também assim, quando a gente se afasta, <b>que tenha um profissional ou substituto</b>, porque quando nós pegamos uma licença-prêmio, uma licença de saúde, não tem ninguém pra ficar, pra substituir a gente, a biblioteca ou fica fechada, ou fica abrindo, fechando, qualquer um entra, então dependendo da escola que tu tá, é bem complicado assim. Então são espaços que a gente tá sempre lutando, então eu acho que assim, a <b>tecnologia ótima, só que a gente ainda tá começando, né</b>, então a gente também, no público, a gente demora muito, que é tudo licitação, pra tu ter um computador bom, pra tu ter uma impressora, <b>então é luta, é dinheiro, aí tem que esperar dinheiro, verba, app</b>, agora eu tô esperando a minha impressora, que ainda não chegou, mas vai chegar, e daí a gente vai começar a informatizar, então essas coisinhas, elas emperram também o trabalho da gente né, <b>então são conquistas, mas eu acho que já melhorou bastante, e eu acho que só tem a melhorar.</b></p>	
E2	<p><b>Eu só acho que foi um período bem desafiador para todo mundo, né?</b></p>	<p>Foi um período muito desafiador e todo mundo teve que se adaptar. Cada um fez o que pôde</p>

	<p><i>Todo mundo teve que se adaptar naquele momento. Foi uma coisa que para todo mundo foi uma surpresa, então acho que <b>cada um fez como deu, né? E alguns fizeram mais, outros menos, de acordo também com as suas habilidades e até preferências, né?</b> Teve muita gente que fez contação de história, é uma coisa que eu não me identifico, não gosto principalmente na frente de uma câmera, então assim não me sinto à vontade, né? Mas eu acho que cada um deu o seu jeito a seu modo e no fim todo mundo conseguiu, eu diria, né? Alguns mais, outros menos, mas todo mundo deu conta. E também para os próprios alunos, eu acho que foi uma grande dificuldade né, um grande desafio, assim. Todo mundo se viu muito perdido naquela época. <b>Eu acho que para nós foi difícil, mas para eles mais ainda, né?</b> Principalmente por serem crianças ou até pré-adolescentes ali. E é desafiador também para eles darem continuidade no ensino, na leitura, né? <b>Muitos sem essa condição, eu digo, até financeira, né?</b> De estar tendo internet, de estar tendo computador ou um tablet, enfim. E por mais que a gente tenha tentado fazer com que eles tivessem uma normalidade de ensino, havia muitas, muitas coisas nesse meio aí, né? <b>Então não foi fácil para ninguém, mas eu acho que principalmente para os alunos, assim, foi bem difícil.</b> E acho também que depois que retornou ao presencial, foi fácil de voltar àquela rotina de leitura, de normalidade na biblioteca, eu percebi, pelo menos lá na escola, né? Mas foi um período bem desafiador para todo mundo.</i></p>	<p>de acordo com o seu perfil e suas possibilidades. Acredito que o mais difícil foi para os alunos, por ficarem em casa, muitos sem acesso às tecnologias e dificuldades financeiras. Todos sofreram.</p>
E3	<p><i>Só dizer que quando eu vi o tema da pesquisa assim, já me deu assim... nossa, <b>eu tenho muito a contribuir, eu fiz muita coisa.</b> Pensando, fazendo um retrospecto assim, fazer um vídeo por semana, editar o vídeo, estar em contato com eles toda semana, tem um site com material sendo atualizado toda semana. A segunda era o dia do vídeo, e na sexta era o dia da indicação para os anos finais do filme, que eles veriam no fim de semana, por exemplo, seria uma atividade. <b>Então a gente fez</b></i></p>	<p>Fiz muitas atividades durante o ensino remoto. Não posso dizer que foi o ideal, houve alunos que não foram alcançados, mas consegui manter o contato com as crianças na medida do possível.</p>

	<p><i>muita coisa, foi um período assim, muito difícil, muito triste, muito ruim, mas foi muito feliz também, porque eu consegui o objetivo de manter o contato com as crianças... A escola conseguiu dar o suporte educacional, que dava no momento, não vou dizer necessário, que foi o ideal, que todos os alunos foram alcançados. Teve aluno que eu vi depois de quase um ano e meio, que eu fui ter contato com esse aluno. [...] Então era assim o contato, acho que é isso que eu tenho para dizer.</i></p>	
E4	<p><i>Ah, a visibilidade né, das atividades... porque eu não sei te dizer como é que foi do trabalho dos outros bibliotecários, cada um fez um trabalho diferenciado... mas eu recebi uma homenagem desses alunos, eles fizeram um vídeo com as fotos. Eu peguei esse vídeo e transformei numa homenagem para eles, porque eu disse, “não, vocês que estão construindo isso”. Eu fiz um vídeo para homenagear a vovó Carmen, que foi ela que fez esse direcionamento dos livros e homenagear os alunos também por terem <b>feito parte e pegado junto comigo</b>, para a gente continuar esse trabalho de leitura. Aí o máximo de visualizações que eu consegui num vídeo foi 2.394 visualizações, 88 gostei, 88 joinha, em 2 de dezembro de 2021 esse vídeo foi publicado e é a leitura do livro <i>Alguém Muito Especial</i>, que é sobre o autismo, então, assim... autismo ou síndrome de Down, agora eu estou na dúvida, mas a gente tem no acervo aqui, e foi muito legal, porque um livro com uma temática dessa tem tantas visualizações, tantos compartilhamentos, <b>então foi bem importante</b>. Então o canal de histórias não era visualizado só pela comunidade escolar, ele acabou se espalhando assim, pelas outras escolas, colegas compartilhavam, então, tinha outras professoras... os vídeos foram utilizados nas aulas também. [...] E o que mais? Eu acho que o principal que a gente tem que falar é que <b>existiram perdas e existiram ganhos com a pandemia</b>. Acho que o ganho foi essa experiência que a gente teve, de <b>saber que o trabalho do bibliotecário vai</b></i></p>	<p>A visibilidade que o trabalho recebeu foi muito gratificante para todos. O trabalho pôde ser aproveitado mesmo após o fim da pandemia. O trabalho no ensino remoto abriu possibilidades para a atuação do bibliotecário escolar. Saber que o trabalho do bibliotecário vai além do objeto-livro; está na formação de leitores que compreendem o mundo e a si mesmos como indivíduos.</p>

*muito além do livro, do objeto-livro. Ele vai além, ele vai na formação de leitores e não leitores apenas decodificadores ou de ajudar na interpretação, na visão crítica e tal. Não, a gente vai para além que é a visão de mundo, né. Então nunca tinha uma história que eu lia ponto final. Sempre tinha uma discussão depois, sempre tinha algo a acrescentar, uma reflexão e isso que eu considero de mais importante da nossa profissão, sabe, de fazer com que as pessoas tenham essa **leitura de mundo, tenham essa compreensão de mundo, de si enquanto indivíduo.** Isso perpassa pela literatura, perpassa pelas questões de organização também, sabe? Eu sou muito também dessa parte de organização em geral, não só de livros, mas organização da vida, de tudo, sabe? E a biblioteconomia perpassa por isso e a partir do momento... Ah, e de busca de informação, da troca de informação, da formação do conhecimento, do compartilhamento de experiências... [...] Mas essa conclusão que eu tiro, do nosso trabalho na pandemia. É que a gente teve muitas perdas, que teve **crianças que estavam nesse processo de formação de leitor, que estava muito intenso ali comigo, no chão da biblioteca, no tatame ali com a gente, estava indo bem aí com a pandemia se perderam, mas outros entraram nessa onda da leitura, entraram,** vieram com a gente porque estava no celular, que a gente não estava, entende?*

*Ai só falava de youtuber, só falava de Lutas Neto, de Filipe Neto, ai agora está vendo eu e tá ali. Então a gente teve perdas, mas também teve muitos ganhos, **até mesmo pra gente se capacitar, pra gente conhecer** que tem outras áreas de atuação, que tem outras maneiras, não só aqui no chão, mas também tem na nuvem, vamos dizer assim, **a gente pode estar em qualquer lugar,** a gente pode acessar. Então é bem importante. Ai quando um aluno precisa se ausentar, fazer um tratamento de saúde, a gente tem como contatá-lo, a gente sabe o que fazer pra continuar, então **acho que deu***



	<i>ferramentas, e se se repetir, a gente sabe o que fazer agora.</i>	
E5	<p><i>Não, acho que é isso, era mais com relação ao Covid mesmo, a época da pandemia, daí foi isso, [...], daí fiquei mais um tempo em home office, porque ainda rolava pandemia, numa situação menor, mas as pessoas já tinham voltado, mas foi bom por isso que eu te falei, <b>ter conseguido alimentar mais a nossa base de dados.</b></i></p> <p><i>Tipo, antes isso aqui tudo era só Anísio Teixeira, todos os lados, agora todas as laterais já estão catalogadas, cadastradas no Pergamum, etiquetadas, tudo certinho, prontas para o empréstimo, <b>então isso tudo foi um trabalho de pandemia também, que é passos lentos de formiguinha, mas tudo certo, vamos lá?</b></i></p>	O trabalho <i>home office</i> permitiu avançar muito na catalogação do acervo.

**APÊNDICE D – SÍNTESE DAS IDEIAS CENTRAIS E DISCURSOS DO SUJEITO  
COLETIVO**

**Questão 1: Você pode comentar como era a sua relação com as tecnologias digitais da informação antes do período da pandemia do Covid-19?**

<b>Síntese das ideias centrais</b>	<b>Entrevistado</b>
Não tinha acesso a computador/ferramentas	E1;
Na biblioteca escolar fazia o básico.	E1; E2; E3
Somente no sistema Pergamum	E2
Sempre tive afinidade/facilidade.	E3; E4; E5
Não tinha pensado em usar para trabalho; fazia apenas uso pessoal.	E4

*DSC 1: Antes da pandemia de covid-19, tinha afinidade com o uso das tecnologias. Porém, na biblioteca escolar, utilizava apenas para fazer o básico, como o sistema Pergamum. Algumas vezes não utilizava por não ter acesso ao computador ou outras ferramentas, além de não ter pensado em usar para trabalho, fazia apenas uso pessoal.*

**Questão 2: De que forma o seu trabalho durante o ensino remoto mudou essa relação com as tecnologias?**

<b>Síntese das ideias centrais</b>	<b>Entrevistado</b>
Mudou bastante; mudou completamente	E1; E3
Tive que estudar; fui pesquisando e aprendendo;	E1; E3; E4
Foi bem trabalhoso	E1
Vi a necessidade e o potencial de usar as TDICs	E2
Foi um aprendizado muito grande	E3
Utilizei de forma mais profissional	E3; E4
Agregou ao meu trabalho	E5

*DSC 2: Meu trabalho durante o ensino remoto mudou minha relação com as tecnologias, pois tive que estudar e pesquisar para aprender a utilizá-las. Mudou bastante a minha relação e completamente o meu trabalho, visto que comecei a utilizar de forma mais profissional. Senti que foi muito trabalhoso, porém vi a necessidade e o potencial de usar as TDICs e acredito que elas agregaram ao meu trabalho, foi um aprendizado muito grande.*

**Questão 3: Quais ações você desenvolveu com a biblioteca escolar durante o ensino remoto?**

<b>Síntese das ideias centrais</b>	<b>Entrevistado</b>
Site da biblioteca	E1; E2; E3; E4; E5

Divulgação de <i>sites</i> educacionais	E1; E3
Livros digitais de acesso público	E1; E2; E5
Podcast de poesia e contação de história e com professores por área	E1; E5
Vídeos de história da <i>internet</i>	E1; E3
Informatização da biblioteca (Pergamum)	E1
Empréstimo/doação de livros físicos	E1; E2; E4
Atividades impressas com textos ou poesias e atividades	E1; E2; E3; E4
Contação de história síncrona; a leitura era um momento de prazer; nem sempre era necessário fazer atividades sobre, para que o momento fosse aproveitado	E3; E4; E5
Gravação de contação de história para postar no <i>YouTube</i> e enviar aos alunos	E3; E4;
Redes sociais da biblioteca; <i>Facebook</i> ; <i>Instagram</i> com indicações de adaptações filmes adaptados de livros;	E3; E4
Apoio informacional aos professores	E3
<i>YouTube</i> literário	E3; E4
PDF com informações literárias e científicas e curiosidades	E4

**DSC 3:** *Durante no ensino remoto, desenvolvi um site da biblioteca escolar, com divulgação de livros digitais de acesso público e vídeos de contação de história encontrados na internet, além de postar podcasts que gravamos de poesia, contação de história e com professores de cada disciplina, assim como divulgações de sites educacionais. Quase sempre encaminhava atividades impressas para alunos sem acesso à internet, com textos ou poesias e atividades. Ocasionalmente, entrei em aulas síncronas para fazer contação de histórias com as turmas, onde a leitura era um momento de prazer; nem sempre era necessário fazer atividades sobre, para que o momento fosse aproveitado. Às vezes realizava empréstimo ou doação de livros físicos e, com menos frequência, fiz a gravação de contações de histórias para postar no YouTube e enviar aos alunos, abri redes sociais para a biblioteca, como Facebook e Instagram com indicações filmes que foram adaptados de livros; criei um YouTube literário, onde postava as histórias e indicações de leitura. Também postei no site da biblioteca, PDFs com informações literárias e científicas e curiosidades. Raramente, realizava a informatização da biblioteca no Pergamum.*

**Pergunta 4: Quais foram os maiores desafios para exercer a sua profissão na rede municipal durante o ensino remoto?**

Síntese das ideias centrais	Entrevistado
Arcar com a despesas como de <i>internet</i> e gasolina por conta própria;	E1; E3;
Pagar por aplicativos e plataformas	E1; E3
Comprar ou arrumar celular; conseguir computador da escola	E1; E3; E4

Foi assustador	E1
Não sabia como trabalhar de forma remota	E1
Conciliar trabalho com a vida doméstica/família	E1
Interessar os alunos	E2
Encontrar recurso informacional/obras de acesso aberto; não ter acesso aos recursos físicos	E2; E4; E5
O processo de pesquisa, gravação e edição dos vídeos era muito trabalhoso e minucioso.	E3; E4;
Manter o vínculo com os alunos; a biblioteca precisa de contato humano	E3; E5
Pesquisar e aprender sozinho	E3
Falta de apoio e informação sobre como trabalhar	E3
Manter a conexão com o objeto-livro	E4
Comunicação com crianças e famílias sem acesso à <i>internet</i> ; receber feedback de alcance das atividades	E4; E5
Aceitação dos colegas pelo esforço do trabalho extra	E4
Horas e volume de trabalho muito maiores	E4

**DSC 4:** *Um dos maiores desafios para exercer minha profissão neste período foi a dificuldade de encontrar recursos informacionais online e obras de acesso aberto, assim como a necessidade de comprar e arrumar o aparelho celular, ou conseguir computador da escola para fazer as atividades. Algumas vezes precisei pagar com minha própria renda por aplicativos e plataformas e arcar com todas as despesas envolvidas. Para mim, o processo de pesquisa, gravação e edição dos vídeos foi muito trabalhoso e minucioso. A comunicação com crianças e famílias sem acesso à internet também foi uma dificuldade e a falta de feedback do alcance das atividades que desenvolvi. Às vezes sentia que era muito importante manter o vínculo com os alunos, manter a conexão com o objeto-livro, mas acredito que a biblioteca precisa de contato humano, por isso foi muito difícil. Penso que foi assustador, pois não sabia como trabalhar de forma remota e conciliar o trabalho com a vida doméstica e o cuidado com a família foi um desafio. Ocasionalmente sofri com a necessidade de pesquisar e aprender tudo sozinho, sem apoio e informações sobre como trabalhar, além da não aceitação dos colegas pelo esforço extra com as horas e volume de trabalho muito maiores que executei.*

**Pergunta 5: Você recebeu capacitação e suporte para se adequar a essas mudanças e as novas demandas?**

Síntese das ideias centrais	Entrevistado
Sim	E1; E2; E3; E4;
Não	E5
Recebemos tardiamente; quando ofereceram, já estava defasado e não ajudou	E2; E3;

Fiz cursos de editoras; livrarias; do Conselho de Biblioteconomia;	E1
No início, aprendi por minha conta	E1; E2
Apenas para as plataformas do Google Sala de Aula/Meet	E1; E2; E3
Não na área da biblioteconomia	E2; E3
A prefeitura ofereceu suporte rapidamente	E4
Não tivemos capacitações.	E5

**DSC 5:** *A prefeitura ofereceu capacitações para nos adaptarmos às mudanças, mas foram tardias e não abrangiam a biblioteconomia, sendo apenas sobre as plataformas do Google, como Google Sala de Aula e Google Meet. No início, precisei aprender a utilizar as tecnologias por minha conta. Raramente a prefeitura ofereceu suporte rapidamente ou não tive capacitação nenhuma. Fiz, ainda, cursos oferecidos por editoras e livrarias e pelo Conselho de Biblioteconomia.*

**Pergunta 6:** **Quais parcerias você estabeleceu para dar conta dessa demanda por bibliotecas escolares nesse período?**

<b>Síntese das ideias centrais</b>	<b>Entrevistado</b>
Auxiliar de biblioteca	E1; E3
Professores da escola/rede	E1; E3; E4; E5
Bibliotecários da rede	E1; E3; E4
Professor de tecnologia educacional foi um suporte tecnológico da escola	E3; E4; E5
Direção da escola	E1; E2
Amigos	E1
Estagiários	E3
DIBEC	E4

**DSC 6:** *Fiz parcerias para conseguir atender as demandas, com os professores da escola ou da rede, valendo citar o professor de tecnologia educacional que foi um suporte tecnológico da escola. Os bibliotecários da rede também se apoiaram. Eventualmente tive parcerias com auxiliares de biblioteca e a direção da escola. Algumas vezes recebi apoio de amigos, estagiários e do DIBEC.*

**Pergunta 7:** **E para você, como foi trabalhar em home office?**

<b>Síntese das ideias centrais</b>	<b>Entrevistado</b>
Muito difícil; ruim; assustador	E1; E3; E4
Me acostumei depois	E1; E4
Aprendi bastante	E1
Foi tranquilo, não tive dificuldade;	E2; E5

Não foi adequado para o trabalho da biblioteca escolar	E3
Não tivemos suporte e aprendemos tudo sozinhos	E3
Exaustivo	E4
Prejudicou minha saúde	E4
Prejudicou o relacionamento familiar	E4

**DSC 7:** *Sinto que trabalhar em home office foi muito difícil, ruim e assustador. Me acostumei depois, mas penso que não o ERE não foi adequado para o trabalho na biblioteca escolar. Sofremos com a falta de suporte e precisamos aprender tudo sozinhos. Sinto que foi exaustivo e prejudicou minha saúde e o meu relacionamento familiar. Por fim, aprendi bastante neste período e raramente considero que foi tranquilo e não tive dificuldades.*

**Pergunta 8: O que você aprendeu com as tecnologias durante o ensino remoto, afetou o seu trabalho quando você voltou para as aulas presenciais?**

Síntese das ideias centrais	Entrevistado
Contribuiu para o meu trabalho; me capacitou como bibliotecário	E1; E3; E4; E5
Não afetou meu trabalho	E2
Alívio com o retorno para o presencial	E2
Mudou completamente	E3
Mídias sociais como ferramenta de trabalho e campo de atuação	E4
Mantive algumas atividades	E3; E4
As histórias gravadas se tornaram um acervo e continuaram sendo usadas com o fim da pandemia.	E4
Não mantive as atividades	E5;
Melhorou a conexão da biblioteca com as tecnologias	

**DSC 8:** *O que aprendi com as tecnologias durante o ensino remoto contribuiu para o meu trabalho e me capacitou mais ainda como bibliotecário, melhorou a conexão da biblioteca com as tecnologias e mantive algumas das atividades que foram realizadas. Algumas histórias gravadas se tornaram um acervo e continuaram sendo usadas em sala com o fim da pandemia. Sinto que mudou completamente meu trabalho e me fez ver as mídias sociais como uma ferramenta de trabalho e campo de atuação. Foi um alívio o retorno para o ensino presencial. Raramente não afetou meu trabalho.*

**Pergunta 9: Quais as maiores contribuições do curso de biblioteconomia que te auxiliaram em uso das tecnologias nesse período?**

Síntese das ideias centrais	Entrevistado
Nenhuma; formação antiga.	E1; E2
Investigação científica	E3; E4
Uso de aplicativos/plataformas; criação de <i>sites</i> .	E2; E3; E4; E5
Uso de mídias sociais	E3;
Uso de fontes confiáveis	E3; E4
Direitos autorais	E3; E4
Importância da literatura na formação de leitores	E3; E4
Classificação	E4

**DSC 9:** *O curso de biblioteconomia contribuiu ao me preparar para o uso de aplicativos e plataformas, assim como para a criação de sites. Outras contribuições do curso que me auxiliaram foram o foco na investigação científica, a importância do uso de fontes confiáveis, a questão do cumprimento de direitos autorais e a importância da literatura na formação de leitores. Algumas vezes, o uso das mídias sociais e a classificação abordadas no curso também me ajudaram nesse período. Raramente senti que não houve contribuição do curso, devido a ter uma graduação antiga.*

**Pergunta 10: Se tiver mais alguma coisa que você gostaria de falar.**

Síntese das ideias centrais	Entrevistado
A pesquisa é interessante.	E1
A biblioteca escolar conquistou espaços, mas é uma luta contínua.	E1
As tecnologias ajudam, mas ainda existem muitas pautas para serem discutidas.	E1
Cada um fez o que pôde durante a pandemia.	E2; E3
O mais difícil foi para os alunos, por ficarem em casa, muitos sem acesso às tecnologias e dificuldades financeiras; não foi ideal, houve alunos que não foram alcançados.	E2; E3
Fiz muitas atividades durante o ERE.	E3; E4
O retorno pelo trabalho foi gratificante.	E4
O trabalho foi aproveitado após o ERE.	E4
O trabalho no ensino remoto abriu possibilidades para a atuação do bibliotecário escolar.	E4
Saber que o trabalho do bibliotecário vai além do objeto-livro; está na formação de leitores que compreendem o mundo e a si mesmos como indivíduos.	E4
O trabalho <i>home office</i> permitiu avançar muito na catalogação do acervo.	E5

**DSC 10:** *Gostaria de falar que considero que cada um fez o que o pôde durante a pandemia. Sinto que o mais difícil foi para os alunos, por ficarem em casa, muitos sem acesso às tecnologias e com dificuldades financeiras. Embora tenha feito muitas atividades durante o ERE, não foi o ideal, houve alunos que não foram alcançados. Considero que a pesquisa é interessante e penso que a biblioteca escolar conquistou muitos espaços, mas é uma luta contínua e apesar de as tecnologias ajudarem, ainda existem muitas pautas a serem discutidas. Senti que o retorno que recebi pelo meu trabalho foi gratificante e alguns trabalhos foram aproveitados após o ERE. Acredito que o trabalho no ensino remoto abriu possibilidades para a atuação do bibliotecário escolar e que com isso percebi que o trabalho do bibliotecário vai além do objeto-livro; está na formação de leitores que compreendem o mundo e a si mesmos como indivíduos. Por fim, acho que o trabalho home office permitiu também avançar muito na catalogação do acervo.*



## APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de mestrado A ATUAÇÃO DE BIBLIOTECÁRIOS ESCOLARES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS DURANTE O ENSINO REMOTO IMPOSTO PELA PANDEMIA DA COVID-19, que fará uma entrevista individual com cada participante, tendo como pergunta norteadora “quais as representações construídas por bibliotecários escolares das Rede Municipal de Ensino de Florianópolis acerca do uso das TDICs, durante o ensino remoto emergencial?”, sendo o objetivo geral conhecer as representações sociais construídas pelos bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis acerca do uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação a partir do ensino remoto emergencial nos anos de 2021, e os objetivos específicos a) identificar adaptações e atividades desenvolvidas pelos bibliotecários da rede de ensino municipal supracitada durante o ensino remoto emergencial; b) explorar a relação dos bibliotecários escolares com as TDICs à partir do ensino remoto emergencial; c) conhecer a partir dos discursos dos bibliotecários a continuidade dos projetos realizados após o retorno às aulas presenciais e d) propor uma oficina com acadêmicos do curso de biblioteconomia sobre uso de TDICs em bibliotecas escolares. Serão previamente marcados a data e horário para realização da entrevista, utilizando um roteiro de entrevistas e um aparelho para gravação de áudio das entrevistas. Estas medidas serão realizadas em local previamente agendado com o participante da pesquisa, de acordo com sua disponibilidade. Não é obrigatório responder a todas as perguntas.

O(a) Senhor(a) e seu/sua acompanhante não terão despesas e nem serão remunerados pela participação na pesquisa. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão ressarcidas. Em caso de danos, decorrentes da pesquisa será garantida a indenização.

Os riscos destes procedimentos serão mínimos por envolver o relato de experiências profissionais e/ou pessoais do participante no que diz respeito ao uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação e atuação como bibliotecário escolar no período do ensino remoto, podendo gerar insegurança, timidez ou outros sentimentos decorrentes da exposição destas experiências, sendo que o participante fica livre para recusar responder qualquer pergunta, pausar a entrevista para repousar ou retirar-se da pesquisa. O pesquisador irá ainda se mostrar solícito, disponível para sanar qualquer dúvida ou insegurança do participante da pesquisa, sem pressioná-lo de qualquer forma durante a entrevista.

A sua identidade será preservada pois cada indivíduo será identificado por um número.

O benefício e vantagem em participar deste estudo será a construção de um discurso que representará o coletivo dos participantes da pesquisa, descrevendo a atuação destes bibliotecários no período do ensino remoto, descrevendo seus esforços em realizar seus trabalhos em meio à pandemia e ao distanciamento social, preservando a memória das suas ações e expondo a realidade vivenciada por profissionais da área no período citado. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para preservar o trabalho que foi realizado por bibliotecários escolares durante o ensino remoto, assim como anunciar suas conquistas e aprendizados e denunciar as dificuldades e negligências sofridas.

A pessoa que acompanhará o procedimento será a pesquisadora estudante de mestrado Giovanna Viroli Budin, formada em Biblioteconomia pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

O(a) senhor(a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO: Giovanna Viroli Budin

NÚMERO DO TELEFONE: (48) 9 9695-4725

ENDEREÇO: Servidão Maringá, 211 – São João do Rio Vermelho – Florianópolis – SC – 88060-328

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPESH/UEDESC

Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901

Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cep.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SRTV 701, Via W 5 Norte – lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte - Brasília-DF - 70719-040

Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso

\_\_\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_ Data:

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ .